

A FORÇA DO ESPELHO

Auta Sirlei Barbosa de Oliveira

Barbearia de campanha

Logo que chega a crescente
O oficial competente
Vai se enchendo de alegria
Ceva um mate topetudo
E espera os melenudos
Pra afeitar a freguesia

Num estilo bem vaqueano
Vai recebendo os paisanos
Na porta da barbearia

O corte é sempre igual
Pois cabeça de bagual
Não precisa de vaidade
Usa "o meio cabeleira"
Que agrada as estancieiras
E as moças da cidade

O barbeiro seu Lautério
Por ser um gaúcho sério
Se desdobra como pode...
Barbeando o Dr. Assis
Cortou a ponta do nariz
Pra emparelhar o bigode

"Barbearia de campanha
Marca antiga e tradição
O serviço é macanudo
Ajeitando os tabacudo
Para os bailes do rincão"

A navalha cortadeira
Chega juntar varejeira
De tanto sangue coalhado
Aparando as costeletas
Deu um taio na bochecha
Do filho do delegado

Por isso não se assustemo!
...é bom pra sair o veneno!
...volte sempre! Obrigado...

"Vendo couro e vendo lâ"
"Fiado é só amanhã"
Assinado: a gerência...
A plaqueta no espelho
Pendurada junto ao relho
Agradece a preferência

Nunca falta um guaipeca
E um vadio lambendo "séca"
Até à hora de fechar...
Depois de passar a vassoura
Da uma afiada na tesoura
Pra a amanhã recomeçar.

Binho Pires e Érlon Péricles

Filho,

Esta é um pouco da história do lugar onde nasceste.

A que consegui compreender durante esses oito anos.

Sempre que leio sinto-me mais perto das minhas raízes, e de mim mesma.

Aqui está um pouco de Canguçu que tu não conheceste.

Portanto, espero que te sintas também, mais perto da tua história.

Te amo!

Dedico este livro ao amigo Ruben,

A quem soube me conduzir pelo doce caminho das histórias.

*É um livro vivido por ele e escrito por mim, onde cada caso me
leva ao passo seguinte da história.*

*Ou, quem sabe, para a porta mágica que percorre os tempos na
nossa Princesa dos Tapes.*

A luta dos heróis nas muitas pelejas!

O cirandar faceiro das moças nos bailes, nas sociedades,

A alegria do encontro e as amizades verdadeiras.

Este livro é um pouco isso!

Eu, tu e nós!

Obrigada, Amigo!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 01 - O MELHOR ESPELHO É UM VELHO AMIGO.....	19
A profissão de Barbeiro no Brasil.....	20
CAPÍTULO 02 – DE FRENTE PARA O ESPELHO.....	25
Ruben Rosa Ferreira.....	25
Ruben e os estudos.....	32
O desenvolvimento da Educação em Canguçu.....	34
Olhar sobre a Educação dos Jovens de Canguçuenses.....	38
Ruben e a profissão de Barbeiro.....	39
O encontro de uma vida.....	43
O lazer entre amigos.....	45
Valter faget Molina – “Seu””Molina.....	45
A “Sinfônica” ou A “Furiosa do Molina”.....	46
Ruben e a “Típica”.....	47
CAPÍTULO 03 – O NASCEDOURO DE CANGUÇU.....	52
O Princípio.....	52
Os indigenas e sua distribuição no Rio Grande do Sul.....	52
Origem da palavra Gaúcho.....	53
Primeiros habitantes de Canguçu.....	54
Índios de 1620 a 1730.....	55
Índios Tapes.....	55
A nação Guarani.....	58
Os Índios Pampeanos.....	61
CAPÍTULO 04 – CANGUÇU COMO PONTO ESTRATÉGICO.....	64
A Real Feitoria do Linho Cânhamo.....	65
Os açorianos e os primeiros habitantes de Canguçu.....	67

A diversidade na origem do nome.....	71
O contexto do município no século XVIII.....	73
CAPÍTULO 05 – O TROPEIRISMO E O DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO SUL.....	77
O contexto dos tropeiros.....	80
O ciclo do tropeirismo chega ao fim.....	83
CAPÍTULO 06 – BREVES OLHARES SOBRE CANGUÇU.....	85
A formação da administração.....	87
De Cangussú para Canguçu – Mudança na grafia.....	88
Últimos anos do Império – Uma terra sem lei.....	88
A fábrica de mármore Cangussuana.....	90
CAPÍTULO 07 – O PERCURSO DA MODA.....	91
A virada do século – 1890 – 1910.....	93
O modernismo – 1910 – 1992.....	94
A mulher sedutora – 1922 – 1934.....	94
A alegria das cores 1934 - 1946.....	95
Praticidade na moda 1946 - 1960.....	95
A revolução de uma época 1960 – 1974.....	96
Mudança de cultura 1974 - 1990.....	96
Anos 90 – influencia dos anos anteriores.....	99
A partir de 2000 – surgimento de novos talentos.....	99
CAPÍTULO 08 – O DESENHO DE CANGUÇU A PARTIR DA DÉCADA DE 40.....	101
O comércio.....	101
Luz elétrica – grande passo rumo ao progresso.....	102
Organização dos Clubes Sociais.....	104
Esporte Clube Cruzeiro.....	105
Irmãos da OPA.....	106

Ferrovia em Canguçu.....	107
Sanatório do Dr. João Swindt.....	109
Hospital de Caridade.....	110
Cine Teatro Glória.....	112
Clube Republicano Borges de Medeiros.....	113
A influência arquitetônica e as aquarelas de Nilson Prestes.....	115
CAPÍTULO 09 – CANGUÇU ATUAL.....	119
Aspectos demográficos.....	122
População.....	122
CAPÍTULO 10 – A INVISIBILIDADE DO NEGRO.....	124
O negro em Canguçu.....	126
Os negros e as comunidades quilombolas rurais.....	129
Negros e Pomeranos – Uma histórias diferente.....	130
CAPÍTULO 11 – OS POMERANOS.....	132
Pomeranos Brasileiros.....	135
Pomerânia: Cultura, costumes e trajes típicos.....	136
CAPÍTULO 12 – RUBEN E SEUS AFETOS.....	141
CAPÍTULO 13 – CONVERSA COM O ESPELHO.....	147
REFERÊNCIAS.....	150

A FORÇA DO ESPELHO

Algumas mulheres nascem para percorrer caminhos estranhos, não sei quem procura a obra, se é a pessoa quem escreve ou se a história que a escolhe. Entendo a arte de escrever histórias como a possibilidade de retirar aquilo que compreendi da vida; porém, acabada a página, a vida renova-se e acabo por me dar conta de que o que sabia e o que sei é pouco, diante da riqueza escondida atrás do espelho das vivências das pessoas.

Assim, assumindo minha incapacidade de captar os detalhes construídos no transcorrer dos anos, passo a relatar os relampejos de memórias de pessoas que viveram momentos deixados para trás e vivem assim como eu, a paixão de guardar dentro de si o desejo de que as lembranças não sejam esquecidas.

Naturalmente que as memórias relatadas aqui, encontram-se ligadas ao município de Canguçu, cidade onde sempre residi e onde nasceu meu filho, Tibiriçá Oliveira dos Santos, atualmente com dezenove anos.

Com a idade de nove meses Tibiriçá precisou fazer o primeiro corte de cabelo. Para isso, foi levado ao barbeiro Ruben da Rosa Ferreira, considerado pela nossa família como o profissional mais experiente da cidade, porque já cuidava dos cabelos dos meus dois sobrinhos na época, Lucas de Oliveira Hoffmann e Tomás de Oliveira Hoffmann. Acrescenta-se a estes agora, Afonso de Oliveira Hoffmann com 13 anos e Diogo de Oliveira Hoffmann com 12 anos.



Foto: Tibiriçá e “Tio Ruben”. Novembro de 1996.

Neste momento vem à memória a passagem que fez meu sobrinho, Lucas, filho mais velho da minha irmã perder o medo do Papai Noel. Quando contava com a idade de três anos aproximadamente, tanto ele como Tomás tinham medo enorme de Papai Noel. Numa visita ao “Tio” Ruben para cortar os cabelos, Lucas perguntou se ele também tinha medo, o qual respondeu que não, porque o mesmo frequentava a barbearia para aparar a barba, considerava-o uma pessoa boa. A partir daí, nunca mais nenhum dos dois choraram quando avistavam o Papai Noel.

No ano de 2007, numa das vezes em que fui acompanhar meu filho ao barbeiro, começamos a conversar sobre os acontecimentos ocorridos em Canguçu a partir da década de 40. Daí surgiu à idéia de registrar a visão de um homem que de forma simples interpretou as mudanças e o crescimento do lugar onde nasceu.

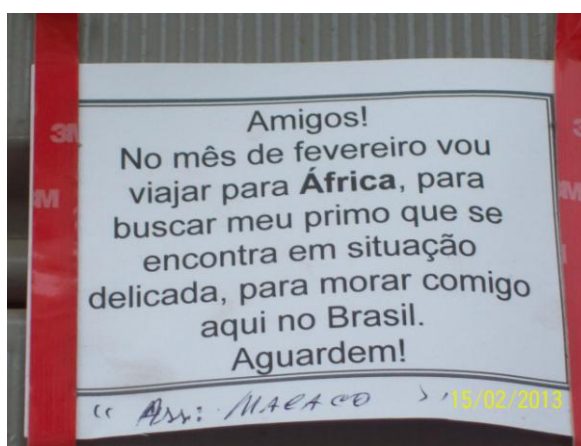
Durante esses oito anos de registros das memórias de Ruben muitas reflexões foram feitas no sentido de captar o contexto onde vive, com o objetivo de mostrar sua importância na comunidade Canguçuense, pelo qual agradeço por me confiar sua trajetória pessoal e profissional.

Procurou mostrar neste livro suas particularidades de origem familiar, trajetória escolar e profissional. Aqui, o grande desafio foi articular suas narrativas com a história do município, pois foi a partir de suas descrições que me foi permitido buscar referências bibliográficas embora que brevemente de um

determinado tempo na história. Isto foi especialmente importante no sentido de complementar sua visão de vida, bem como, reflexões sobre as experiências que marcaram sua vida, reconstruindo caminhos desde os primeiros anos de escola, influenciando pela prática e perfil de profissional na arte de barbeiro.

E a vida o fez pensar, afinal, são mais de cinqüenta anos de caminhada na profissão de barbeiro. E a força do olhar diante deste espelho se perde no horizonte, como que refazendo parte de tantas histórias de que participou e observou, através da porta larga e transparente da barbearia localizada no coração da cidade, e seus bonecos de brinquedo, macaquinhos, sentados em suas cadeirinhas à porta, saudando as pessoas ao passar, assoviando ou dizendo: “te amo, te amo”.

Como havia somente um macaquinho fazendo a festa na porta da barbearia, na época das férias de Ruben, ele resolveu deixar um recado para os clientes na porta, conforme aviso a seguir.



Cartaz exposto na porta da barbearia em fevereiro de 2013, avisando o período de férias de Ruben.



Foto: Agora com o Primo. “Ele é o cara, eu sou o primo”. Foto registrada por Alan Otto Redu no dia 01 de dezembro de 2014.

É na soma desse olhar alegre, que eu conto breves partes das histórias que assisti algumas e soube de outras, afinal, como município Canguçu só tem cem anos a mais do que eu. Portanto, este fato permite que as lembranças venham à memória, como um perfeito quebra-cabeça. Vejo os olhos e vejo o tempo cavalgando, galopando lentamente, principalmente no momento em que nos coloca frente à frente com as situações que assumimos como responsabilidades.

Ouvindo Ruben contar histórias, sinto-me voar nos campos abertos de Canguçu, sentindo o vento miniano de agosto batendo no rosto, numa noite de lua cheia, tendo à frente caminhos trilhados por animais domésticos e árvores nativas que compõem até hoje a geografia do município; poderia ser qualquer lugar afastado das grandes cidades que passa despercebido aos olhos de muitos que nunca viveram tal experiência.

Ruben vive num município cuja característica principal é marcada por um povo honesto, trabalhador, alegre e receptivo distribuídos em cinco distritos que possuem características étnicas definidas, graças à disputa entre Portugal e Espanha que lutavam pelos limites territoriais, centralizados naquela época no Uruguai, de onde os colonos migraram para o município fugindo daquelas disputas. Segundo alguns historiadores, há uma predominância maior de portugueses e espanhóis no 1º, 3º e 4º distritos, e no 2º e 5º de alemães.

No caso do espanhol Ruben, foi criado com o pensamento, liberto das amarguras, travessuras de guri criado com os mesmos amigos, irmãos de coração, que tiveram Canguçu como quintal, formaram o exemplo que procuramos para nossos filhos e netos, porque nos dão o sentido e a direção da liberdade que se quer. Por isso é preciso lembrar, é preciso escrever.

CAPÍTULO 01 - O MELHOR ESPELHO É UM VELHO AMIGO

O homem não deve poder ver a sua própria cara. Isso é o que há de mais terrível. A Natureza deu-lhe o dom de não a poder ver, assim como de não poder fitar os seus próprios olhos. Só na água dos rios e dos lagos ele podia fitar seu rosto. E a postura, mesmo, que tinha de tomar, era simbólica. Tinha de se curvar, de se baixar para cometer a ignomínia de se ver. O criador do espelho envenenou a alma humana.

Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, 2002.

Adoraria poder contar de forma completa a história da profissão de barbeiro. Mas, esse ofício segundo a historiografia é antigo, segundo Sanchez (2009), a profissão surgiu desde os tempos da Grécia, onde as imagens utópicas das divindades mitológicas assumiam um ideal de beleza e perfeição corporal. Essa preocupação estética levou à necessidade de um espaço exclusivo e adequado para o tratamento de beleza, incluindo o capilar.

A mesma autora diz que a aparência para os egípcios estava ligada ao status. O temor de piolhos e pragas fazia com que muitos raspassem a cabeça e usassem perucas. O corte mais comum era o reto, na altura da orelha. Em Creta que era uma cidade-estado, pois possuía um sistema de governo monárquico, governada por um rei, a moda era os cabelos crespos e para os que não nasciam assim mais ondulados, usavam ferro quente.

Já para os gregos, o loiro era o ideal. Para pintar os cabelos, usavam um alvejante com aspecto de água sanitária na época chamado de lixívia ou enxugavam a cabeça com flores amarelas ou água de macela. No penteado, figuravam os pequenos coques entre as mulheres e os cortes arredondados entre os homens.

Desta forma, foi no Império Romano que surgiu o primeiro barbeiro profissional. Como os romanos consideravam a calvície feia, os romanos tinham corantes para colocação dos cabelos e remédios e loções. Existem registros que contam que os romanos se preocupavam tanto com a arrumação dos cabelos que foi nessa época que surgiram as primeiras cabeleireiras.

Da mesma forma, as manicures e podólogos são referidas na Antiguidade datadas de 3.500 a.C. Os chineses e os egípcios foram os primeiros povos a

cuidar das unhas, pintando-as com uma pasta ou tintura de hena, cujas cores estavam relacionadas com a posição social do indivíduo (BORGES, 2009).

Progressivamente, foram surgindo os primeiros salões de beleza e a profissão de barbeiro, exclusiva para o sexo masculino. Os homens pertencentes à nobreza e os guerreiros, apresentavam cabelos compridos, sustentados por faixas, correntes ou condecorações. Os adolescentes copiavam os penteados de Apolo e Arquimedes, enquanto os velhos e filósofos usavam cabelos longos e barbas densas, como símbolo de sabedoria.

Os germânicos inspiraram as barbas dos homens e as tranças das mulheres. As barbas e bigodes eram cortados com ponta de lança, à imagem de uma sociedade de gladiadores. Os escravos se distinguiram dos homens livres, apresentavam cabelos curtos e lisos, não se permitindo barbas nem bigodes.

Nas antigas culturas, quem pegasse na barba ou cabelo de uma pessoa, era severamente punido, pois significava um atentado à honra e uma intromissão em sua psique. As mulheres da corte e dos feudos na idade média, só podiam ficar sem touca longe da visão masculina. Segundo Ana Carlota¹ (2011), "Como o cabelo sugeria erotismo, elas raspavam a cabeça na linha da testa, das orelhas e da nuca, para que nada aparecesse quando o toucado saísse do lugar".

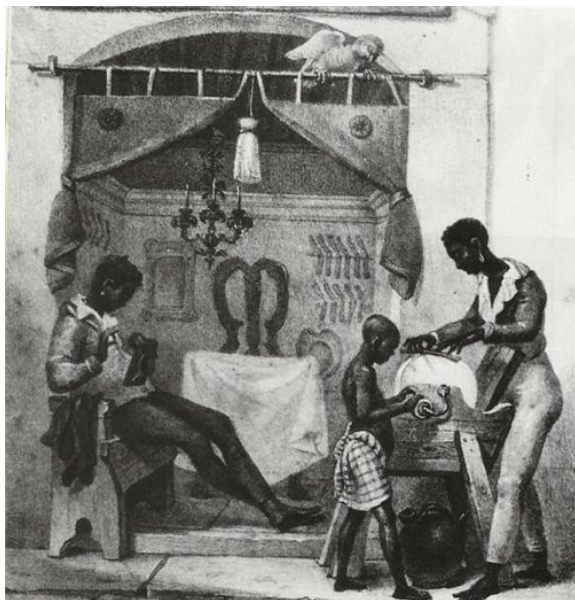
A Profissão de Barbeiro no Brasil

É difícil falar sobre a profissão de barbeiro sem mencionar as pesquisas dos historiadores a respeito do descobrimento do Brasil por Portugal, na época comandado pelo rei D.Manuel I. O processo de colonização só iniciou trinta anos após o descobrimento da nova terra no reinado de D. João III, sendo que o primeiro povoado brasileiro foi batizado de São Vicente, fundado por Martim Affonso de Souza em 1530. Mais tarde em 1550 Thomé de Souza fundava as cidades de Salvador e Rio de Janeiro.

Assim, embora houvesse poucos habitantes nesses núcleos, deveriam existir os chamados "mestres" de todos os ofícios que atendessem às

¹ Egípcios antigos usavam gordura de rabo de jacaré para amaciar os cabelos – Disponível em <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1369440-16107,00.html>. Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

necessidades mais urgentes e, entre eles mestres cirurgiões e barbeiros, que curassem de cirurgia, mordeduras de cobras, sangrassem e tirassem dentes, e claro, cuidassem dos cabelos e barba. Registrado nas obras de Debret no século XIX.



DEBRET, Jean-Baptist. Prancha 11 – Barbeiros Ambulantes in <http://oohodahistoria.org/artigos/IMAGENS-escravos-libertos-homens-secxix-cristiane-magalhaes.pdf>.

Portando, a referida função se confunde com outros ofícios ligados à saúde principalmente no período histórico do Século XVI e XVII. Segundo Joaquim Pinto (2009), os barbeiros eram profissionais que andavam pelas províncias prestando seus serviços que incluíam desde corte de cabelo, sangrias, benzedura, venda de raízes e por terem adquirido grande habilidade manual, passaram a atuar na boca, fazendo também extrações dentárias, dentre outras tarefas.

Como sujeitos em trânsito, os barbeiros levavam histórias, causos e acontecimentos muito variados, vividos por eles nas localidades por onde passavam. Por esse motivo, os barbeiros acabavam sendo pessoas respeitadas, conselheiros sociais, além de profissionais envolvidos com a solução de problemas ligados à saúde do espírito e do corpo. Embora tivessem que passar por dois anos de prática nos hospitais, até que o cirurgião responsável passar a

carteira para exercer a atividade, os barbeiros exerciam as funções trabalhos de dentista, barbeiro, cirurgião, curandeiro e sangrador livremente.

A respeito dos sangradores, Santos (1977) diz que os barbeiros realizavam sangrias (retirava o sangue), prática muito comum através de sanguessugas e ventosas que é um vaso cônico de vidro ou de metal que se aplica sobre a pele e no interior do qual se rarefaz o ar com estopa queimada ou por outros processos, a fim de determinar uma violenta aspiração que produzia uma revulsão na parte do corpo a que se aplica.

O mesmo autor diz que as primeiras barbearias no centro de São Paulo, surgiram durante a primeira guerra mundial, com a chegada dos primeiros navios imigrantes os quais desembarcavam no país milhares de homens, mulheres e crianças européias vindos principalmente da Itália, França, Espanha e numa menor quantidade de Portugal.

As ferramentas mais utilizadas pelos primeiros cabeleireiros eram as máquinas manuais como as da foto abaixo, eram utilizadas para os cortes masculinos, o pente de corte, as toalhas quentes para a barba e as navalhas que eram afiadas no couro.



Acervo particular de Ruben - 2015

Segundo trabalho de JC Francez (2009). No Largo São Francisco no centro, em São Paulo foi o palco do pioneirismo da barbearia em atendimento em ambiente adequado durante a primeira guerra mundial. Era freqüentada exclusivamente por homens, mas, mais tarde, as mulheres exigiram o mesmo

atendimento, embaladas pelas visitas aos Estados Unidos e Europa pressionadas pela moda e pelas mais importantes senhoras do estado.

As mulheres eram atendidas pelos primeiros barbeiros em espaços pequenos, divididos por paredes dentro do próprio espaço da Barbearia. Eram cubículos destinados ao atendimento exclusivo. JC Francez (2009) diz que a extensão era muito limitada, contava com lavatório, ferramentas, cadeiras entre outros acessórios necessários. A cliente penetrava no cubículo e saía de lá totalmente transformada.

Quanto aos produtos utilizados, eram os mais curiosos possíveis: cremes e pastas de frutas como abacate, cenoura, mamão, pepino e folhas de diversas árvores para todo tipo de tratamento capilar. Sem esquecer a pasta Gumex, largamente utilizada desde o início do século XX.



Acervo particular de Ruben - 2015

Quanto aos primeiros relatos do uso das tesouras como ferramentas preferenciais das cabeleireiras foram através das irmãs Carita. Segundo os historiadores, embora a tesoura já tivesse sido usada pelos antigos barbeiros a maioria ainda preferia as máquinas. O uso mais preferencial das tesouras deve-se ao fato de as primeiras mulheres cabeleireiras terem migrado da profissão de costureira e eram acostumadas ao uso de tesouras.

De maneira geral, as possibilidades sociais e estéticas para as mulheres continuaram se abrindo principalmente durante e após a primeira guerra mundial. Como será visto em capítulo específico; os cabelos curtos que reinavam desde a

guerra continuam bem aceitos na década de trinta. A maquiagem ganhava cor e brilho com a utilização de pó-de-arroz, rouge e baton.

À medida que o tempo foi passando, profissão de barbeiro e cabeleira foi se distanciando cada vez mais para atender às necessidades principalmente das mulheres como se pode observar na imagem abaixo de um salão de beleza de Paris, em 1944.



Foto capturada na internet: <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,MUL1369440-16107,00.html>. Acesso em 1º de março de 2015.

O reconhecimento legal como profissão de barbeiro, cabeleireiro e manicure ocorreu recentemente através da Lei 12.592/2012 promulgada no dia 18 de janeiro de 2012, criticada pelos especialistas por ser regulamentada de uma forma ampla sem tratar das especificidades de cada uma das profissões.

CAPÍTULO 02 - DE FRENTE PARA O ESPELHO

Jacobina é um homem de 45 anos e de origem humilde, que conseguiu subir na vida por conta de uma nomeação a um posto militar. Certo dia estava com mais quatro amigos em uma casa debatendo sobre a alma, o universo e outros assuntos.

Jacobina, porém, mantinha-se calado e parecia não estar muito interessado no assunto. Quando um dos presentes exige que ele dê sua opinião, Jacobina diz que irá contar um episódio de sua vida. Ele pretendia defender sua teoria de que cada pessoa possui duas almas: uma exterior e outra interior.

Aos 25 anos, Jacobina foi nomeado Alferes da Guarda Nacional, o que lhe garantiu uma mudança significativa de status. Sua família passou a elogiá-lo e a se orgulhar dele, e agora era o "Sr. Alferes". Um dia sua tia Marcolina o chama para ir até o sítio onde ela morava. Por conta do status de seu sobrinho, ela lhe oferece um grande espelho, proveniente da Família Real Portuguesa e melhor mobília da casa, e o coloca no quarto destinado a Jacobina. A partir de então tudo mudou em sua vida. A percepção que tinha de si mesmo passou a ser aquela que outros tinham dele, e a pessoa que Jacobina era não mais existia. Pouco tempo depois de chegar ao sítio, Marcolina saiu de viagem. Aproveitando a ausência dela, os escravos fugiram e Jacobina viu-se sozinho no sítio. Assim, passou os dias perdido nas sombras da solidão e angustiado por ter perdido a sua "alma exterior", fruto da imagem que os outros faziam dele. Em certo momento ele decide olhar o espelho e percebe que a imagem ali refletida estava corrompida e difusa, assim como a imagem que ele fazia de si mesmo na ausência dos outros. Não conseguindo enxergar a si mesmo com nitidez, Jacobina resolve vestir sua farda e olhar-se no espelho. Dessa vez a imagem refletida era nítida e com clareza de detalhes e contornos. Recuperando, assim, a "alma exterior" que preenchia sua "alma interior", Jacobina conseguiu evitar a solidão nos dias que se passaram. Terminado o relato de sua história, Jacobina vai embora e deixa seus amigos em um silêncio reflexivo.

Machado de Assis. (1952).

Ruben Rosa Ferreira

O canguçuense Ruben Rosa Ferreira nasceu dia 21 de agosto no ano de 1944, na localidade de Alto do Vime, 1º distrito de Canguçu. Filho do casal de agricultores, Horozimbo Ferreira e Zilda Rosa Ferreira. Com um ano e oito meses perde a mãe que faleceu aos 25 anos.

Ruben veio morar na cidade juntamente com seus dois irmãos a princípio aos cuidados dos avós maternos João Rodrigues da Rosa e Felicidade Santin da Rosa (Nina). Logo que o pai casou novamente, os irmãos se separam: Carlos vai auxiliar o pai na lavoura, a irmã Elza foi morar em Pelotas com o padrinho e Ruben continuou com a avó.



Ruben com a idade de um ano e oito meses com avó Felicidade.

Quanto ao sobrenome, quando seu pai nasceu, o avô foi registrá-lo com o sobrenome da família Borges, porém, o escrivão da época entendeu Ferreira. Como a população não tinha o hábito de discutir o poder das autoridades, não questionou. Registrou-se Rosa por parte de mãe de origem espanhola, cujos avôs vieram da Espanha.



Da esquerda para direita: Ruben, Elza e Carlos com os avôs João Rodrigues da Rosa e Felicidade Santin da Rosa (Nina).

Na época do nascimento de Ruben, surgiu no cenário grandes mudanças no Brasil e no mundo, a década era de grande efervescência histórica devido a II Guerra Mundial. No dia 6 de junho, começa ao amanhecer, a esperada invasão da Europa pelos aliados, conhecida como Dia D, nesse ano também o Brasil

declarou guerra ao Japão, Getúlio Vargas foi deposto, depois de oito anos de ditadura. Era o tempo dos cassinos, dos shows e das vedetes.

O tango fazia sucesso na música, ritmo iniciado no século XIX, se diferenciava dos outros ritmos na dança e a música muito popular na Argentina que teve como maior divulgador o cantor Carlos Cardel, falecido em 1935. Os homens brasileiros já assumiam a posição de românticos boêmios, não deixando de lado as serestas, dentre as melodias, mais preferidas encontram-se: Atire a primeira pedra de Orlando Silva e Besame Mucho de Jimmy Dorsey.

As mulheres conquistaram o direito de voto desde 24 de fevereiro de 1932, cresceram no mercado de trabalho, diante dos contextos político históricos, introduzindo mudanças na educação e no modelo de feminilidade - mediante a associação de novos conceitos aos papéis e desempenhos femininos, influenciados pela Segunda Guerra Mundial ocorrida entre 1942 e 1945, a qual alterou as noções de família e de lar. Isto se torna imperioso para indicar as rupturas, mas também as permanências e as continuidades.

Na moda, as mulheres aderiram ao estilo Carmen Miranda, cujos modelos eram publicados na revista “O Cruzeiro”, que trazia a artista em diversas performances e estilo próprio, representando a cultura brasileira entendida como uma mulher irreverente, desafiadora, pioneira e um verdadeiro ícone da história da moda em todo o mundo.

A administração de Canguçu era comandada pelo Interventor Federal Dr. Jaime de Faria. Em 1945 com a queda do Estado Novo assumiu a responsabilidade de governar o município o juiz de direito de Rio Grande, Osvaldo Muller Barlen, que na verdade, ficou no cargo por alguns meses e em 1946 retornou a administração Dr. Jaime de Faria.

Prosseguindo pelos caminhos da história de Canguçu, segundo registros existentes no Jornal O Cangussuense, acervo do Museu Municipal Capitão Henrique José Barbosa, no dia quinze de julho de 1945, houve grande movimentação da população para assistir ao Dr. Osvaldo Mullher Barlem², juiz da comarca de Rio Grande fazer a primeira aterrissagem de avião em Canguçu. Nesse sentido Ruben conta:

² Maiores detalhes sobre o assunto no Livro de Cláudio Moreira Bento. Canguçu reencontro com a História: um exemplo de reconstituição de memória comunitária. 2007, 2ªed. p. 223.

“Um das coisas mais bonitas de Canguçu era quando o Dr. Barlem vinha para a cidade de teço-teco que descia na Vila do Prado, onde atualmente é a residência do Sr. Bruno Palm, vinha de sua cidade natal Rio Grande. Quando chegava, todo mundo deixava o que estava fazendo para ver o avião, quando voltava para casa era a mesma coisa, parava a cidade para vê-lo subir em seu teco teco. Um dia, quando estava para ir embora, errou o cálculo, acabou a pista ao aterrar e deu um cavalo de pau, quebrou a ponta da hélice, que foi concertada por Lolito. Ao tentar levantar vôo, a ponta da hélice voou fora e Dr. Barlem caiu em cima de um galpão”.

Relato oral de Ruben em fevereiro de 2007, complementado pelo Coronel Cláudio Moreira Bento que também esteve presente na ocasião.



Ruben passou a infância entre as brincadeiras de guri, tomando banho de açude no verão e pescando lambari com amigos onde atualmente esta localizado o final da Rua Júlio de Castilhos, perto da entrada da piscina do Esporte Clube Cruzeiro. Nesse local, havia açudes com enormes vertentes de água, onde os animais matavam a sede e depois foram aterrados para construção de moradias, onde numa destas reside a autora.

Como era normal as crianças realizarem tarefas de acordo com a idade, o trabalho de Ruben, bem como dos demais meninos da época era o trato com os animais. Levavam para os pastos distribuídos nos vários terrenos nos arredores da cidade, rica em alimentação, água pura e abundante. Também,

exerceu a atividade de vendedor de verduras cultivadas na horta da avó e carregador de água para ganhar algum dinheiro.

Cabe aqui salientar que pode parecer estranho mencionar a tarefa de carregar água, mas, era comum antes de 1965, ano em que a CORSAN iniciou seus trabalhos de abastecimento de água encanada em Canguçu.

Se não havia água encanada na cidade, muito menos no interior onde atualmente com a expansão da rede elétrica no campo, as residências são abastecidas com motor elétrico. As pessoas armazenavam a água em tonéis para uso doméstico e lavavam a roupas em sangas.

Assim como Ruben, minha história de vida profissional é um pouco parecida. Lembro que eu e meu irmão mais velho abastecíamos os vizinhos com água de uma cacimba que ficava embaixo da ponte da estação ferroviária na Vila Izabel. A água era carregada numa lata grande, onde atravessávamos a alça num cabo de vassoura, cada um pegava numa das pontas para suportar o peso. A cacimba atualmente, não existe, ficava atrás, de onde hoje esta localizada a Delegacia de Polícia.

Minha mãe era lavadeira de roupas, as quais eram lavadas na sanga onde era colocada uma tábua apoiada numa pedra, com a sobra da água da represa, que na época estava sempre transbordando. Não existia sabão em pó nem amaciante ou mesmo água sanitária, somente sabão em barra. Colocávamos as roupas para corar na grama e batíamos na tábua ou numa pedra grande e na última enxaguada das roupas brancas nós colocávamos anil, (corante solúvel na água), para a roupa ficar bem branquinha.

Após a secagem, como na época não havia energia elétrica, as roupas eram passadas com ferro de brasas que pesava quase dois quilos, e dentro colocavam-se brasas de carvão vegetal, de vez em quando assoprávamos ou balançávamos o ferro para remexer as brasas e reaquecer o ferro. As camisas normalmente brancas eram engomadas com um produto feito a base de água e maisena.

No campo a água era transportada da cacimba, por barris puxados por animais como burros, cavalos ou bois mansos, enchiam-se as talhas que eram vasilhas grandes feitas de um material parecido com barro. A cacimba normalmente ficava longe das casas de moradia.

Diante desse quadro, a água encanada fornecida pela Corsan na sede Canguçu só foi instalada no dia primeiro de dezembro de 1965, segundo Ceres da Rosa Goularte (2000), descritas no livro intitulado *Pálidos Traços da História de Cangussú*. “... desde os primórdios de Cangussu, desde ainda vila até pequena e acanhada cidade, o suprimento de água nas casas de família e nos hotéis, que não seriam mais de dois esteve a cargo das aguateiras”.³Goularte (p.28-29).

Torna-se interessante destacar quanto à referência ao termo aguateira, raramente encontrado em bibliografia e dicionários, esse fato torna o trabalho de Goularte (2000) de um valor enorme para o registro linguístico geral da história quando diz que as aguateiras eram:

“Um grupo de mulheres, sem recursos e sem herança a esperar, adotou a profissão de carregar água. Elas abriam um saco branco, daqueles de açúcar ou uma roupa velha fora de uso, e enrolavam mais ou menos como uma cobra grossa, que colocavam sobre a cabeça, onde equilibravam uma lata daquelas que vinham com querosene, cheias de água. Isto servia para amenizar o impacto da lata, do peso que carregavam. Caminhavam a passos lentos, olhando para frente, a lata sobre a cabeça um tanto inclinada e que nunca virava, tal a prática que adquiriam. Impossível calcular quantas vezes faziam o trajeto das cacimbas às casas e vice-versa, durante o dia”.
Goularte (2000, p.29).

Diante do exposto dá para imaginar D. Lindinha e a Maria Preta carregando água das mais diversas cacimbas existentes na cidade. Ruben diz: *A Maria Preta era casada com o Nicão, que era um homem muito forte. Tinha dois filhos que jogavam futebol no infantil do América e eu (Ruben) jogava no infantil do Cruzeiro, então a rivalidade era grande.*

Nesse sentido Bento (2000), descreve a localização das fontes de água que abasteciam os moradores.

“Duas situavam-se nas extremidades da atual rua Cel Genes Gentil Bento a do Ferro ou Bica e para o lado do cerros dos Borges a do ouro. A mais famosa era a da Prata que canalizava uma fonte nascida defronte ao atual Hospital de Caridade. Outra ficava ao final da rua Franklin Máximo Moreira do lado do cerros dos Borges. Na praça existiu poço muito concorrido...”
Bento (2000.p, 184).

³ Atualmente o termo Aguateiro aparece no dicionário Aurélio, significa animal que carrega água ou puxa uma carroça de água... Homem que vive nas estâncias menos por necessidade do serviço que por condescendência do proprietário, e que se ocupa de trabalhos ligeiros. Ferreira (2004, p. 75).



Foto: Arquivo fotográfico do Museu Municipal Capitão Henrique José Barbosa in <http://zuleicareyesbarbosa.blogspot.com.br/>.

Segundo lembranças do Coronel Cláudio Moreira Bento (2015), um olhar atento poderá ver na foto, as pessoas que tinham a responsabilidade de carregar água, usavam uma espécie de carro puxado por um cavalo, onde encaixavam e transportavam as latas de gasolina ou querosene depois de esvaziadas.

Da mesma forma, referindo-se ao mesmo termo no livro “*A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*”, organizado pela historiadora Miriam Moreira Leite (1984), conta um pouco sobre o cotidiano das aguateiras quando diz que:

(...) De manhã, alguns negros e negras chegam, com passo descansado, para encher seu pequeno tonel na fonte, diante do hotel; depositam-no lentamente, aguardando sua vez, conversam e riem muito, bem à vontade, enquanto isso; retomam-no, com todo vagar, deixam que encha bem suavemente, divertem-se ainda um pouco, antes de repô-los à cabeça, com um esforço mole, param, conversam de novo e, como tudo termina neste mundo, voltam sem se apressar, mas nem sempre sem se retardar ainda no caminho, nem sobretudo sem falar, às respectivas habitações.

Leite apud Valthère Selys-Longchamps. (1872 p.37).

Cumprida a missão de relatar as atividades realizadas pelas mulheres e pelas crianças representadas aqui na pessoa de Ruben, que fazem parte de um tempo em que a vida andava mais devagar, não se conheciam as facilidades como água enganada ou luz elétrica. Hoje, se pensa que era uma vida de sacrifícios, embora as pessoas achassem normal não possuir televisão, telefone, internet, como poderá acontecer daqui a vinte anos quando as pessoas irão falar

em 2015 e muitos não compreenderão a vida que se leva devido ao progresso sempre crescente.

Ruben e os estudos

Ruben atravessou a infância tentando interessar-se pelos estudos. Encontrou dificuldades para permanecer sentado nos bancos escolares por encontrar na escola da rua grandes experiências e ensinamentos. O primeiro ano de escola foi no Grupo Escolar Irmãos Andradas, atualmente Escola Estadual de Ensino Fundamental Irmãos Andradas. A diretora era a D. Jorgina, esposa do Dr. Raul, um advogado importante na cidade na época e a professora era a D. Alda Valente. As aulas de leitura no final do ano, eram feitas pelo sobrinho Dr. Luiz Carlos Valente da Silveira⁴, que na época a auxiliava na escola. Quando chegou a hora da leitura, Ruben leu a lição corretamente porque tinha novamente decorado no livro, esse fato rendeu-lhe a promoção para a 2ª série.

No ano seguinte, foi transferido para a Escola Particular Eduardo Carlos Pereira que pertencia à Congregação da Igreja Episcopal, sem aprender a ler porque segundo ele, decorou o *“livro de ouvido, ponto e vírgula e entonação”*. Conta que: Um dia, o Reverendo Joaquim Manoel da Silveira apanhou os alunos fazendo bagunça. Como ficou com medo que o Reverendo contasse para os avós resolveu se adiantar.

Seu avô era músico, tema que será abordado posteriormente, queria que Ruben aprendesse música e tinha o Padre Zeferino que tocava na igreja. Ruben falou para o avô que queria aprender música com o padre, só que devia ser transferido para a Escola Nossa Senhora Aparecida, hoje Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida. Como as aulas de música eram à noite, Ruben compareceu em média de três aulas e nunca mais apareceu, em razão do Padre Zeferino ensinar sempre as mesmas notas musicais.

⁴ Dr. Luiz Carlos Valente da Silveira – Canguçuense casado com a irmã de Ruben atualmente Elza Ferreira da Silveira, pais de 5 filhos. Contribuiu muito com a comunidade através da profissão de Dentista e líder político.

Quanto à aprendizagem no Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida, não conseguiu enganar a professora por muito tempo e um dia na 2ª série, a professora Sônia Campos, perguntou se Ruben sabia ler e ele respondeu que não, mandou ficar ao final da aula e mostrou vários cadernos que ela tinha para corrigir, falou que enquanto ela examinasse os cadernos da turma ele ficasse lendo um livro.

Ruben lembra que a professora havia corrigido quatro ou cinco cadernos quando levantou e chegou perto dele e mandou ler. Como ele não conseguia, a professora começou a perguntar as letras e Ruben foi dizendo: t + o = to - d+a = da. Então junta! e ele conseguiu juntar to + da = toda. Foi uma das maiores alegrias de sua vida, o momento do estalo na leitura.

A 4ª série chegou, sem que ele percebesse e a idade também, junto com ela a necessidade de firmar compromisso com o trabalho e os estudos acabaram ficando para trás, pois quando pequeno achava que os estudar era bom para os avós e tios e não para ele próprio.

Quanto se deu conta da importância de se ter estudo, pelo menos uma formação básica e necessária para conseguir um bom emprego, entrar em uma universidade, ou então passar em um concurso público tão desejado desde aquela época, tentou voltar, mas, um ano ou mais de estudos para um jovem que trabalha é muito tempo e não conseguiu concluir.

Ruben, diz que atualmente as informações e conhecimentos chegam com rapidez e facilidade nos meios de comunicações.

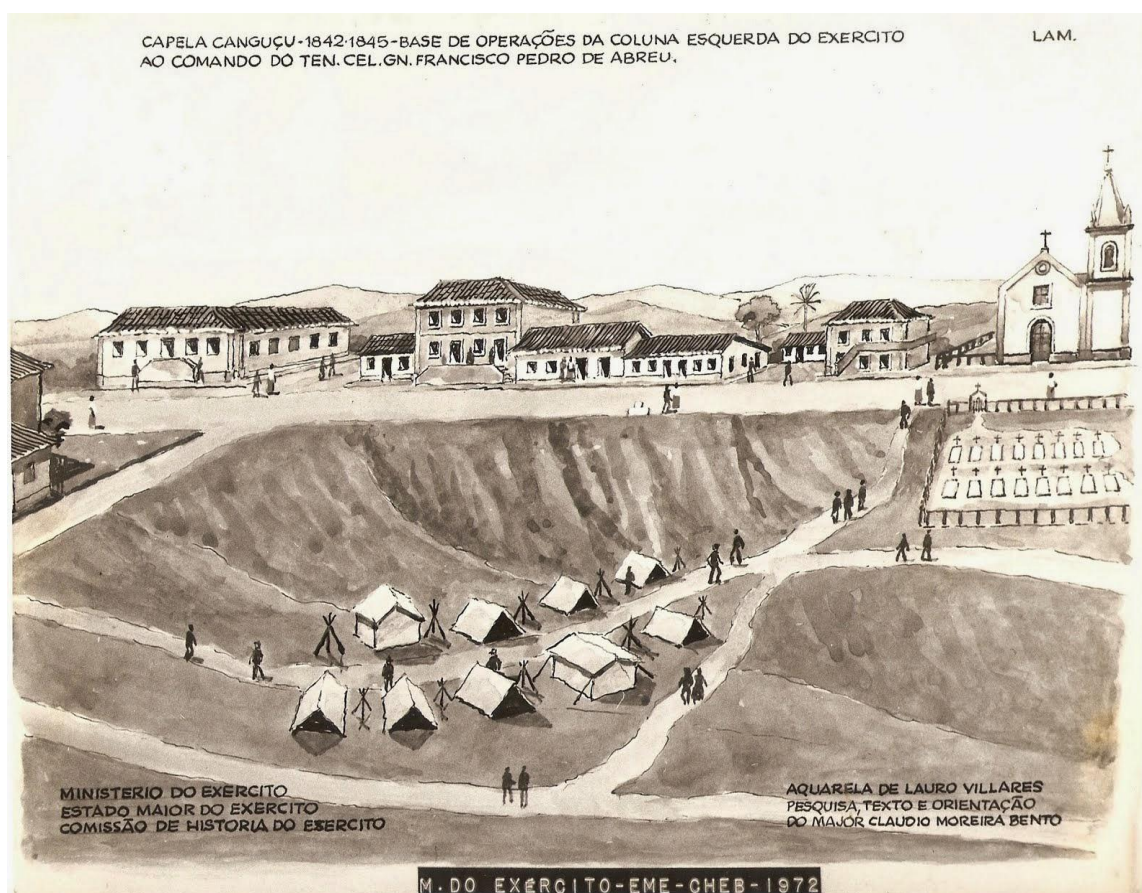
*“Assistimos aos acontecimentos em tempo real, isso leva, a uma noção diferente de tempo. Antigamente, custava passar e hoje corre assustadoramente. Atualmente, um jovem de vinte anos está começando a vida profissional e pessoal; antigamente, o mesmo jovem era visto como uma pessoa velha para os estudos”.
(Ruben 2007).*

Quando tem oportunidade, aconselha os jovens frequentadores da barbearia sobre a necessidade do conhecimento escolar e da cultura, bem como outros aspectos de compreensão que se leva para a vida inteira, porque sabe que a juventude é um processo constante de crescimento e descobertas, que o conhecimento adquirido na escola pode garantir uma maior consciência como cidadão e grandes possibilidades de escolha profissional.

O Desenvolvimento da Educação em Canguçu

Neste momento cabe dizer que o desenvolvimento da educação no Brasil e em Canguçu não foi um processo fácil, segundo a historiografia oficial. No século XIX, os primeiros registros sobre a educação no município de Canguçu, dão conta de que em 07 de agosto de 1848, ocorreu a criação da primeira escola régia para meninos. O primeiro professor Bento Joaquim das Chaves² seria substituído três anos antes da criação do município, em 04 de maio de 1854, por Antônio Joaquim Bento, o qual assumiu a função de professor régio para meninos, aos 21 anos de idade, depois de nomeado pelo Presidente da Província, Visconde de Sinimbu.

A seguir podem ser vistos através da figura abaixo, os aspectos mais importantes de Canguçu, no início de sua fundação, conforme transcrição na imagem:



² BARBOSA, Bazílio de Souza. **Evolução histórica do ensino em Canguçu**. Revista dos 200 anos de Canguçu. Canguçu, 2000.

Disponível em <http://www.fotografandopassarinhos.com.br/p/a-historia-de-canguçu.html>. Acesso em 1º de março de 2015.

Nesse sentido o Coronel Cláudio Moreira Bento diz que:

“Canguçu por ocasião da Revolução Farroupilha. Ao fundo entre as pedras a cadeia mandada construir por Francisco Pedro para os farrapos. Ela serviu de Posto de Comando, de 1845-50, do capitão Antônio de Sampaio, atual patrono da Armada Infantaria. Aspectos da igreja por ele restaurada e do cemitério onde foram enterrados os mortos do 2º combate de Canguçu. Entre as duas casas à direita foi à primitiva entrada da vila por ocasião da fundação.”

Bento (2007, p. 117).

Os estudos de Schneider (1993) apontam, também, a nomeação do professor Joaquim Pedro d' Alcântara, indicado em 1849 para professor das aulas das primeiras letras do sexo masculino. Isto aconteceu durante a Revolução Farroupilha, iniciada em 1835, no Rio Grande do Sul. Os Farroupilhas acreditavam que a verdadeira mudança na sociedade só seria conseguida através do desenvolvimento cultural do povo, por meio de uma autêntica educação republicana.

Assim, como acontecia em toda Europa e no resto do país, havia uma separação quanto ao gênero nos estabelecimentos escolares. A primeira aula régia para meninas foi criada no município em 09 de fevereiro de 1857, tendo como professora Florinda Teixeira Greut.

Como já foi dito anteriormente, a primeira escola criada na sede oficialmente no município foi o Colégio Elementar da Vila de Canguçu (atualmente Escola Estadual de Ensino Fundamental Irmãos Andradas), pelo Cel Genes Gentil Bento, pelo Dec. 1826 de 08 de março de 1912. Este estabelecimento escolar atende atualmente, aproximadamente 512 (quinhentos e doze) alunos de pré-escola à 7ª série.



Foto: Arquivo fotográfico Museu Municipal Capitão Henrique José Barbosa. Denominação do Colégio Elementar em 08/03/1912. Disponível em www.zuleicareyesbarbosa.blogspot.com

Da mesma forma em 1934, com objetivo de auxiliar o padre da época na educação cristã, foi solicitada à Congregação Franciscana a criação de uma Escola Primária dirigida, desde então, pelas Irmãs Franciscanas. Hoje, o Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida, oferece educação e formação aos seus 390 (trezentos e noventa) alunos, desde a Pré-Escola, Ensino Fundamental e o Curso Normal em nível de Ensino Médio.

Segundo o Coronel Cláudio Moreira Bento, o referido estabelecimento de ensino foi instalado em Canguçu oitenta anos atrás na administração de seu pai, Conrado Ernani Bento conforme relato a seguir:

- “Minha família Bento sempre esteve ligada ao desenvolvimento da Educação. Meu bisavô Antônio Joaquim Bento foi o primeiro professor régio para meninos do município. Meu avô Genes Gentil Bento criou o Colégio que se projeta na Escola ao lado da Casa de Cultura e meu pai liga-se a fundação do Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida com a Criação do 1º Ginásio”.

Relato obtido através de e-mail em 2013.



Colégio Nossa Senhora Aparecida na década de 40. Disponível em www.cangucuonline.com.br acesso 22 de março de 2014.

Outro estabelecimento de ensino importante na vida de Ruben e que faz parte da história de Canguçu desde 1940 é a Escola Particular Eduardo Carlos Pereira, criada pela Igreja Episcopal, que na época, não tendo condições financeiras para prosseguir as obras, fez um acordo com o município. Atualmente, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Reverendo Joaquim Manoel da Silveira presta homenagem ao primeiro professor da referida escola Rev. Joaquim Manoel da Silveira atendendo crianças na Pré-escola.

Segundo dados oficiais do município, as primeiras escolas criadas no município foram:

Escola	Local	Início das atividades	Situação atual
E.M. Marechal Deodoro	1º distrito	1932	Oferece ensino de Educação Infantil e Ensino Fundamental
E.M. Coronel Genes Bento	1º distrito	1934	Encerrou atividades em 2005
E.M. Carlos Moreira	1º distrito	1938	Oferta Educação Infantil e Ensino Fundamental
E.M. João XXIII	1º distrito	1940	Conta com cursos de Educação Infantil e Ensino Fundamental Passou a chamar-se Guido Timm Venzke a partir de 2001.
E.M. Isidro Matoso	4º distrito	1940	Encerrou atividades em 1999
E.M. São Luiz	5º distrito	1940	Passou para o município de Cristal em 1998.

Fonte: Secretaria Municipal de Educação – 2010.

Olhar sobre a educação dos jovens canguçuenses

O diálogo aqui esboçado resulta de uma reflexão da geração a que pertence Ruben e outros contemporâneos. Quando falam sobre a evolução ocorrida na tecnologia, na visão de Ruben e Adali⁵ também, esta afetou enormemente as relações humanas; os valores vistos agora pela sociedade são algo no mínimo, estranho para quem viu a sociedade ir perdendo sua pureza e identidade.

Para Ruben - *Antigamente quando uma criança não se comportava bem no colégio ou na sociedade, chamavam os pais para educar os filhos para poder voltar ao convívio dos colegas e amigos.*

Já Adali diz que: - *“A escola era somente instrumento de aprendizagem e não tinha obrigação de ensinar as crianças a serem educadas. Quando o aluno aprontava, a professora chamava os pais e mandava para casa para serem ensinados, só depois retornariam”.*

Da mesma forma era no convívio social. Os jovens tinham que pertencer a um lugar, uma sociedade, caso contrário não era um sujeito social, então tinham que frequentar um clube, na época era o Clube Harmonia, Esporte Clube Cruzeiro ou no interior onde um destes era a Sociedade Floridense, localizada na Florida, 2º distrito de Canguçu, bem como vários salões de bailes distribuídos em lugares estratégicos. Na zona rural, normalmente, ainda existe uma igreja e uma quadra de futebol junto ao cemitério.

Sobre esse assunto Adali diz que:

- “Um exemplo claro da forma como a sociedade impunha suas normas era a Sociedade Floridense que continha em seu estatuto o fato em que os rapazes só poderiam entrar de camisa branca e de gravata. Hoje dançam de qualquer jeito até de boné na cabeça. Da mesma forma, até em formatura de doutor os jovens que estão recebendo o canudo não sabem se comportar como alguém que vive numa sociedade”. (2012).

Havia um padrão de comportamento, principalmente nas repartições de atendimento ao público, onde o jovem tinha que se vestir adequadamente, fazer a barba e cortar o cabelo, isso era o mínimo exigido para se falar com uma pessoa.

⁵ Adair Prestes dos Santos – Adali – Um dos fundadores do CTG Sinuelo e do Piquete O Vanguardeiro Amigo de Ruben há muitos anos.

Nesse sentido Ruben conta que: *“Quando iniciei a trabalhar o tio João me obrigava exercer a atividade de camisa branca e gravata”*. (2012).

Embora tenha acompanhado a evolução ainda conserva valores, como nunca trabalhar de bermudas no verão. Sabe que para iniciar uma atividade de atendimento ao público deve-se ter principalmente o domínio do bom trato com as pessoas e consigo mesmo.

Para os amigos Ruben e Adali, tudo mudou:

- “Até mesmo o amor a Pátria. Antigamente a semana da pátria era uma data magnânima, as comemorações eram com toda pompa com marchas, apresentações nas escolas, a semana toda com disputas para serem as mais lindas e apresentáveis”. (2012).

Segundo informações do IBGE, (2015) tendo como base o ano de 2012, o município conta com 37 escolas para atender desde a educação infantil, dessas, 35 são da rede municipal e 2 privadas. De ensino fundamental são 49 escolas para atender 7.097 alunos. Nesse universo escolar 31 pertencem à rede municipal de ensino, que conta com 4.833 alunos. Na rede estadual são 17 escolas onde são atendidos 2.051 alunos e 1 escola na rede particular para atender 213 alunos.

Quanto ao ensino médio, totaliza 7 escolas onde 1 de ensino particular com 121 alunos, na rede pública estadual são 6 escolas para atender 1.424 alunos.

Ruben e a Profissão de Barbeiro

O interesse pela profissão de barbeiro surgiu na vida de Ruben ao natural, foi aprendendo com os tios Victor, João Francisco e Zeca que ajudaram os avôs na sua criação. Foi praticando a arte de barbeiro nas casas dos amigos onde se apresentava para cortar os cabelos das famílias, assim juntava dinheiro para ir às festas e ganhava experiência na profissão.

Quanto ao número de estabelecimentos de barbearias em Canguçu segundo Goularte (2000), desde o início do povoado o número foi crescendo até atingir o auge por volta dos anos setenta:



Antiga barbearia de Ruben na Rua General Osório esquina com Osvaldo Aranha por volta de 1994.

No ano de 1960, a avó resolveu morar em Pelotas e Ruben a acompanhou, deixando em seu lugar o irmão Carlos que havia retornado da granja do Sr. Dalmazio e Chereta, cujo trabalho era árduo; o irmão tinha que passar por dentro d'água para fazer a manutenção das máquinas. Como apanhou uma enorme gripe, resolveu voltar para junto aos familiares.

O grande divisor de águas na vida profissional e pessoal de Ruben aconteceu em meados de 1963, contava com dezessete anos quando foi trabalhar como barbeiro em Porto Alegre. A barbearia de propriedade de Davis Souza de Oliveira ficava na Avenida Bento Gonçalves no Partenon, um Bairro criado no dia 07 de dezembro de 1959.



Ruben antes de viajar para Porto Alegre. Acervo particular.

Na mala, Ruben levou uma muda de roupa e as cartas das namoradas. Quanto às roupas, era suficiente, ainda mais comparando com o colega de trabalho chamado Fernando. O mesmo só tinha a que andava no corpo, já desgastada pelo tempo, fazendo com que tivesse que carregar agulha e linha para algum caso de emergência.

Nesse sentido, Ruben tem muitas histórias. Conta que uma vez, resolveram jogar luta de braço⁶, Dave o dono da barbearia e o Fernando, estavam no auge da luta e Ruben rasgou um pano atrás do Fernando e o mesmo deu um pulo pensando que suas roupas tivessem rasgado.

Esse relato mostra que anos atrás a concepção de comprar roupas era diferente diante das dificuldades para aquisição do vestuário. Não havia tantas fábricas e fabricação em série, normalmente eram confeccionadas por costureiras ou alfaiates. Não havia tanto consumismo e tanta oferta de produtos.

Outra lembrança marcante na vida de Ruben em Porto Alegre, foi sua experiência no transporte urbano, bonde elétrico era novidade para ele. Conta que nas primeiras vezes que estava na parada quando o bonde chegava cheio, todos corriam para apanhá-lo e ele ficava parado esperando o próximo porque sentia vergonha de correr também. Lembra que logo entrou no ritmo da cidade.

⁶ A **luta de braço pertence as mais antigas civilizações** (também conhecida como braço de ferro ou queda de braço) é uma atividade esportiva em que dois jogadores, com um dos cotovelos apoiados sobre superfície horizontal, enlaçam as mãos ou os punhos, e cada um, aplicando força muscular, tenta fazer o adversário desdobrar o braço. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_bra%C3%A7o. Acesso dia 04/03/2013.

Uma vez o bonde estava muito cheio, como não tinha porta, somente um pegador para auxiliar as pessoas a subir, tinham que se firmar nos braços e nos pés e Ruben ficou dependurado.



Imagem capturada da internet de um bonde em 1957. Melhores detalhes em: Os Bondes de Porto Alegre. Disponível em www.skyscrapercity.com. Acesso em 03 de dezembro de 2014.

Outro dia, na agitação da cidade grande, estava dependurado na porta do bonde e quando o mesmo foi dobrar o bonde conforme a imagem acima, e uma senhora esbarrou nele, cheia de pacotes de compras e os pacotes voaram para todos os lados. Tudo isso representava uma aventura na vida do canguçuense.



Foto de um dos encontros com o Amigo. Acervo particular de Ruben

Desse tempo, ainda preserva a amizade com o canguçuense Daves Souza de Oliveira, uma pessoa alegre, apreciador de uma boa história, conta

atualmente com a idade de oitenta e três anos, ainda reside em Porto Alegre ao lado da esposa, D. Luci Manke que nasceu e cresceu em Canguçu.

Daves, também é filho de Canguçu, nasceu e residiu no interior até a adolescência, quando surgiram problemas nos rins. Como teve que ficar na zona urbana, aprendeu a profissão de barbeiro.

No início da carreira, tanto Ruben como Daves só podiam contar, de um lado, com suas bagagens individuais, suas vivências pessoais e características de personalidade, e de outro com suas aprendizagens na prática profissional adquirida.

O Encontro de uma Vida

Como já foi referido, basicamente desde os primeiros tempos da fundação da Canguçu, os jovens se divertem nas festas na comunidade, jogos de futebol, bailes, festas particulares como aniversários, casamentos. Esses movimentos proporcionavam muitos encontros, onde as pessoas se conheciam e estreitavam os laços de amizade e davam início aos romances.

No caso de Ruben e Olga com quem está casado há 44 anos sem contar os sete anos de namoro e noivado, vai carregando em sua história de vida o exemplo de luta da mulher canguçuense.

Olga, primeiro, enfrentou a luta para conseguir concluir os estudos após terminar o 5º ano em Pelotas. Com essa escolaridade já conseguiu prestar concurso na Prefeitura de Canguçu e ser aprovada, porém recebeu a notícia de que não conseguiria assumir de imediato, porque tinha dezesseis anos de idade. Na época a vaga era para trabalhar em escolas localizadas no interior.

Para melhor compreendermos as dificuldades de transporte na época, os professores tinham que morar com algumas famílias. Após a decepção imediata da impossibilidade, soube que faltaram professores habilitados no referido concurso, assim, surgiu a oportunidade de trabalhar na Glória, 1º distrito. Foi morar na casa do Sr. Djalmo e da D. Frida.



Olga no início da carreira na casa do Sr. Djalmo. Acervo particular.

Sobre esse tema foi dedicado um capítulo por ocasião do estudo intitulado “Reflexos no espelho: gênero masculino no magistério”, quando me refiro às setenta e quatro escolas que foram instaladas em casas particulares, em muitas destas as professoras morava com as famílias:

... A situação dos estabelecimentos escolares da rede municipal em 1970 era a seguinte: 27 prédios escolares pertenciam à Prefeitura, 74 escolas funcionavam em casas particulares. Destas, 40 eram de parentes do professorado; 11 estabelecimentos pertenciam ao Estado, sendo que não foi possível verificar quem eram os proprietários de 7 outros estabelecimentos. Percebe-se que muitas escolas eram instaladas obedecendo a interesses da minoria detentora do poder nas localidades onde se situavam. Oliveira (2002.p.48).

Confirmando a situação de Olga que trabalhava na localidade da Glória 1º distrito de Canguçu e seus pais morava um pouco distante na comunidade de Alto Alegre, também no 1º distrito, Olga precisava se deslocar nos finais de semana para ir visitar os pais.

Foi numa das viagens que de dentro do ônibus avistou Ruben conversando com Otávio Nunes (Tavinho), filho de Dona Edith Nunes e achou um rapaz muito bonito.

A aproximação aconteceu de forma natural, Olga na época com dezessete anos, era muito amiga de Alda, atualmente casada com um primo de Ruben, costumava passar alguns finais de semana com a amiga e Ruben contava com a idade de dezenove anos. Como moravam perto da casa de Alda, os encontros e as conversas surgiram de forma natural.

Mais tarde, foram convidados para serem padrinhos de casamento de um casal de amigos, foi quando Ruben convidou Olga para um baile no CTG, a partir do baile surgiu o namoro que atravessa os tempos.



Ruben e Olga no início do namoro. Acervo particular do casal.

O lazer entre amigos

Como já foi referido anteriormente a respeito da importância da “Típica” na vida de Ruben, considero interessante mencionar a existência anterior da “A Sinfônica”. Segundo contribuição da advogada, pianista, pintora e acadêmica da ACANDHIS Yone Meireles Prestes, era um grupo musical típico ou mesmo uma orquestra de pequena dimensão criada pelo “Seu” Molina (Valter Faget Molina).

“Seu” Molina, despretensiosamente organizou na década de 1940 – 1950, um conjunto musical, reunindo músicos amadores da cidade (quase todos idosos), em sua residência, o antigo sobrado onde hoje foi construído o edifício das Lojas Estrela de Marcos Barbosa. A turma reuniu-se pelo simples prazer de tocar seus instrumentos e fazer boa música. Yone Meireles Prestes. (2015).

Valter Faget Molina – “Seu” Molina

Segundo ainda conta Yone Meireles Prestes (2015), como Seu Molina era Exator Estadual, veio exercer sua função juntamente com a família em Canguçu entre as décadas de 1940 – 1950. Quando se aposentou e voltou para Pelotas sua cidade natal. Casado em segunda núpcias com D. Adelaide, com que uma filha Julcira, também vieram com ele os filhos do primeiro casamento: Écila, Júlio e Honda Maria.

A família era muito conhecida por serem alegres e divertidos. “Seu” Molina era muito querido pelos jovens por promover e animar as reuniões dançantes no Clube Harmonia.

A “Sinfônica” ou A “Furiosa do Molina”

Interessante destacar que a “Sinfônica” não teve uma data de fundação, estatutos, ou até mesmo um responsável como regente. *Todos tocavam a vontade como queriam ou como podiam.* Yone Meireles Prestes (2015). Mesmo assim, a Sinfônica fazia muito sucesso, animava aniversários, reuniões dançantes. *Muitas vezes quando o ambiente estava enfadonho, as pessoas perguntando... “Será que a “Sinfônica” não vem?” – E quando ela surgia, era aquele aplauso...* Yone Meireles Prestes (2015).



Acervo Particular de Ruben: “A Sinfônica”– 1945. O avô de Ruben é o terceiro da direita para esquerda tocando trombone.

Ainda de acordo com Yone Meireles Prestes (2015), a orquestra sinfônica era composta pelos seguintes componentes: “Seu” Molina (violão), “Seu” Ramos Tavares (flauta), Tenente Emílio (flauta ou clarinete), “Seu” João Rosa (bombardino, avô do Ruben), “Seu” Maneco Mota (clarinete), “Seu” Armando Almeida (saxofone), Luiz Pureza (violino), João Albano de Souza (violão), Lucio

Newton Prestes (clarinete), Nilson Meireles Prestes (baixo-tuba). Finalmente, a orquestra A “Sinfônica ou A “Furiosa”, foi acabando aos poucos, principalmente após a partida do “Seu” Molina, deixando apenas saudades na memória daqueles que tiveram a felicidade de assisti-los tocar.

Ruben e a “Típica”

A “Típica” foi criada no final da década de 1950, como conta Yone Meireles Prestes (2015), pelos amigos do Sr. Dario Jacondino (violinista).

Desta participaram, além do Sr. Dario, Luiz Pureza, violino; João Carlos Lopes e Edson Campos, violinos; Nilson e Lucio Newton Prestes, piano e contrabaixo acústico respectivamente, e Valdemar Bosembecker, com seu bondoneon, e Júlio Nogueira, violão – e também a Senhora Zilá Goulart, com violão ou bandolim. A Típica foi bem organizada, bem ensaiada, era coisa séria. Apresentou-se várias vezes fora de Canguçu, até em Pelotas, sempre com muito sucesso, e deixou algumas fitas gravadas, que andam por aí... A Típica foi “encolhendo”, e desapareceu com a morte do Valdemar Bosembecker, em 2005. Yone Meireles Prestes (2015).

Ruben conta que nos anos 80 e 90 as reuniões com os amigos eram freqüentes e logo alguém dava início a algum tipo de música. Os instrumentos eram improvisados, o importante era cantar e tocar e se divertir.

Para se ter uma idéia de como se divertiam, em uma das apresentações alguns músicos não puderam comparecer ao evento. Fizeram então, uma enorme propaganda com um artista muito famoso, foi quando Ruben apareceu por brincadeira, tocando um instrumento bem original, uma máquina de plantar milho, com os amigos: Luiz Pureza, no violino, Dario Jacondino também no violino, João Carlos Lopes, tocando violino, Lacerda no bandoneon (cabecinha de ouro), Júlio Nogueira no violão, Valdemar Bosembecker tocando bandoneon e seu filho Renato, tocando uma cuia de porongo (instrumento de sopro) chamado (búzio), Mário Boemeke com um pente (papel de cigarro soprado no pente, faz efeito de música) e Zilá Goulart tocando bandolim e violão, os cantores eram: José Moreira Bento e Dilermano. O sucesso ficou garantido na noite.



Apresentação de Ruben por ocasião das bodas de ouro de um amigo. Acervo particular

Outra lembrança boa foi no ano de 1986, nas comemorações do Ano Internacional da Paz⁷, quando a típica por se apresentar num evento na cidade houve muita propaganda de que haveria uma grande surpresa. Na última hora os artistas da Típica resolveram pegar algumas pombas brancas e esconder dentro de um saco de guardar barraca embaixo de um banco de cortiça, depois da saudação do Presidente do Esporte Clube Cruzeiro, o empresário Clementino

⁷ Ruben se refere ao Dia Internacional da Paz, celebrado anualmente a 21 de setembro. A iniciativa a nível mundial foi estabelecida pelas Nações Unidas em 1981. A primeira celebração da data ocorreu em setembro de 1982.

Foi em 2002 que a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou oficialmente o dia 21 de setembro como o Dia Internacional da Paz.

A comemoração tem como objetivo levar as pessoas a sensibilizarem-se para a necessidade da paz no mundo e para promoverem atos que tenham como resultado o fim dos conflitos entre povos e a consagração da paz mundial. O fim deste dia sugere que a pessoa faça algo pela paz. Também, maiores informações em: <http://www.megacurioso.com.br/historia-e-geografia/42784-voce-conhece-a-verdadeira-origem-do-simbolo-da-paz-.htm>. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

Carlos Gularte da Fonseca, (Carlinhos Fonseca), largaram pombas pelo salão provocando uma enorme comoção aos presentes.

No mesmo sentido, uma memória interessante que Ruben guarda com carinho, foi por ocasião da época em que se dedicou aos carnavais em Canguçu, onde foi rei momo duas por vezes no final da década de 60. A amizade com os blocos e o carinho dos carnavalescos foi de uma experiência sem precedentes na vida do homem que ama sua terra acima de tudo.

Ruben conta que:

Uma vez, por ocasião antecedendo ao “grito de carnaval”⁸ onde alguns homens desfilavam com roupas de mulher, Ruben e o amigo Beto Bacchieri formaram um casal, tendo como filho outro amigo, Luiz Carlos Barcelos (chamado de Amigo da Onça⁹) e trocavam as fraldas feitas dos lençóis do Hotel Bohm onde faziam de conta que trocavam as fraldas do amigo no meio do salão. Antigamente, os bailes eram diferentes, vinham muitos blocos de outros municípios: Pelotas, Morro Redondo, pessoas que tinham amigos, parentes e conhecidos em Canguçu. (2014).



Foto do acervo particular de Ruben

⁸ O “Grito de carnaval” era o baile que ocorria uma semana antes do feriado de carnaval.

⁹ O Amigo da Onça foi um personagem criado pelo chargista Péricles Andrade Maranhão, para a revista "O Cruzeiro", na década de 1940. A página de Péricles foi a mais lida da revista de 1943 até 1961, ano de sua morte. Fonte: <http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,6993,ECT656760-1716-9,00.html> acesso em 07 de outubro de 2014.

A identidade do canguçuense Ruben foi construída na interação com a comunidade e as amizades verdadeiras, tendo a Barbearia como ponto de encontro dos amigos de todos os lugares. É nesse contexto que a profissão de barbeiro para Ruben surge da capacidade criativa de transformar as ruas de seu estabelecimento num lugar culturalmente significativo, desmonta o senso comum e reinterpreta a realidade, ao criar um sentido novo para a sua barbearia e conseqüentemente para sua vida.



Barbearia localizada a rua Osvaldo Aranha no dia 01 de dezembro de 2014.

Os amigos fizeram do estabelecimento um ponto de encontro para discutir as novidades do momento, sempre com muito respeito e ética, fala-se em futebol, as festas da cidade, a vida no campo. ... Da mesma forma, os canguçuenses que moram fora do município, quando chegam de visita para matar as saudades, fazem da Barbearia o lugar obrigatório para encontrar os amigos e trocar um dedo de prosa na busca de si mesmo com o sentimento de pertencimento a um lugar onde se respira o ar puro e se tem a dimensão exata da verdadeira amizade.



Foto de Ruben na sua atual barbearia de autoria de Alan Otto Redu no dia 01 de dezembro de 2014.

Quando Ruben se ausentou em férias para descansar da rotina por alguns dias no verão de 2015, tive oportunidade de presenciar ao passar pelo local na ausência de Ruben, um freguês perguntando ao taxista que tem ponto em frente à barbearia – O Ruben não volta mais para trabalhar? Expressando uma mistura de compreensão e saudade do amigo e profissional que tanto apreciam.

CAPÍTULO 03 – O NASCEDOURO DE CANGUÇU

Por acaso, surpreendo-me no espelho:
 Quem é esse que me olha e é tão mais velho que eu? (...)
 Parece meu velho pai - que já morreu! (...)
 Nosso olhar duro interroga:
 "O que fizeste de mim?" Eu pai? Tu é que me invadiste.
 Lentamente, ruga a ruga... Que importa!
 Eu sou ainda aquele mesmo menino teimoso de sempre
 E os teus planos enfim lá se foram por terra,
 Mas sei que vi, um dia - a longa, a inútil guerra!
 Vi sorrir nesses cansados olhos um orgulho triste...

Mário Quintana

O Princípio

Não tenho pretensão de captar de forma completa o contraponto da história de Ruben e suas memórias com as histórias da evolução de Canguçu, assim como na visão de Mário Quintana, quando diz que quando se vê no espelho pensa que embora se sinta um menino percebe o tempo passando ruga a ruga. A intenção aqui, é colaborar com outros que como nós, possuímos o orgulho de morar num lugar onde percebemos a possibilidade de acompanhar dentro de um determinado tempo, as mudanças sujeitas a qualquer sociedade.

Os Indígenas e a sua distribuição no Rio Grande do Sul

Os agrupamentos humanos que os europeus encontraram na América não eram originários deste continente. Sua origem até hoje constitui um enigma para os cientistas, os quais elaboraram várias teorias para explicar de onde vieram os primeiros povoadores da América.

Alguns pesquisadores afirmam que eles teriam vindo da Atlântida, que segundo a lenda havia existido entre o norte da África e a América e fora tragada pelas águas do oceano. Outros estudiosos consideram que os indígenas são autóctones, isto é, originaram-se do próprio continente americano.

Atualmente, as teorias mais aceitas afirmam que o estabelecimento de seres humanos em solo americano deve-se às migrações ocorridas há milhares de anos, através do estreito de Bering ou de ilhas da Oceania. Ao longo dos séculos, esses agrupamentos humanos se fixaram no continente, e quando os

européus chegaram à América já existiam grupos indígenas desde a Patagônia ao Alasca. Os maias (América Central), os astecas (México) e os incas (Peru), constituíam sociedades diferenciadas, eram os únicos que apresentavam instituições sociais e políticas complexas (classes sociais e organização de estado).

Quanto aos indígenas que viviam na banda oriental do rio Uruguai e as áreas próximas, sabe-se que não eram numerosos e que deixaram poucos vestígios materiais sobre o seu modo de vida antes da chegada dos colonizadores. Por isso, a classificação etnográfica desses povos se baseia em informações coletadas dos contatos estabelecidos entre eles e os europeus que ocuparam a região.

Origem da Palavra Gaúcho

Bem no início, quando toda a atividade desta parte do Brasil se resumia à extração do couro do gado selvagem, os habitantes do pampa eram designados como guascas palavra que significa tira de couro cru. Só mais tarde, por volta de 1770, de acordo com o historiador argentino Emilio Coni,(1956) vai aparecer o termo gaudério, aplicado aos "aventureiros paulistas que desertavam das tropas regulares para se tornarem coureadores e ladrões de gado".

Coni, considerado pioneiro nas pesquisas sobre o tema, afirma que a expressão "gaúcho" torna-se corrente nos documentos a partir de 1790 como sinônimo de gaudério e também para designar os ladrões de gado que atuavam nos dois lados da fronteira.

O pesquisador uruguaio Fernando Assunção (1963) descobriu em seus estudos uma correspondência dirigida ao governador Vertiz, de Buenos Aires, datada do ano de 1771 pedindo providências contra "alguns gahuchos" que andavam assaltando estâncias e roubando na região.

As pesquisas mostram que até a metade do século dezenove, o termo gaúcho era considerado depreciativo, "aplicado aos mestiços de espanhol e português com as índias guaranis e tapes missioneiras".

Quanto à origem da palavra, há muitas divergências. Alguns autores afirmam que o termo gaúcho vem do Guaraní. Significaria "homem que canta triste", aludindo provavelmente à "cantilena arrastada dos minuanos".

Porém, a maioria dos autores rio-grandenses, no entanto, aceita outra explicação: seria uma corruptela da palavra Huagchu, de origem quêchua, traduzida por guacho, que significa órfão e designaria os filhos de índia com branco português ou espanhol, "registrados nos livros de batismo dos curas missionários simplesmente como filho de fulano com uma china das Missões", de acordo com Augusto Meyer (1957).

Portanto, com o estabelecimento das fazendas de gado e a modificação na estrutura de trabalho, o gaúcho alterou totalmente seus hábitos: tornou-se sedentário, participante da vida política e instrumento fundamental da fixação portuguesa no Brasil Meridional. Desta maneira, transformando-se num defensor das fronteiras sulinas do continente brasileiro, empunhando armas para estabelecer os limites de nosso território, sempre que necessário.

Primeiros Habitantes de Canguçu

De acordo com Bento (2007) os registros sobre os primeiros habitantes de Canguçu dão conta que pelos meados de 1762 a 1777, os moradores de Canguçu, eram os índios Tapes e Tapuias, subordinados aos Guaranis, mas, certamente habitaram grande parte da área física do município formado por serras e montanhas, daí que recebeu o nome de Serra dos Tapes, em homenagem à tribo que aqui se encontrava, antes da chegada dos colonizadores.

Os costumes eram comuns entre os índios Tapes e os guaranis; de hábitos mais sedentários, sendo também de branda índole e entregavam-se boa mente à catequese dos jesuítas e constituirá, para diante, amalgamados aos guaranis, o povo sociável às missões orientais.

Quanto ao resto da área do Estado do Rio Grande do Sul, pode-se dizer que muitas são as classificações dos povos indígenas que viviam entre o oceano Atlântico e a margem esquerda do rio Uruguai. Apesar da importância de cada uma delas, cabe adotar a mais usual entre os estudiosos da história do extremo sul do Brasil. Havia na região platina três grandes grupos indígenas: já referido

anteriormente os índios missioneiros formados pelos Tapes, e os Gês-guaranizados.

Índios de 1620 a 1730

Com a chegada do homem europeu houve um choque de cultura e fez com que os índios acrescentassem um modo de vida totalmente diferente as que estavam costumados, principalmente nessa região do país onde a participação dos jesuítas foi fundamental no caso aqui descrito no modo de vestir.

Índios Tapes

Os nossos índios pré-missioneiros (Tapes, Gês-guaranizados) não teciam e nem fiavam, após a chegada dos jesuítas passaram a representar a matéria prima trabalhada pelos padres jesuítas dos Sete Povos. Os índios missioneiros se vestiam, seguindo a severa moral jesuítica. Usavam os calções europeus e em seguida a camisa, introduzida nas missões pelo padre Antônio Sepp. Faziam uso ainda, de uma peça indumentária não européia, provavelmente indígena: o pala bichará.

Segundo Paulo Souza, tradicionalista e repórter do Jornal Tradição. Os padres perceberam a atração que as vestes religiosas e as fardas militares exerciam sobre os índios e distribuíram essas roupas entre eles. Assim acredita-se que a figurar o “Alferes Real Sepé Tiarayu” desnudo ou vestindo Chiripá é erro grosseiro. Ele usaria a farda correspondente ao seu alto grau militar, ou se vestiria civilmente, com bragas, camisa e poncho.

No caso da índia chamada de mulher missioneira usava o “tipay”, que era um longo vestido formado por dois panos costurados entre si, deixando sem costurar apenas duas aberturas para os braços e uma para o pescoço. Na cintura, usavam uma espécie de cordão, chamado “chumbe”. Conforme figura:



O mesmo autor diz que os Índios cavaleiros eram assim chamados porque se adaptaram com facilidade ao cavalo trazido pelo branco como o caso dos Mbaías: Charruas, Minuanos, Yarós, eram hábeis na técnica de amestramento e equitação. Como vestuário, usavam duas peças de indumentária absolutamente original: o Chiripá e o Cayapi conforme figura abaixo:



Índios Missioneiros formados por Tapes e Gês guaranizados minuanos
 Fonte: <http://www.domaracional.com.br/Indumentaria.htm>

O Chiripá era uma espécie de saia, constituída por um retângulo de pano enrolado na cintura, até os joelhos. Nas épocas mais frias usavam o Cayapi cobrindo as costas, que era feito com couro de boi, inteiro e bem sovado com o pêlo para dentro e carnal para fora, pintado de listras verticais e horizontais, em cinza e ocre.



Imagem capturada da internet disponível em http://www.rstche.com.br/paginas_institucionais/indumentaria_gaucha.htm acesso em 18 de fevereiro de 2014.

Também foi através do contato com os brancos que adquiriram o uso do fumo e erva-mate, pois não há vestígios anteriores desses costumes. As mulheres cuidavam das tarefas domésticas e dos cavalos. O homem se dedicava à guerra e à caça, nas tribos dos índios cavaleiros, usavam apenas o Chiripá. No rosto, pintura ritual de passagem, assinalando a entrada na puberdade. No pescoço, colares de contas ou dentes de feras.



Imagem Índio Charrua pintada por Debret (1768–1848) Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Charruas>, acesso em 18 de fevereiro de 2014.

Os Charruas habitavam os campos dos territórios do atual Rio Grande do Sul, no sul do Brasil, do Uruguai e do nordeste da Argentina mais precisamente na Província de Entre Ríos.

Em Canguçu, segundo dados do IBGE apontam que em 2010, existiam 33 índios representando um aumento se comparado com as outras cidades da região.

A Nação Guarani

Os guaranis ocupavam as margens da lagoa dos Patos, o litoral norte do atual Rio Grande do Sul, as bacias dos rios Jacuí e Ibicuí, incluindo a região dos Sete Povos das Missões. Dominaram também a parte central e setentrional entre os rios Uruguai e Paraná, bem como a parte sul da margem direita do rio da Prata e o curso inferior do rio Paraná.

A nação guarani ocupava desde o litoral até a fronteira oeste e parte da fronteira norte do Estado do RS. Formava a maior população indígena do nosso Estado. Praticavam agricultura. De acordo com os costumes indígenas, os homens preparavam o solo e as mulheres plantavam e colhiam.

Aprendemos com os Guaranis a cultivar principalmente milho, abóbora, mandioca, batata-doce, feijão, amendoim, algodão, também praticavam a caça e o que obtinham era dividido entre todos os membros do grupo.

Do solo, além dos produtos agrícolas, recolhiam a argila, com a qual produziam artefatos de cerâmica. Da floresta, colhiam frutos silvestres e a erva-mate, o chimarrão era a bebida preparada com essa erva e consumida por uma grande parte da população gaúcha, é uma das heranças deixadas pelos guaranis.

Apesar da variedade de dialetos, o tupi-guarani era o tronco linguístico comum a esses grupos indígenas os quais herdamos dos guaranis muitas palavras originadas da língua tupi e faladas por esse povo, que foram incorporadas ao nosso vocabulário. Alguns exemplos: araçá, biboca, caboclo, peteca, tatu, boçoroca, capim, taquara, piá e outros.

Fumavam cachimbo nos rituais religiosos. Enterravam os mortos em urnas funerárias feitas de cerâmica. Os homens enfeitavam-se mais que as mulheres: tatuavam e pintavam o corpo, usavam colares, pulseiras feitas de sementes e plumas. Suas armas eram o arco e a flecha, o tacape, a lança e a boleadeiras.

Os Guaranis juntamente com os Padres Jesuítas protagonizaram um dos momentos mais tristes da história do Rio Grande do Sul desde o início da sua história, quando os indígenas da região de Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul, se recusaram a deixar o território, que havia sido entregue aos portugueses pelos espanhóis a partir da assinatura do Tratado de Madri o que provocou a guerra guaranítica em 1754,

O início da Guerra Guaranítica se deu por meio de conflitos entre indígenas e soldados portugueses após a delimitação das fronteiras espanholas e portuguesas da América do Sul. A batalha durou cerca de dois anos, obrigando os guaranis a se deslocarem para o outro lado do rio Uruguai.

O guarani Sepé Tiaraju, principal líder da guerrilha incentivou os índios a não cederem às ordens dos invasores afirmando que eram os donos por direito legítimo das terras e que não iriam desistir da área. Sua célebre frase “Essa terra tem dono”.

A Guerra Guaranítica foi sangrenta e resultou na morte de 1500 índios, muitos dos quais morreram esquartejados. Em maio de 1756, o conflito chegou ao fim. Quando a Guerra Guaranítica acabou, o Tratado de Madri foi anulado. Em 1777, foi assinado o Tratado de Ildefonso, que determinava que a região de Sete Povos das Missões voltaria a pertencer à Espanha.

Já em 1801, passou a valer o Tratado de Badajós, que anulou o Tratado de Ildefonso e devolveu as terras para Portugal.

Os guaranis foram lentamente desaparecendo com os ataques dos bandeirantes que buscavam escravos, as guerras guaraníticas e a mestiçagem forçada. Atualmente existe um grupo pequeno de guaranis no toldo da Guarita. Toldos ou reservas indígenas são locais destinados a brigar e proteger os índios. Lá eles têm suas casas e escola. Praticam a agricultura.



Sepé Tiaraju.

Imagem http://www.caminhodasmissoes.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=61:guerra-guaranica&catid=37:historia-das-missoes&Itemid=54
 Acesso dia 15 de março de 2014

Havia entre os guaranis três subgrupos principais: os tapes (índigenas missionários dos Sete Povos), que ocupavam as margens dos rios a oeste do atual território do Rio grande do Sul e o centro da bacia do rio Jacuí; os arachanes ou patos¹⁰, que viviam às margens do rio Guaíba e na parte ocidental da laguna dos patos; os carijós, que habitavam o litoral, desde o atual município de São José do Norte até Cananéia, ao sul de São Paulo.

No caso de Canguçu e tendo em vista os dados mais atualizados, segundo levantamento realizado pelo IBGE em 2010, Canguçu possuía 33 índios até o ano de 2014, quando vieram onze famílias de índios do tronco Tupis Guaranis foram instalados na localidade do Pantanoso 2º Distrito Agregando à miscigenação de culturas que formam a Capital Nacional da Agricultura Familiar e o Maior Minifúndio da América Latina.

Algumas famílias são oriundas da Colônia Maciel, 7º distrito de Pelotas, outras habitavam às margens da BR 116. Estas famílias agora estão residentes em um espaço destinado a elas através de um acordo de compensação realizado pelo DNIT.

Quanto à preocupação com a preservação das raízes culturais, cabe dizer que as crianças irão frequentar a escola da localidade, mais precisamente a

¹⁰ ARACHANES: Pertence a grande família dos índios Guaranis, apontados como os moradores mais antigos das margens do rio Guaíba. Foram dizimados com a chegada dos imigrantes açorianos em 1714, mais pelas doenças dos brancos (gripes etc.), do que por conflitos. Também conhecidos por índios "Arachas ou Arachanes que eram ótimos nadadores o nome "**Aracha – Arachanes**" significa PATOS por isso o nome Lagoa dos Patos (Lagoa dos Arachas).

Escola Municipal de Ensino Fundamental Heitor Soares Ribeiro, e não deixando de cultuar suas tradições ancestrais, como o artesanato e a própria língua-mãe falada por seus integrantes.

Segundo o cacique Lourenço Benites, “ainda deverão chegar mais famílias”¹¹ no decorrer do tempo. De Certo modo, uma justiça se cumpre ao longo da História, pois os verdadeiros donos destas Terras são os índios Tupis Guaranis, que ao logo dos anos foram sendo relegados as margens das pistas, vendendo seu artesanato, para poderem sobreviver de alguma forma, sendo assim quase apagada de nossa memória uma matriz cultural tão rica, que não conseguimos avaliar, tal a influenciam que esta proporcionou em nossa cultura e folclore.

Os Índios Pampeanos

O grupo dos índios pampeanos esteve constituído pelas parcialidades dos Charruas, Minuanos, Guenoas, Yarós, Guaicurus, Chanás, Mboanes. Ocupavam o sul do Estado, na região da Campanha; o sul do rio Jacuí e Ibicuí, entre os rios Quaraí, Jaguarão, Camaquã, Serra do Herval e parte sul do litoral (lagoa Mirim e Mangueira), além dos atuais territórios das Repúblicas do Uruguai e Argentina.

Dentre eles, os que mais se destacaram foram minuanos e charruas. Eram indivíduos nômades, ou seja, que não se fixavam por muito tempo em um lugar, pois se deslocavam constantemente em busca de alimentos. Moravam em casas de palha, mas para o inverno abriam covas de tamanho variado, podendo atingir até uns 18 metros de diâmetro por uns 7 metros de profundidade.

Eram hábeis cavaleiros e viviam da caça, usando boleadeiras, arcos, flechas e lanças coletavam raízes e frutos, mas não cultivavam a terra como os demais.

Os índios Pampeanos contribuíram muito com a mestiçagem dos peões das estancias do Pampa gaúcho. A eles se devem muitos usos e costumes campeiros, como o chiripá e inúmeros vocábulos. A boleadeira é utilizada até hoje

¹¹ Entrevista concedida a Assessoria de Imprensa no site da Prefeitura Municipal de Canguçu em setembro de 2014.

pelos gaúchos nos campos para capturar aves, como a ema, também conhecida pelo nome de nhandu, de origem tupi, ou caçar animais, como cavalos.



Imagem capturada na internet em
<http://izabeltradicionalista.blogspot.com.br/2014/04/pampeano-o-grupo-dos-pampeanos>.
Acesso em 14 de dezembro de 2014.

Pesquisas mostram que fisicamente eram indivíduos altos, com costumes e hábitos diferentes dos demais e inimigos tradicionais dos índios da nação Guarani. Como viviam em áreas de temperaturas baixas, com invernos rigorosos, inventaram uma espécie de poncho para se abrigarem do frio. Eram hostis aos demais povos indígenas e faziam sinais com a fumaça, compreendidos pelos seus guerreiros espalhados pelo pampa gaúcho.

Como habitavam áreas de solo pobre, como banhados, rios e lagoas, não muito apropriadas para o plantio, não eram agricultores. Sua alimentação era à base de aves, peixes, caranguejos, mariscos e crustáceos encontrados nos banhados, da coleta de frutas e uma espécie de cebola nativa.

Quanto à moradia, construía suas tendas ou toldos junto às margens de rios ou banhados porque eram pescadores, caçadores e recoletores sem conhecimento de cultivo. Nos campos abertos, o grupo construía colina artificial em zonas baixas e alagadiças, perto de rios, lagoas, sobre colinas naturais, conhecidas pelo nome de cerritos, armando tendas ou toldos (casas), em elevações de terra, construídas à margem de banhados ou rios, em meio a locais mais secos e de visão mais ampla dos redores, como meio de defesa, inclusive das enchentes.



Imagem capturada na internet em
<http://izabeltradicionalista.blogspot.com.br/2014/04/pampeano-o-grupo-dos-pampeanos>.
Acesso em 14 de dezembro de 2014.

Os pampeanos acreditavam que tolderia eram locais de moradia e também de enterramento dos mortos. Primitivamente, os toldos eram cobertos por esteiras de junco e, após o contato com o gado, passaram a cobri-los com couro.

A tolderia era uma reunião de famílias extensas, sem se organizarem em aldeia com chefia, salvo em tempos de guerra, que escolhiam temporariamente um chefe. O último cacique que a história registrou foi Dom Miguel Carai, filho de um espanhol com uma índia da tribo minuano.

Os pampeanos abrigavam em seus toldos, foragidos desertores e contrabandistas de origem portuguesa ou espanhola, não se dando importância às suas chinãs (mulheres) que se unissem a eles, mesmo temporariamente. Esses costumes facilitaram a formação do grupo social chamado de gaudério ou gaúcho.

Um hábito da culinária pampeana à tradição gaúcha herdada foi o churrasco. Esse grupo de índios tinha o hábito de assar a carne em um espeto rústico de madeira numa fogueira feita com feixes de lenha. Atualmente, em algumas estâncias do Rio Grande do Sul, ainda é possível presenciar o preparo do churrasco dessa forma tradicional.

Os pampeanos foram dizimados pelos violentos ataques dos espanhóis, que queriam se apossar de suas terras. Com essa finalidade lutaram na guerra denominada Guerra dos Charruas.

CAPÍTULO 04 – CANGUÇU COMO PONTO ESTRATÉGICO

Como já foi referido anteriormente antes e mesmo depois da chegada dos europeus, os grupos indígenas empreenderam movimentos migratórios característicos de seu modo de vida nômade ou semi-sedentário. Migraram também forçados pela presença dos colonizadores e seus descendentes que ocupavam suas terras ou os aprisionavam para escravizá-los.

A história foi constituída de muitas lutas e selvagerias, era a lei do mais forte, uma terra de ninguém. Com um pouco de astúcia e coragem os mais espertos levavam vantagens, recebendo maiores quantidade de terras e salários, atuando como coronéis de determinadas regiões.

Da mesma forma que depois da eliminação dos grupos de índios, as terras de Canguçu conforme se pode perceber pela história, que diferente do que muitos contam, os indígenas, assim como os negros, foram escravizados, eram caçados e apropriados pelos senhores para os servirem.

As pesquisas contam que enquanto o negro era utilizado para mão de obra mercantil e de exportação, o índio era utilizado para transportar cargas, para cultivar gêneros, preparar alimentos, para a caça e a pesca. Desta forma o indígena passou a perder seu espaço e sua liberdade, ficando cada vez mais dependente do “homem branco” que era representado pelos grupos militares aqui no Sul através de ligações das bases militares portuguesas em Rio Grande, estabelecidas em 1737, e de Rio Pardo em 1752.

Assim, o município de Canguçu além de servir de rota para o tropeirismo, assunto que será exposto em capítulo específico, se constituía num ponto estratégico de defesa do Continente de São Pedro, hoje, Rio Grande do Sul, contra os ataques espanhóis pelo Uruguai e pela proximidade com Rio Grande.

Portanto, no sentido de compreender o como se desenvolveu o local onde vive o canguçuense Ruben, torna-se interessante percorrer os arquivos da historiografia para verificar os motivos pelos quais foi criada a concentração de pessoas que mais tarde daria início ao povoado, Rincão do Tamanduá, Villa de Cangussú, Freguesia e o município de Canguçu.

A historiografia conta que em 1737, a fundação portuguesa do Rio Grande do Sul, deu-se com o desembarque do Brigadeiro Silva Pais na cidade atual de

Rio Grande. Já a criação do município de Canguçu, bem como, o povoamento feito por Portugal, teve início , em 1756, após a conquista dos Sete Povos das Missões pelos exércitos de Portugal e Espanha final da Guerra Guaranítica, já tratado anteriormente.

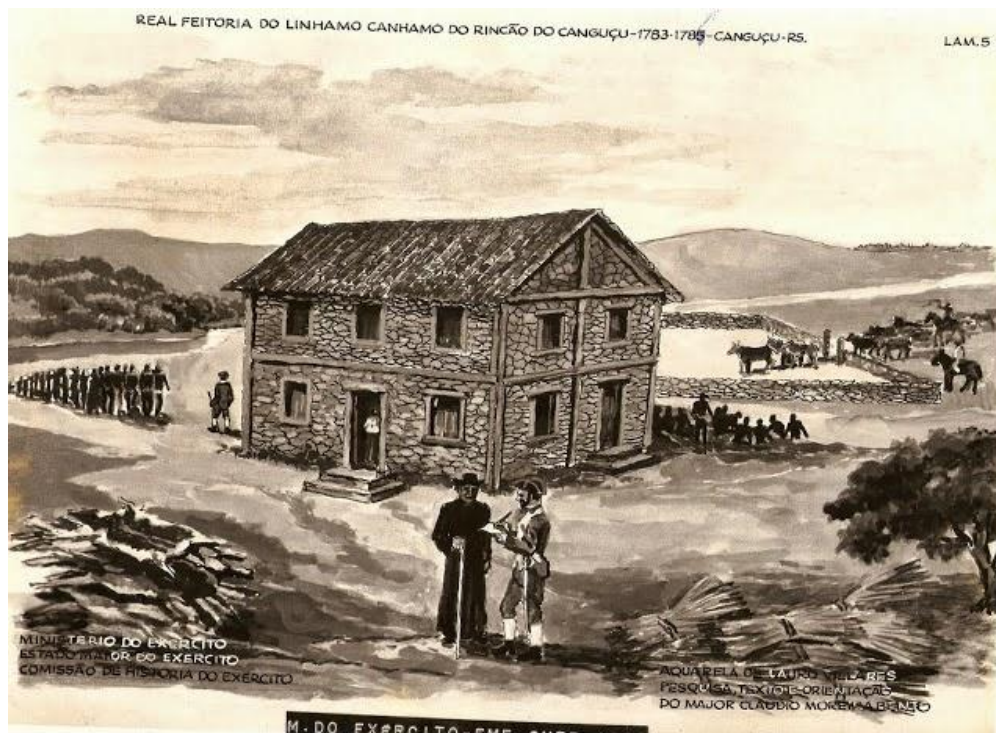
Vários estudos mostram como ocorreu a criação dos municípios de Caçapava e Encruzilhada do Sul, após o término das lutas de delimitação da área portuguesa. Era necessário povoar o território em razão da guerra eminente com a Espanha e a solução encontrada foi distribuir sesmarias aos nobres portugueses, Capitão-Mor Dom Paulo Rodrigues Xavier Prates e João Francisco Teixeira de Oliveira que era a concessão de terras no Brasil pelo governo português estabelecido pela lei de 26 de maio de 1375, com o intuito de desenvolver a agricultura, a criação de gado e, mais tarde, o extrativismo vegetal.

Segundo conta Bento (2007), sempre se acreditou que o maior salto para o desenvolvimento desta região deu-se dentre 1783 e 1789 com a instalação da Real Feitoria do Linho Cânhamo.

A Real Feitoria do Linho Cânhamo

Segundo os estudos de Bento (2007), instalaram-se a mando do Marquês de Pombal, Primeiro Ministro do Império de Portugal as Reais Feitorias do Linho Cânhamo, que funcionavam como uma “estatal portuguesa”, contando com grande número de escravos africanos, e produziam linho cânhamo, matéria prima para velas e cordéis dos navios.

Inicialmente foi localizada em Canguçu Velho (que hoje abrange partes de Canguçu, Pelotas e Turuçu) em (1783). Os produtos eram escoados para a Lagoa dos Patos possivelmente por um porto localizado no Arroio Corrientes. “Na Real Feitoria, além do linho, era produzido estopa para vestir os escravos, milho, feijão, abóbora e mandioca”. (Bento, p, 33). Bento diz também, que faziam farinha da mandioca e que no campo da pecuária houve desenvolvimento em Canguçu e na localidade de Canguçu Velho. Quanto à estrutura física das moradias, era composta por uma casa-grande e por senzalas, conforme imagem a seguir.



Reconstituição aproximada do sobrado sede e mangueirão de pedra quadrado da sede da Real Feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu 1783/89, cujas ruínas oitocentistas ainda estão bem evidentes em Canguçu Velho.

Fonte: Cláudio Moreira Bento. O negro na sociedade do RGS, 1976. Disponível em <http://www.fotografandopassarinhos.com.br/p/a-historia-de-cangucu.html>. acesso em 1º de março de 2015.

Por causa da pouca fertilidade do solo, foi transferida, em 14 de outubro de 1788, para região denominada Fachinal da Courita, no Vale do Rio dos Sinos (abrangendo partes dos municípios de São Leopoldo, Estância Velha, Portão). Na feitoria do Vale dos Sinos a produção era transportada para Porto Alegre pelo rio dos Sinos, primeira via econômica da região.

Neste sentido, Bento (2007), diz que de acordo com documentos e mapas principalmente do General Souza Docca, vários casais continuaram habitando o local, além dos açorianos administrados pelo Padre Francisco Rodrigues Prates, todos sentiam-se seguros em razão do mesmo ser irmão do Capitão-mor, Paulo Xavier Rodrigues Prates.

Da mesma forma a Real Feitoria teve a fundamental participação dos 44 escravos que vieram do Rio de Janeiro, mais precisamente da Real Fazenda Santa Cruz, cujo tema merece um tratamento especial no capítulo específico sobre a participação do negro em Canguçu.

Os açorianos e os primeiros habitantes de Canguçu

No ano de 1800 os filhos de portugueses e açorianos foram enviados ao recém liberado distrito, para desbravarem as terras virgens dos quais seus antepassados tinham vindo dos países de origem. No ano de 1737, desembarcaram de um navio no porto de Rio Grande e, ficaram por algum tempo morando nos arredores, até que no ano de 1800 foram enviados para um novo distrito que recebeu o nome de Canguçu, derivado do Tupi Guarani Canguaçu, onde se ergue à cidade Canguçu, que desde então passou a ser ponto obrigatório de passagem para quem procedente do norte do rio Camaquã demandasse à então Vila do Rio Grande. Isso por ser o local nó orográfico onde se encontram as nascentes de cursos d' água que deságuam nos rios Piratini, Camaquã e Lagoa dos Patos.

Como o local era propício, e no sentido de demarcar território pelos portugueses, foram enviadas várias famílias para desempenhar o papel de desbravadores, recebendo uma data de terras ou para poucos, sesmaria como recompensa. A prova disso é que algumas destas famílias podem ser identificadas nos dias de hoje, pelos seus sobrenomes que deram a algumas localidades onde habitaram como é o caso do Passo do Saraiva, Coxilha dos Piegas e Cerro dos Cunhas, todos esses situados no quarto distrito de Canguçu, mas, em cada distrito existem marcas dos nomes de famílias no sentido de destacar as localidades e seus primeiros colonizadores.

Por outro lado, por volta de 1793 os sesmeiros Paulo Rodrigues Xavier de Prates (esposo de D^a. Joaquina Marques de Souza) e a família de João Francisco Teixeira de Oliveira, que até então viviam disputando a posse do Rincão do Tamanduá, cansados do stress das desavenças, doaram para o Visitador Pe. Bento Cortes de Toledo o local de desentendimentos para a construção da Capela Curada Nossa Senhora da Conceição de Canguçu.

No dia 26 de dezembro de 1799, cento e quarenta moradores do Arroio das Pedras chamado de Canguçu, distrito pertencente à Freguesia de São Pedro do Rio Grande dirigiram ao Governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da

Câmara, uma petição requerendo a concessão do rincão para erguer a capela tendo como cura o Pe. Pedro Rodrigues Tourem, nascido em Braga, Portugal¹².

Aprovada a criação no dia 30 do mesmo mês, com a ressalva de que a administração dos terrenos enquanto não se formasse uma irmandade legalmente constituída, coubesse aos cuidados de dois homens bons do lugar.

O trabalho de construção durou quatro anos para atender em sacramento e mistérios da religião 140 famílias totalizando 1000 pessoas.



Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição em 1912.

Os detalhes sobre as pessoas que faziam parte da criação da Capela Curada não foram encontrados pelos historiadores Ilka Neves e Cláudio Moreira Bento, existem suposições pelos primeiros registros eclesiásticos através do Livro nº 1 de Batismo, no período compreendido entre 02 de fevereiro de 1800 a 24 de setembro de 1813 no término do livro.

Portanto, o primeiro registro diz o seguinte:

Aos dois dias do mês de Fevereiro de mil oitocentos anos nesta Capela Curada Nossa Senhora da Conceição de Canguçu da Freguesia de São Pedro do Rio Grande, batizei e pus os Santos Óleos a IZIDORO, filho legítimo de Joaquim José de Oliveira natural da Freguesia da Sé de São Paulo, e de Francisca de Paula natural da sobredita Freguesia; Neto por parte Paterna de Francisco Xavier Pedrozo e de Maria Francisca de Oliveira, naturais de São Paulo, e pela Materna de Sebastião da Costa, e de Ana Maria de Ascensão, ambos naturais de Curitiba, bispado de São Paulo. Foram padrinhos Antônio Claro da Cunha e sua mulher Eugênia Maria de Oliveira. Neves (1998, p. 28).

¹² Maiores detalhes sobre o assunto podem ser encontrados no Livro: Canguçu – RS Primitivos Moradores Primeiros Batismos da autora Ilka Neves – 1998.

A respeito desse assunto é interessante mencionar não só a presença marcante do índio e do negro nos primeiros anos de Canguçu, apesar de serem escravos mas também o reconhecimento como sujeitos, conforme citado pela mesma autora quando se refere aos registros na Capela Curada Nossa Senhora da Conceição:

1 - AGOSTINHO DOS SANTOS, casado com Maria Marcela, ambos naturais da Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos de Viamão, índios de Nação Guarani.

Pais de:

1 - JOÃO, índio, nasceu a 11.10.1804; batizado a 28.10.1804 (74), padrinhos: João e sua mulher Maria, escravos de Joaquim Bartolomeu dos Passos.

2 - EVARISTO, índio de Nação Guarani; nasceu a 03.01.1807; batizado a 08.02.1807 (121), padrinhos: jacinto Mariano e Leonor Dionísia, solteiros.

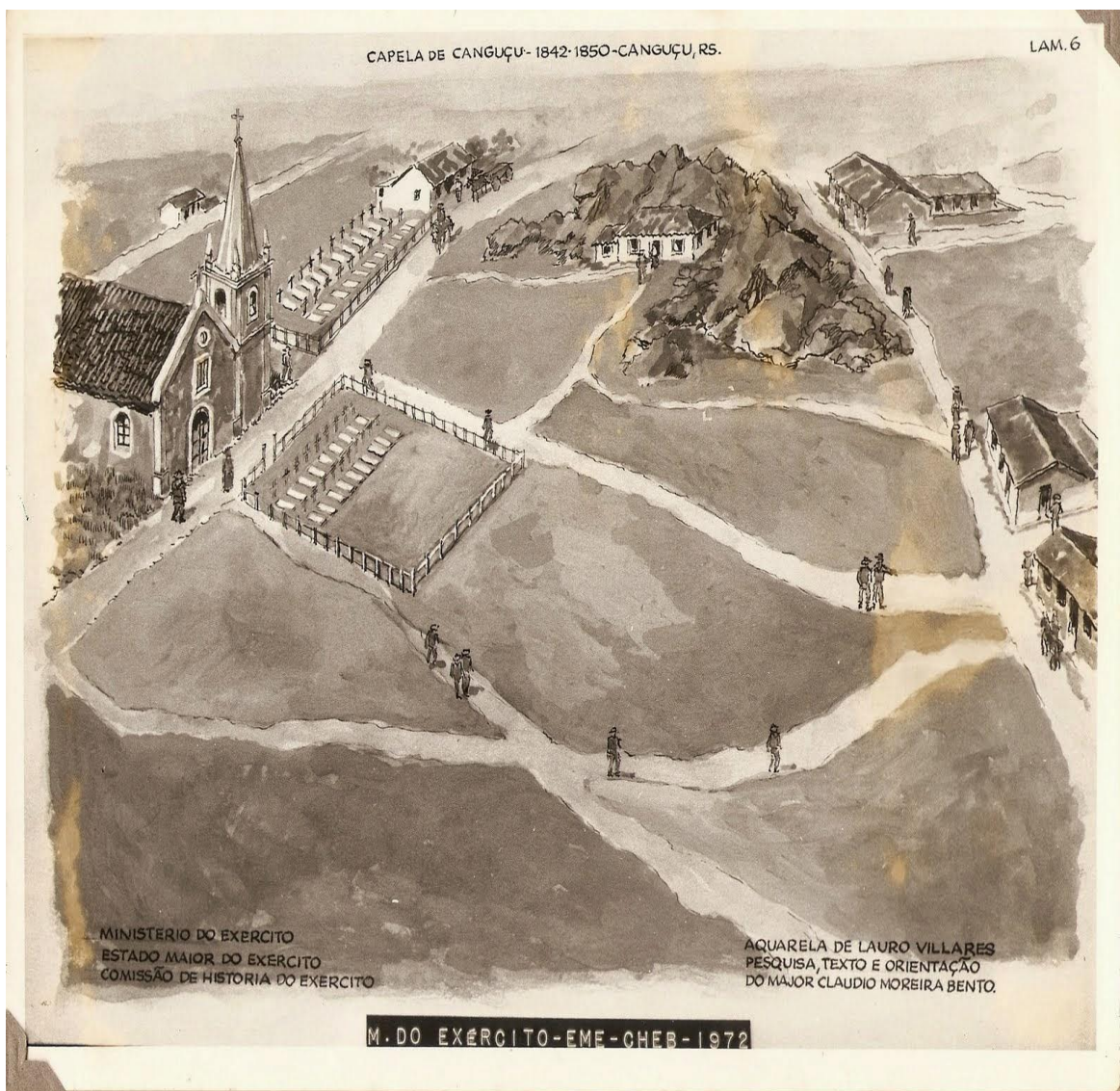
2- AGOSTINHO FERREIRA, natural da Vila da Faxina, bispado de São Paulo, filho de Matias Ferreira e Rosa, parda, natural da freguesia do Rosário do Rio Pardo, deste Continente, filha de Francisco Pereira e Inácia Maciel.

Pais de:

1 - GERTRUDES, parda, nasceu a 06.04.1805; batizada a 14.04.1805 (81v), padrinhos: Manoel Antunes Moreira, casado, e Ana Maria Moreira, viúva.

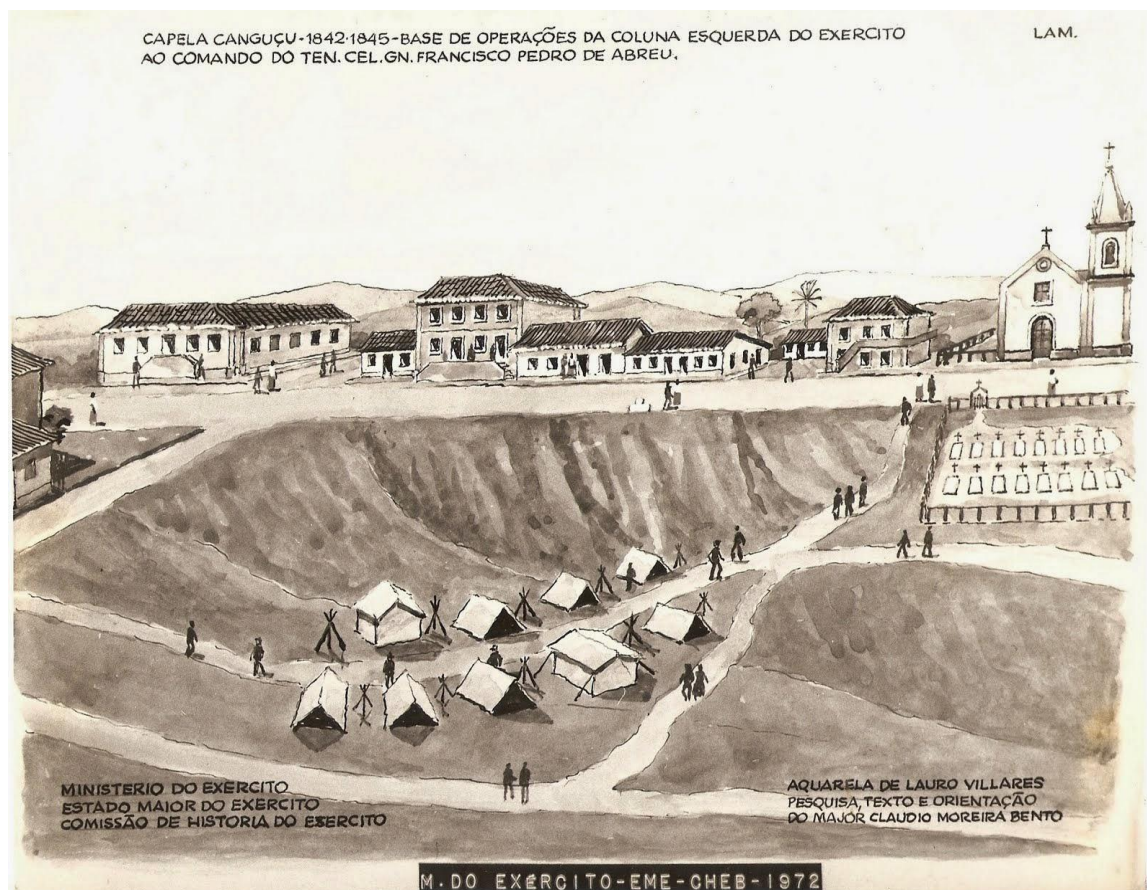
Neves (1998, p. 62).

Esta foi apenas uma amostra sobre os primeiros habitantes de Canguçu. A autora descreve os registros com muita propriedade demonstrando uma pesquisa profunda sobre o assunto.



Disponível em <http://www.fotografandopassarinhos.com.br/p/a-historia-de-cangucu.html>. Acesso em 1º de março de 2015.

Prosseguindo pelos caminhos da história, cabe dizer que as casas foram erguidas quase que imediatamente, e logo estava formado o povoado de bom tamanho e bem organizado. Após doze anos foi levado à categoria de freguesia. Tal se deu por Carta régia do príncipe regente D. João, assinada a 31 de janeiro de 1812, sendo a décima sétima freguesia da capitania.



Disponível em <http://www.fotografandopassarinhos.com.br/p/a-historia-de-cangucu.html>. Acesso em 1º de março de 2015.

Nossos antepassados representavam um povo determinado, com um objetivo em mente, fazer as terras virgens produzirem, foram desmatando e enfrentando, doenças, falta de recursos. Destacaram-se na criação de gado, cavalos, ovelhas e porcos; plantaram trigo, milho, feijão, etc.

Embora a agricultura representasse a subsistência, foi a pecuária a base da economia daqueles pioneiros. As vendas ocorriam na cidade de Pelotas a 53 quilômetros de distância, na época do apogeu do comércio do charque que se expandia no Estado, com um retorno financeiro compensatório.

A Diversidade na Origem do Nome

É impossível falar do município de Cangucu sem mencionar as pesquisas do historiador Claudio Moreira Bento (2007) o qual encontra-se amparado pelo trabalho realizado por João Simões Lopes Neto em 1912 que diz:

“destaca-se um elevado cerro, há longos anos chamado **Cerro Grande**. Da sua altura descortina-se um dilatado e magnífico panorama, talvez maior de dez léguas (cerca de 65km) de raio em todos os rumos. O nome nativo cabia-lhe certo: Cang Kassu, **saliência alta, cabeça grande**. Sobre este cerro está construído um marco da Carta Geral da República. Do marco divisa-se a olho nu os Três Cerros, em Pelotas, a Cordilheira, em Encruzilhada, o Pedregal, em Piratini, o Cerro Chato, em Herval e a Serra Mariana Pimentel, próximo a Pedras Brancas (Guaíba)”. (BENTO apud NETO, 2007, p.23-24).

Nesse momento vem à mente um fato interessante ocorrido no ano de 2000¹³, quando visitava meus pais na chácara da família localizada no Arroio do Moinho, 1º distrito de Canguçu, perto de Canguçu-Velho. Meu pai e eu passeávamos na propriedade quando me surpreendeu ao apontar a direção dizendo que se pode avistar Pelotas, Encruzilhada, Piratini e Herval.

Na época por desconhecimento confesso que considerei impossível avistar tantos lugares que pareciam longe, quando pesquisava sobre as teorias da origem do nome de Canguçu foi quando tive o primeiro contato com os trabalhos do historiador João Simões Lopes Neto, contavam a mesma coisa que meu pai, um homem com pouco estudo, pela primeira vez percebi a riqueza que tive a oportunidade de testemunhar junto com meu pai, a prova disso esta nas palavras de João Simões Lopes Neto conta que:

“Canguçu-Velho repousa sobre a pendente nordeste de uma extensa colina. Dela alonga-se uma vasta área quase plana que vai fazer margem direta com Arroio do Moinho de límpidas águas roladas sobre pedras e de volume bastante para uma grande população. Em frente e aos lados ergue-se prolonga-se a serra, como defesa natural fácil de atender. Para trás desdobram-se campos ricos de pastagens abundantes de gado de toda espécie, para alimento e trabalho. De um lado um veio de cristal de rocha, mineral típico da região. De outro camadas de terra humosa, de um metro e mais de espessura, para frutas e cereais”. (BENTO apud NETO, 2007, p.24).

Nesse sentido Bento formula a seguinte hipótese: Caa-guaçu¹⁴ seria uma referência a milenar mata grande que encobriu primitivamente a encosta da Serra dos Tapes voltada para a Lagoa dos Patos e que daria o nome a ilha de Canguçu,

¹³ O ano de 2000 foi marcante porque estava estudando os homens no magistério municipal e fazia um contraponto com a história de Canguçu o qual deu origem a dissertação de mestrado defendida em 2002. Nota da autora.

¹⁴ Cláudio Moreira BENTO, Canguçu reencontro com a história, p. 34; ver também: Jurandir Pires FERREIRA, Enciclopédia dos municípios brasileiros, vol XXXIII, p.113-118.

mais tarde chamada de ilha da Feitoria como parte da estância Feitoria depois de adquirida por esta.

Na trajetória histórica de Canguçu encontra-se marcada por mudanças significativas em todos os aspectos, normalmente acompanhando as tendências sofridas pelo resto do País. Como a freguesia fazia parte de Rio Grande o primeiro comandante do distrito foi Ten. Coronel Jerônimo Azambuja em 1827.

Havia na época, no Rio Grande do Sul, apenas quatro municípios, sendo que a freguesia de Canguçu fazia parte de Rio Grande, passando somente em 1830 ao município de Piratini, do que se constituiu distrito em razão da revolução farroupilha.

O contexto do município no século XVIII

No sentido de compreender os acontecimentos do cotidiano de Canguçu torna-se interessante mencionar que o Brasil teve seu primeiro Presidente civil eleito na Primeira República, o paulista Prudente de Moraes, o qual enfrentou enormes dificuldades por conta de uma grave crise econômica e conflito político.

Conseguiu pacificar o Rio Grande do Sul e venceu a Guerra dos Canudos, onde sofreu um atentado, quando estava passando em revista as tropas vitoriosas em Canudos. O soldado Marcellino B. de Miranda tentou ferir o presidente, armado de uma faca. Ao perceber a ameaça o ministro da Guerra, marechal Machado Bittencourt, colocou-se entre o soldado e Prudente. Bittencourt recebeu três facadas, uma no peito, na virilha e outra em uma das mãos. Não resistiu aos ferimentos e acabou falecendo.

Os tempos de violência também atingiram Canguçu. O registro mais antigo encontrado no Museu Capitão Henrique José Barbosa sobre a vida cotidiana da Villa de Cangussú foi o jornal "O Tempo" em 1894, que pertencia a uma associação formada por redatores diversos. Um texto interessante sobre o assunto dá conta sobre a realidade do momento histórico vivido na localidade conforme descreve o jornal:

Vive, floresce, pode desaffrontadamente apparecer entre às suas contemporâneas, certa de que terá um lugar no meio d'aquellas que progredirem. Não conta para esse concurso com sumptuosos monumentos, palácios, com homens erudictos, com forte commercio, animada industria; porém, sob tectos modestos

encontra-se almas caridozas, que não são surdas aos gritos da desgraça; devotados obreiros no progresso, que tudo sacrificão pelo torrão cujo céu serviu de cúpula a seus berços; sinceros patriotas consubstanciados das mais sagrados affectos pela pátria, sempre cupidos do momento de manifestarem o nobre sentimento de Felix da Cunha – patriotismo!

A prova de nossa asserção facilmente encontraremos passando uma ligeira vista sobre às páginas da história da revolução de 1835, da guerra do Paraguay; aonde Cangussú se fez representar por seus filhos dilectos, que souberam honrar o torrão, aonde nasceram; entre muitos, ainda hoje salienta-se o venrando General Hyppolito Ribeiro.

Para a luta actual, Cangussú muito tem concorrido em pró da legalidade; centenas de seus filhos tem deixado os doces encantos do lar da família acudindo aos reclames do Governo, para jamais abraçarem a mãe caridosa, a espoza amada, os filhos dilectos!

Foi no cumprimento do dever de cidadão, honrando a terra onde nasceram, que passaram ao pantheon dos immortaes os bravos Tenente-coronel José Honorio Bandeira e seus companheiros Tenente-coronel Rufino Nunes com flor da mocidade Cangussuana no honroso combate do Rio Negro.

Então, como negar que Cangussú não tem feito jus ao respeito a consideração da pátria, do governo?!... É verdade, no Cangussú commetteram-se imprudências houveram mãos, os há e haverão; quando deixarão de haver? Aonde não tem cometido imprudências? Por onde não tem cruzado a malidicencia?!...

Cangussú não é digno do juízo que algures fazem. Cangussú ainda que, pouco considerado, se protecção alguma alem dos esforços de seus habitantes, sob a pressão da guerra quasi sempre tem seu município invadido por forças contrarias ao governo, progride; ainda não desanimaram, não desorientaram os seus habitantes; o prazer jamais desapareceu tudo tem marchado correctamente: O commercio tem animação, para provar o que contamos na Villa: - dezeseis casas commerciaes, regularmente sortidas, um bem montado hotel, dois açougues, uma pharmacia, um relojoeiro, uma marcenaria, quatro sapatarias, cinco cortumes, duas padarias, uma sellaria, duas tamancarias, uma alfaiataria, uma ferraria, uma barbearia, duas modistas, vários carpinteiros, pedreiros, barbeiros, uma banda de muzica, composta de quinze figuras denominada Santa Roza, uma sociedade bailante.

As aulas públicas da Villa são freqüentadas por mais de cem alumnos. Os viveres obtêm-se por preços razoáveis, relativamente a epocha. Ora, uma localidade que, nesta epocha, conta com taes elementos de progresso, o quanto pode esperar quando estejamos em plena paz, quando tenhamos braços para desenvolver se agricultura? Mesmo, a industria pastoril no município uma vez restabelecida a paz, facilmente desenvolver-se-á com vantagens.

O que acabamos de exarar, são expressões da verdade, fallamos com sinceridade, não existe em nossas palavras espirito de bairrismo.

Transcrição fiel do Jornal O Tempo
Cangussú 17 de outubro de 1894. Anno I p.2.
Autor da matéria: Desconhecido

As notícias do citado jornal eram das mais diversas e como hoje, demonstravam o contraponto da sociedade em que de um lado exibia a rotina elegante da elite através dos comunicados sobre festas, viagens, noivados, casamentos, nascimentos... Por outro contava também as mazelas sofridas pelas pessoas da comunidade diante da violência, a exemplo disso duas notícias chamam atenção:

Uma conta da mãe que após o nascimento do filho, arrebentou o cordão umbilical e atirou o bebê numa cacimba. Outra notícia fala sobre um grupo de homens moradores do interior que cercaram uma residência retirando o dono da casa para fora, e o degolaram sem que seus parentes soubessem os motivos. Sabe-se que em muitos casos algum parente resolvia fazer justiça pelas próprias mãos matando também alguém da família do assassino e assim as inimizades não tinham fim.

Examinando os jornais mais antigos guardados no museu Capitão Henrique José Barbosa, dá para se ter uma ideia do início do primeiro tipo de comunicação de massa que foi a escrita. As notícias apresentavam-se de forma variada sem nenhuma imagem, apenas textos, as quais chegavam de muitos lugares até mesmo do exterior, provavelmente através de telégrafo que contavam os fatos mais importantes principalmente ligados à política da Europa e Uruguai.

Mais tarde, jornal Iris da Villa de Cangussú – 1900 de propriedade do Diretor Sr. Francisco de Paula Pinto, apresentava algumas imagens e contava com a participação de vários correspondentes: residentes em Pelotas cidadão Antonio Pires Vieira, Porto Alegre o agente Carlos Saturnino Pinto, Encruzilhada do Sul, Cidadão Tenente Coronel Avelino Borges, Sr. José do Patriocínio, e o Tenente Francisco Baptista Prestes.

O jornal era composto por assuntos variados, às notícias eram de Canguçu, Pelotas, Bagé, Jaguarão, Rio Grande... , editoriais e propagandas, charadas, receitas, felicitações, notícias de pessoas que chegavam à cidade e das que partiam para outros municípios. Quanto às propagandas que eram de diversos produtos e outras chegavam ter duas propagandas do mesmo produto na mesma página, exemplo sobre o Vinho Caramuru: *“Do Dr. Assis para os*

convalescentes e pessoas débeis – vende-se na livraria Americana de Carlos Pinto&comp. Sucos. Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande”.

CAPÍTULO 05 - O TROPEIRISMO E O DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO SUL

O meu passado é tudo quanto não consegui ser. Nem as sensações de momentos idos me são saudosas: o que se sente exige o momento; passado este, há um virar de página e a história continua, mas não o texto.

Fernando Pessoa

Acredito que a história de Ruben e sua visão do mundo não podem ser escritas fora do contexto histórico do Brasil e dos elementos envolvidos na criação do município de Canguçu, como disse Fernando Pessoa na epígrafe acima. Embora não tenhamos estado no passado, sentimos certa saudade de acontecimentos dos quais não participamos, mas necessitamos escrever as páginas em branco de nossas vidas. Um exemplo é se prestarmos atenção nas histórias de expressão oral dos canguçuenses nos quais quase todas as famílias tiveram um parente que exerceu a função de tropeiro.

Cabe salientar neste momento, que os registros históricos contam, que o município de Canguçu surgiu da necessidade de uma estrutura de acomodação adequada para os tropeiros, aventureiros, contrabandistas e militares a fim de se deslocarem da região de fronteira para o povoado de Rio Grande.

A região da Serra dos Tapes era um local estratégico de defesa de território principalmente no período da Guerra Guaranítica. Com o passar do tempo, foram dividindo esta região em pequenas propriedades, colonizadas na maioria por europeus, alemães, pomeranos, negros, franceses, italianos e portugueses açorianos, formadores dos cinco distritos que compõem a área física do município.

É nesse contexto que a história nos leva ao tropeirismo que representa um dos capítulos mais importantes da formação gaúcha e um dos menos lembrados pelas pesquisas. Este movimento teve o papel de ser um elo integrador de diferentes regiões do Brasil, e traçou a rota da formação de muitas cidades da região Sul e Sudeste. Foram através dessas atividades que se consolidaram os movimentos comerciais do país, e se definiram as vocações

econômicas regionais, nas enormes extensões de pampas gaúchos, onde encontraram seu destino até os dias de hoje.

Tendo em vista estes fatos, torna-se necessário mostrar, embora que brevemente, o interesse das pesquisas surgidas nos últimos anos a respeito do papel desempenhado pelos tropeiros na condução do gado, para o desenvolvimento econômico no Brasil do início da colonização.

Segundo vários historiadores que concentraram seus estudos no período compreendido no final do século XVII e início do XVIII entre eles Machado citado por Bruno Martins Farias no livro: Geoglifos Gaúchos, um estudo sobre o tropeirismo e as cercas e currais de terra, pedra e plantas do sudoeste do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, representa bem a origem do gado quando diz que:

“O início da colonização se dá pelo oeste, com a chegada dos primeiros brancos ao território sulino. Eram padres espanhóis que partiram do Paraguai para expandir o cristianismo entre os índios. Chegaram aqui no ano de 1626 e criaram as dezoito reduções jesuíticas, cujas ruínas de São Miguel ainda sobrevivem. Eles introduziram o gado em 1634, para alguns, o fato histórico mais importante para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Mas em 1641 os jesuítas foram expulsos só retornando em 1683. Nesse período, os animais ficaram soltos, se reproduzindo e ocupando todos os campos onde só havia índios e animais nativos. Estima-se que este rebanho, chamado de gado chimarrão, fosse de dez milhões de cabeças só na Vacaria do Mar”. (FARIAS apud MACHADO, 2013).

As pesquisas de Farias (2013) trazem a visão de que não havia povoações, principalmente no litoral gaúcho. O gado vivia solto e arisco, quando começou a ser caçado por homens corajosos, índios e cavalheiros organizados em bandos, os quais abatiam livremente o gado. Foi esse um dos motivos que fez com pessoas de confiança de Portugal viessem povoar a região entre Uruguai e o Rio Grande do Sul.

A partir daí, foram criados pontos estratégicos de colonização para proteger toda região do sul do país conforme Silva apud Farias (2012), aponta em suas pesquisas que:

“a fundação da Colônia de Sacramento (1680); a construção da Fortaleza de Santa Teresa (1762); a fundação de Laguna (1684);

a concessão de sesmarias (1732); a construção do Forte de São Miguel no Chuí (1734); do Forte/Presídio Jesus Maria José na barra do Rio Grande (1737) e, na abertura de rotas para escoamento do gado e produtos oriundos destes animais” (DA SILVA, A. apud FARIAS, 2013).

Então, foi nessas regiões que surgiram os tropeiros que levavam o gado para várias localidades do país como esclarece a genealogista e historiadora prof^a Ilka Neves (1998), que fala a respeito dos primeiros tropeiros que surgiram em Canguçu:

“As comunicações do Rio Grande do Sul com Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, a partir de 1720 e por longos anos após, se fizeram, por terra, dentro da Estrada das Tropas, onde se desenvolveu o Tropeirismo que de uns tempos para cá começa a ser resgatado. Estrada mais ou menos balizada hoje, a partir de Canguçu, por Pelotas – Rio Grande – Mostardas – Viamão e Porto Alegre – Santo Antônio da Patrulha, Bom Jesus – Vacaria – Lages – Rio Negro – Lapa – Curitiba – Ponta Grassa – Castro – Faxina – Itararé – Itapetininga – São Paulo – Mogi das Cruzes, Taubaté – Pindamonhangaba - Guaratinguetá – Lorena- Resende- São João Marcos – Rio de Janeiro e, a partir de Guaratinguetá, Minas Gerais e cidades auríferas”. Neves (1998, p.5).

Pode-se perceber que os tropeiros percorriam longas distâncias transportando animais para desempenhar diversas tarefas como aconteceu com os muares. Nesse caso especificamente Canguçu, no início do seu povoamento foi um dos maiores produtores desse animal no país, os quais eram utilizados para trabalhar no ciclo do ouro em Minas Gerais, já que mulas e burros eram mais adequados para o transporte em uma região montanhosa como o caso de Minas Gerais. Mas também se exportava gado vacum e cavalos.

Para se ter uma ideia do contexto da época, segundo Oliveira apud Gehrke (2010), foi no ano de 1718 que surgiram duas notícias vindas do Brasil à Corte de Lisboa. “*A quantidade de ouro que sai das Minas Gerais é formidável e os diamantes são tantos que renderão muita riqueza a Sua Majestade*” a outra segundo Oliveira foi que:

“A corrida do ouro é tão assustadora que está despovoando as demais capitânicas da colônia e até Portugal. É tanta gente que não há comida para saciar a todos. Os mineiros já não tem com o que se alimentar – até cães e gatos já foram para a panela -, morrem dizimados pela inanição” (OLIVEIRA, 2006. p. 42).

O mesmo autor diz que no início de século XVIII o abastecimento daquela região mineira era feito por escravos (índios e negros) vindos de São Paulo, Rio de Janeiro e Nordeste, os mesmos viajavam por meses puxando o carro de boi, porque não havia mulas e cavalos suficientes.

Diante do exposto segundo alguns historiadores, por falta de registros da época é quase impossível estabelecer um número exato de animais exportados, alguns estudos indicam que houve relatos da metade do século XVIII de mais de 50 mil animais, com grande predominância de muares.

O contexto dos tropeiros

Originalmente, os tropeiros eram homens bravos que percorriam rotas desbravando o Brasil levando riqueza e desenvolvimento a locais distantes. Esse movimento perdurou do início do século XVIII até por volta do ano de 1930, quando a modernidade passou a decretar o fim deste ciclo nos lugares mais populosos e perdurando por muito mais tempo no interior, como foi o caso de Canguçu.

Quanto ao perfil, o tropeiro geralmente começava na profissão por volta dos 10 anos, acompanhando o pai, que era o negociante (compra e venda de animais) o condutor da tropa.



Fonte: Monumento Tropeiro. Disponível em <http://www.escultorchary.com/galeria.php>. Acesso em 30 de março de 2014.

Como pode ser visto na imagem do monumento, usavam chapelão de feltro cinza ou marrom, de abas viradas, camisa de cor similar ao chapéu de pano forte, manta ou beata com uma abertura no centro, jogada sobre o ombro, botas de couro flexível que chegavam até o meio da coxa para proteger-se nos terrenos alagados e matas. Assim, o tropeiro montava um cavalo que possuía sacola para guardar a capa, a sela apetrechada, suspendia-se em pesados estribos e enfeitava a crina com fitas.

Pesquisas mostram que os tropeiros eram auxiliados pela "madrinha", isto é, um cavalo ou mula já envelhecida e bastante conhecida dos outros animais para poder atraí-los, representavam a cabeça da tropa e tinham a incumbência de abrir o percurso, com a fila de cargueiros à sua retaguarda; "malotagem" eram os apetrechos e arreios necessários de cada animal e acondicionamento da carga e "broaca", os bolsões de couro que eram colocados sobre a cangalha e serviam para guardar as mercadorias.

Quanto aos percursos mais utilizados eram os seguintes: as tropas saiam do Rio Grande do Sul em setembro ou outubro, época em que, graças às chuvas, encontrariam melhores pastos pelo caminho. Prosseguiram até Curitiba, onde ficavam por algum tempo, engordando o gado. De lá, partiam para Sorocaba, o grande centro de comércio de gado, a tempo de participar das grandes feiras que se realizavam entre abril e maio.

Como os tropeiros andavam de um lado para outro, precisavam parar em pontos estratégicos por motivo de segurança e tratar os animais. Estes locais eram denominados de "paradouros", era composto de pequenos comércios que supriam as tropas dando pouso e apoio com víveres onde se alimentavam com feijão quase sem molho com pedaços de carne de sol e toucinho (daí surgiu o feijão tropeiro) que era servido com farofa e couve picada. Bebidas alcoólicas só eram permitidas em ocasiões especiais: quando nos dias muito frios tomavam um pouco de cachaça para evitar constipação e como remédio para picada de insetos.

Havia também pequenas oficinas, bem como repouso para os animais transportados nas manguieras feitas de pedras, plantas ou madeiras. Algumas sobrevivem até hoje e podem ser vista conforme registro a seguir.



Mangueira de Pedra feita pelos escravos - Lacerda - 1º dist. Canguçu.
Propriedade de Adão Couto Terres. Créditos da autora em 1º de fevereiro de 2015.

Segundo Neves (1998), o povoamento de Canguçu se deu pelo caminho das tropas feito pelos paulistas e paranaenses. A mesma autora diz que tanto de São Paulo como, do Paraná, vieram para essas bandas as famílias Rosa, Borges, parentes de Ruben e os Barbosa e Oliveira, origem dos familiares da autora. Então, somos descendentes dos fundadores de Canguçu.

Nas regiões de campo, apropriadas à criação de gado, paulatinamente, diversas famílias se estabeleceram, integradas no ciclo tropeiro sulino, e envolvidas diretamente em trabalhos campeiros. Ao longo dos caminhos das tropas foram surgindo casas de pouso, postos de recolhimento de impostos, armazéns onde eram comercializados desde mantimentos para os birivas até alimentos para o trato animal. Uma infraestrutura foi sendo construída em função do comércio do gado em pé já que a viagem era um grande empreendimento que envolvia diversas semanas num trajeto que carecia de postos de abastecimento. Muito logo, como já foi referido, surgiram nestes locais os primeiros povoados. (FERREIRA epud GEHRKE, 2010).

Prosseguindo na trajetória do tropeirismo, para quem aprecia o assunto deve-se perguntar afinal, quem foram os primeiros povos que construíram as primeiras mangueiras nessa parte da América? Aqui, no Rio Grande do Sul, os relatos orais das pessoas ligadas a esse manejo, afirmam que os primeiros construtores dos mangueirões foram os escravos.

Já pesquisadores como Ricardo Sienra apud Farias (2013) se referem às mangueiras do Uruguai, dizem que foi após a Guerra Grande, entre os partidos

blanco e colorado, entre os anos de 1839 e 1851, que passaram a utilizar as pedras, terra ou plantas nas construções. Todavia, acredita-se que nem todos os currais e mangueiras tenham sido construídos pelos soldados e sim pelos homens livres empregados das propriedades.

Da mesma forma, no Rio Grande do Sul os estudiosos do assunto esquentam as discussões no sentido de afirmar que existem indícios de que os autores tenham sido os escravos. Por outro lado, foram os jesuítas que trouxeram da Espanha o gado para alimentar um grande número de índios guaranis convertidos. Para sustentar essas populações, foi introduzida a atividade pecuária, com o gado solto nas pradarias e que para facilitar o manejo, provavelmente, tenham sido eles os primeiros que construíram os currais e mangueiras.

O ciclo do tropeirismo chega ao fim

Convém lembrar que existe registro que em 1783, Canguçu já plantava linho cânhamo e a atividade dos tropeiros teve seu auge antes, entre 1725 e o final do século, quando a atividade mineradora começou a declinar. Nessa época, entretanto, um novo produto permitiu que o Rio Grande do Sul continuasse a desempenhar o seu papel de fornecedor de outros centros produtores brasileiros. Era o charque, que começou a ser produzido na região de Pelotas por volta de 1780. Com ele, os rebanhos gaúchos encontrariam uma nova destinação.

Existe a afirmação de que, a atividade dos tropeiros sofreu um grande baque com a instalação das ferrovias, no final do século XIX. Manteve-se, contudo, em menor escala, até o a década de 50 do século XX.

Da tarefa primitiva os tropeiros nasceram e viveram com largueza influenciando futuramente várias profissões e indústrias organizadas, como a de "rancheiro", proprietários de "rancho" ou alojamento em que pousavam as tropas. Geralmente não era retribuída a hospedagem, cobrando o seu proprietário, apenas o milho e o pasto consumidos pelos animais, porque as tropas conduziam cozinhas próprias.

Estudos mostram que a profissão de ferrador também foi criada pelas necessidades econômico-social, consistindo ela em pregar as ferraduras nos

animais das tropas e acumulando geralmente a profissão de veterinário. A incumbência de domar os animais ainda xucros era também uma decorrência do regime de transportes e os domadores chamavam-se "paulistas", porque conduziam ao destino os animais adquiridos em Sorocaba.

Desnecessário seria dizer que o comércio de animais foi fator determinante para integrar efetivamente o sul ao restante do Brasil. Apesar das diferenças culturais entre as regiões da colônia, os interesses mercantis foram responsáveis por essa fusão e indiretamente, pela prosperidade, tanto da grande propriedade estancieira gaúcha, como de pequenas propriedades familiares, em regiões onde predominaram populações de origem europeia e que abasteciam de alimentos as fazendas pecuaristas como foi o caso de Pelotas.

Nesse sentido, com a produção de charque. Segundo Recco (1999), o charque produzido nas charqueadas situadas as margens dos rios da cidade de Pelotas, além de ser usado na alimentação dos marinheiros e escravos, era também, o alimento que abastecia grandes províncias do país, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Nordeste.

Com o passar dos anos, o comércio do charque de Pelotas sofreu forte impacto com a concorrência dos preços e qualidade vindos dos países vizinhos como o Uruguai e Argentina que também eram grandes produtores. Foi desta forma que iniciaram a se organizar em 1830, como o governo do império não fez nada para auxiliar na resolução da questão, motivo pelo qual em 1835 uma parte do povo gaúcho revoltado com a situação levantou-se em guerra contra o império, iniciando a Revolução Farroupilha que durou quase 10 anos.

Por ocasião desta guerra em que os gaúchos se separaram em dois grupos, haviam os que eram a favor do império e os que eram contra, estes últimos eram os Farrapos. O novo distrito de Canguçu que ainda pertencia ao município de Piratini era um reduto Farroupilha em que a família Saraiva fazia parte. Entre os imperiais estavam os Piegas e os Cunhas que eram famílias proprietárias de grande extensão de terra e gado, os soldados imperiais costumavam acampar nestes campos com a autorização dos proprietários.

CAPÍTULO 06 – BREVES OLHARES SOBRE CANGUÇU

“Olhar para trás após uma longa caminhada pode fazer perder a noção da distância que percorremos, mas se nos detivermos em nossa imagem, quando a iniciamos e ao término, certamente nos lembraremos o quanto nos custou chegar até o ponto final, e hoje temos a impressão de que tudo começou ontem. Não somos os mesmos, mas sabemos mais uns dos outros. E é por esse motivo que dizer adeus se torna complicado! Digamos então que nada se perderá. Pelo menos dentro da gente...”.

João Guimarães Rosa

Quando pessoas como Ruben, olham para trás, recordam seja através de memórias ou de pesquisas, normalmente com nostalgia de um tempo aparentemente romântico, onde a vida pulsava devagar e se tinha tempo para conversar com as pessoas, fazer visitas ou simplesmente contemplar a vida que passava.

Como já foi referido anteriormente, geograficamente em Canguçu havia poucas residências; então, criavam-se animais em volta das casas, construíam estrebaria para as vacas, cavalos, galinheiro para as aves, cada um se organizava como podia sem falar nas hortas e quintais que eram cultivados com todo carinho e de onde saíam frutas e verduras fresquinhas.



O centro da cidade no início do século XX – Imagem capturada no site wp.clicrbs.com.br. acesso em 22 de março de 2014.

Assim, os dados existentes no Museu Henrique José Barbosa da história de Canguçu possibilitam observar, embora em breves pinceladas, um passado onde os registros eram feitos manualmente através do punho do funcionário da Prefeitura, com letra extremamente desenhada por traços caprichosos.

Dentro desse contexto, o censo demográfico do município aponta que Canguçu em 1950 possuía 58.207 habitantes distribuídos da seguinte forma:

Censo Demográfico - 1950

Localização	Habitantes
Área Rural	54.089
Perímetro Urbano	3.188
Perímetro Suburbano (periferia)	930

Fonte: Museu Capitão Henrique José Barbosa. Pesquisa feita em fevereiro (2014).

Tomando como base o ano de 2014, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, a estimativa da população é de 55.637 mil habitantes. Torna-se interessante observar que a sessenta e dois anos trás o número de habitantes era um pouco maior que os dias atuais. Com certeza, isso se deve ao fato de que Vila Freire, Vila Cerrito e Cristal em 1950 faziam parte do território de Canguçu.

Da mesma forma, dados encontrados da década de 50, descrevem como era a formação do município nos diversos setores, como pode ser percebido no seguinte texto de 1950:

Socialmente, desfruta a população de situação privilegiada, principalmente quanto à sede, dada a proximidade de centros como o de Pelotas e do Rio Grande, resultado do intercâmbio entre as populações, estar a daqui sempre a par da moda e dos costumes mais adentados.

Tradicionalistas por índole, guarda a população da Campnaha muitos usos e costumes de seus ancestrais, como sejam festas gauchescas, corridas, etc., sendo que o padrão moral das mesmas é elevado.

A maioria da população é católica, havendo, entretanto, fortes núcleos protestantes, espíritas, etc.

De Portugueses, espanhóis e índios é a principal procedência da população, observando-se, agora, nos núcleos coloniais, de alemães e italianos, todos, porém, já perfeitamente integrados na sua condição de brasileiros.

Dados e Informes – Município: Cangussú - Estado: Rio Grande dos Sul - Museu Capitão Henrique José Barbosa. 1950.

Da mesma forma encontra-se no Museu Capitão Henrique José Barbosa, informações sobre o censo dos meios de locomoção dos canguçuenses em 1953, conforme quadro demonstrativo a seguir.

TIPO DE TRANSPORTE	NÚMERO DE VEICULOS
Bicicletas	076
Carroças comuns de 2 rodas	150
Carroças de 4 rodas	2.512
Carros de bois	131

Fonte: Documentos de origem desconhecida no acervo do Museu Capitão Henrique José Barbosa. 1953. Pesquisa feita em fevereiro (2014).

Quanto à produção agrícola no ano mencionado (1953) pode-se afirmar que os principais cultivos estavam nos seguintes produtos: trigo, batata inglesa, milho, feijão, arroz c/ casca, batata doce, alfafa, alpista, linho – fibra, cevada, cebola, amendoim e aveia.

A formação da administração

Embora o interesse seja o de descrever a história de vida do barbeiro Ruben dentro de um contexto histórico em que compuseram o perfil do município hoje, penso que será interessante mencionar brevemente o contexto em que formou geograficamente a Região Sul do Continente quando as pessoas as participaram de diversas lutas e modificações importantes capturadas pela história.

Segundo Bento (2007), um exemplo que pode ser descrito neste momento, foi o decreto de D. Pedro I, de 15 de dezembro de 1830, onde Piratini foi elevado à condição de Vila. Seu território passou a compreender os limites com os da freguesia de Canguçu, os da capela de Vila Freire (Cerrito) e o então distrito de Bagé.

Nesse contexto, torna-se interessante descrever a Formação Administrativa¹⁵ do município sob o olhar da legislação onde o primeiro distrito criado com a denominação de Cangussú foi pela resolução régia, de 31 de janeiro de 1812.

¹⁵ Dados obtidos pelo IBGE.

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/cangucu.pdf> 04.11.2014.

Quarenta e cinco anos depois, no dia 28 de janeiro de 1857, foi elevado à categoria de Vila pela Lei Provincial nº 340, cuja instalação ocorreu em 27 de junho do mesmo ano.

Em 1901 é que foram criados os primeiros distritos: Os primeiros foram: Cerrito Velho, Coxilha das Flores e Coxilha do Fogo. Pelo Ato Municipal nº 19, de 09 de janeiro de 1901, também os distritos de Iguatemi, Pantanoso e Rincão dos Cravos, anexados à Vila de Cangussú pelo ato municipal nº 10, de 10 de janeiro de 1901, (mapa atual disponível no capítulo sobre Canguçu atual).

De Cangussú para Canguçu - Mudança na grafia

Outro momento marcante na história para Canguçu, deu-se quando ocorreu a mudança na forma de escrever. Acredito que a retificação em sua grafia ocorrida pelo Decreto-Lei nº 7199, de 31 de março de 1938, onde alterou o nome de Cangussú para Canguçu, teve como objetivo cumprir com o primeiro acordo ortográfico¹⁶ entre Brasil e Portugal iniciado em 1931 e redigido oficialmente em 1943.

Últimos anos do Império - Uma terra sem lei

Pesquisas realizadas nos jornais do Museu Capitão Henrique José Barbosa, podem fornecer aos estudiosos do assunto a ideia da importância política no contexto do século XIX. Os registros contam a história do canguçuense Manuel Saraiva do Amaral (neto), cidadão que havia mudado com a família para o Uruguai fugindo dos freqüentes levantes existentes por essas terras.

Passado um tempo, Manoel foi um dos que retornou do Uruguai com a sua esposa, filhos e netos ainda pequenos. Nascera em 1836 no quarto distrito de Canguçu, (Passo do Saraiva) e foi registrado no cartório do Cerrito do Piratini (Vila Freire) distrito que na época também pertencia a Piratini. Manuel comprou

¹⁶ Maiores informações podem ser encontradas no Portal da Língua Portuguesa. Disponível em <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=acordo-historia>, acesso em 1º de fevereiro de 2015.

uma fração de terras no primeiro distrito de Canguçu, Coxilha dos Campos e por ali ficou morando com a família.

Nos últimos anos do império, houve muitas perseguições políticas e, os que defendiam o imperialismo não estavam contentes com a situação, pois sabiam que perderiam muitas regalias com a caída do império, tinham que a qualquer custo intimidar os republicanos que estavam crescendo cada vez mais com o retorno do Uruguai, por isso houve muitas mortes e vandalismos que ficavam impunes.

Entre os perseguidos e jurados de morte estava o então, Manuel Saraiva do Amaral que era neto do fundador do Passo do Saraiva e de quem herdara o nome. Os perseguidores eram gente graúda, forçando Manuel ir até as autoridades da Vila registrar uma queixa dessas ameaças contra a sua vida e, as autoridades deram-lhe garantias dizendo-lhe que poderia ficar tranquilo e que nada de ruim iria lhe acontecer. A questão é: como as autoridades poderiam dar esta garantia sem nenhuma ação policial?

Mesmo correndo riscos, Manuel vendeu um gado e precisou ir até Pelotas, depositar o dinheiro da venda no banco, convidou dois companheiros para sua segurança como prevenção, mas não foi o suficiente, porque num paradoro de tropeiros, a uns 40 quilômetros antes de chegar à cidade, foram os três mortos em uma emboscada feita por uma quadrilha de 5 ou 6 homens bem armados.

As famílias das vítimas procuraram por justiça, mas nada foi feito a respeito; então o filho mais velho de Manuel, Joaquim Antônio fez a justiça com suas próprias mãos, vingando a morte do pai e tomando partido na revolução, lutando pelo governo Júlio de Castilhos que havia sido empossado legalmente.

Existem relatos que muitos lutaram nesta revolução por motivos de vingança, foi uma das revoluções mais sangrentas das Américas, em dois anos de duração foram mais de dez mil pessoas mortas.

Atualmente, quem viaja próximo ao quarto distrito do município pode perceber várias sepulturas à beira das estradas, onde, segundo a história oral dos moradores são produtos das desavenças das famílias. Um matava o inimigo e logo surgia um parente para vingar a morte do familiar e assim sucessivamente, tudo ficava por isso mesmo, já que não havia um órgão de repressão da violência.

Com certeza, essa realidade da época mostrada aqui, serve apenas como exemplo do que acontecia também nos outros distritos de Canguçu, lembrando que somos frutos de herança de muitas lutas e pelejas no contexto da formação do município, influenciada por uma cultura de justiça de conceito relativo na época.

A fábrica de mármore Cangussuana

Graças aos pesquisadores e seu olhares atentos podemos hoje, saber que Canguçu teve uma Fábrica de Mármore batizada de Cangussuana. Segundo pesquisas feitas pelo Coronel Cláudio Moreira Bento em um dos textos de suas memórias intitulado “A Fábrica de Mármore Cangussuana, em Canguçu, inaugurada 29 Nov 1875”, diz que:

“O Jornal CORREIO MERCANTIL de Pelotas, de 2 de Dezembro de 1875 , copiado pelo historiador Major Ângelo Pires Moreira, publicou notícia da concorrida inauguração em Canguçu, no dia 27 de novembro de 1875, as 17 horas, da Fábrica de Mármore, denominada INDÚSTRIA CANGUSSUANA. Ocorreu este notável evento no momento pós Guerra do Paraguai, em que Canguçu passava por grande progresso, sendo logo a seguir construídos nesta década. pela família Piegas, os prédios notáveis para a época, onde hoje funcionam o Clube Harmonia construído em 1877 e a Casa da Cultura em 1879 , para a qual a Cangussuana fabricou os degraus em mármore em sua entrada e que até hoje resistem a ação dos tempos. (Bento).

O mesmo autor acredita que a Indústria Cangussana teve por gerente comercial Florício Rodrigues Barcelos, por diretor técnico seu bisavô paterno, o português Jose Ferreira Monteiro e, como artista José Souza Pereira, os quais ofereceram uma festa animada pela Banda de Música Santa Cecília. Como não havia bebidas engarrafadas como refrigerantes, foram oferecidos a cada um dos presentes um copo d água.

CAPÍTULO 07 – O PERCURSO DA MODA

A moda passa. O estilo permanece.
Coco Chanel

Na medida em que nossos olhos se voltam para o trato pessoal através do corte de cabelo e conseqüentemente da influencia no modo de vestir percebemos que a moda no Brasil hoje é referencia em todo mundo por várias razões, seja pela forma do corpo do brasileiro e da brasileira como uma expressão cultural que atravessa gerações ou até mesmo pelo clima que privilegia todos os países.

Tanto o Brasil como Canguçu passaram por várias fases até chegar ao que conhecemos hoje. Segundo Goularte (2000):

Os cangussuenses sempre souberam viver em sociedade, à moda vigente, trajar-se e cultivar a cultura.

No tempo em que a moda era ditada para o mundo por Paris, os figurinos e a competência das profissionais garantiam o bem vestir da sociedade. Quando da visita de pessoas ilustres, como aquelas que se destacavam na política, ou mesmo simples visitantes de posição, ninguém fazia feio nas festas ou solenidades. Goularte (2000.p.17).

Conforme fotografia a seguir, provavelmente da década de 50, onde as moças da sociedade canguçuense passeavam elegantes em torno da Praça Marechal Floriano, chamada atualmente de Praça Dr. Francisco Carlos dos Santos.



Foto: Arquivo fotográfico do Museu Municipal Capitão Henrique José Barbosa in <http://zuleicareyesbarbosa.blogspot.com.br/>.

A mulher brasileira, inovadora e atenta, não deixou de sempre acompanhar o que acontecia lá fora, para absorver sempre o melhor do que via. Em Canguçu, Goularte (2000) descreve bem o cenário de como as mulheres acompanhavam a moda.

As roupas femininas eram feitas, em sua totalidade, pelas costureiras. Eram exímias em sua profissão e trabalhavam muito. Entre elas, citei Conceição Puente Barbosa, Conceição Moreira, Hilda Freitas, Noca (filha de criação do Cel. Maneco Rocha, que foi delegado – faleceu moça), Célia Pereira, Leda Picanço, Lina Falco Gallo, Aida Pereira, Quinotinha Mattos, Eloá V. Müller, Zica Lopes dos Santos (Nair), todas já falecidas. Graças a Deus, gozando merecida aposentadoria, as profissionais Alzira Valente, Candinha Telesca, Ceres Priotto, Clarinha Rommig (Müller) e Ester Oliveira.

Estas últimas são de tempos mais modernos e maiores facilidades no trabalho encontraram. Alcançaram não só a luz elétrica, como a água encanada, o ferro elétrico e tantas outras melhorias que com o tempo foram aparecendo.

As costureiras observavam com aptidão e bom gosto os modelos, medidas exatas, acabamento esmerado. Incluíam as roupas de passeio e as destinadas às festas, mais simples ou mais sofisticadas. Desde os primórdios que foi assim.

Goularte (2000.p.17-18).

Da mesma forma que Goularte (2000), passei minha infância morando com meus avós no interior do município. Lembro que minha avó confeccionava minhas roupas, inclusive as íntimas, bem como dos tios que moravam conosco. Para cortar o tecido sempre colocava em cima uma peça de roupa que ficava no tamanho certo; como eu estava crescendo ela cortava um pouco maior. Já na adolescência, morando na cidade, quem fazia os modelos caprichados inclusive as fantasias para o carnaval era a tia Olga que mora atualmente em Rio Grande, ambas faziam milagres com um pedaço de tecido.

A respeito da pessoa de Ceres da Rosa Goularte, o Coronel Cláudio Moreira Bento, carrega na memória a figura de uma menina representando muito bem, principalmente papéis cômicos nos festivais de teatro promovidos pelo Colégio Franciscano Nossa Senhora Aparecida. Algumas peças foram apresentadas na Colônia Maciel, distrito de Pelotas e na casa de Zótico Soares no Iguatemi, 2º distrito de Canguçu.

Voltando aos relatos sobre a moda, agora a masculina, Ruben e Adali confirmam o que Goularte (2000), diz: *“Os alfaiates confeccionavam as roupas masculinas. As camisas eram brancas, de punhos e colarinhos muito bem*

engomados, trabalho cuidado pelas lavadeiras e passadeiras, com o devido esmero". Goularte (2000, p.17-18).

Completando as ideias de Goularte Ruben e Adali dizem que nas reuniões sociais havia normas a respeito do vestuário:

Ou tu eras da sociedade ou tu não eras social. Havia uma comissão muito rigorosa que não permitia entrar de qualquer jeito, tinha que se vestir de uma forma padrão. Na Florida era estatutário a camisa branca colarinho e gravata. Se não estivesse de camisa branca, colarinho e gravata, simplesmente não entravam nos bailes, e não tinha atenuante. Hoje, os homens entram de qualquer jeito, até de boné na cabeça, perderam a educação social.

Ruben amplia a análise e fala a respeito das repartições públicas onde havia diferenciação na forma dos funcionários se apresentarem:

Quando a gente entrava numa repartição pública a gente sabia quem era funcionário ou não, porque trajava adequadamente de terno e gravata, corretamente vestido para te atender, hoje tu chegas lá e ele está de bermudas, cabeludo, barbudo. Nós, quando começamos a trabalhar, o tio João nos obrigava a trabalhar de camisa branca e gravata. A gente foi acompanhando a evolução, mas hoje eu não consigo trabalhar de bermudas.

Diante das impressões de Ruben e Adali, considero conveniente destacar como se deu esse processo na forma de vestir que interessa tanto às mulheres como aos homens. Abaixo, relato brevemente, a pesquisa realizada a respeito do que aconteceu do século dezenove até o presente momento.

A virada do século - 1890-1910

No Brasil dessa época os padrões chiques vinham da França. Os vestidos de passeio, os quadris apertados ganhavam enfeites drapeados, que dialogavam com as curvas fechadas das sombrinhas, a proteger do sol o rosto das jovens senhoras. Os penteados volumosos e elaborados.

Nesse século de arreios anatômicos - espartilhos, ligas, suspensórios - enquanto a mulher enfeitava-se com rendas, sedas e babados, tornando suaves os contornos das roupas, o homem vestia ternos pesados e sóbrios, e dedicava atenção especial às costeletas, barbas e bigodes.

Na intimidade, ela vestia um desabillé sobre uma camisola que cobria um corpo disciplinado pelo espartilho e pelo corpete. Ele, de camisolão e máscara de bigodes para torná-los apontados e dignos de serem mostrados à sociedade.

O modernismo - 1910-1922

As grandes mudanças ocorreram no século XX que entra em cena aos solavancos, como o automóvel. Artistas como Lasar Segall, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade apresentam o modernismo.

Escultores entre eles Becheret cruzavam o oceano em direção a Paris e traziam de lá novas idéias estéticas do Cubismo e Art Déco. Novidades para a decoração das casas e roupas mais de acordo com o espírito da época.

No pós-guerra, as mulheres sobem os vestidos até os tornozelos e respiram a libertação do espartilho, começam a fumar, abusar da maquiagem, usar cabelos curtos, jeito mais masculinizado, demonstrando o começo de mudança no papel feminino na sociedade.

A mulher sedutora - 1922-1934

O conforto possui formas. O amor cores. Uma saia é feita para se cruzar às pernas e uma manga para se cruzar os braços.

Coco Chanel

As mulheres agitam os vestidos curtos, de cintura baixa e muitas franjas, ao som do charleston. As mãos se cruzam e descruzam sobre as meias coloridas de seda, ou balançam os longos colares de cristal. No alto do braço, pulseiras tipo escrava, de marfim ou serpentes de ouro. Ondulam as plumas e os leques. O ambiente é povoado pela sedução consciente dos gestos, conquista definitiva da estética feminina desses anos 20.

O perfil feminino também é cortado nas linhas retas do cabelo à la garçon e o chapéu-toca, ou simplesmente "toque" protege as cabeças femininas mais modernas, os lábios são pintados de forma mais natural que a década anterior e as sobrancelhas são pintadas.

A alegria das cores – 1934 -1946

“Uma moda que não chega às ruas não pode ser chamada de moda.”

Coco Chanel

Na década em que nasceu Ruben, a moda, numa comparação com a política, busca novos rumos. A indústria têxtil está em alta e a publicidade se fortalece. Começa também a mudança de cores para as estações do ano. É o fim do tradicional, onde se viam mulheres com casaco branco, vestido preto, luvas e chapéus, idem e ou, vice-versa, caíram no esquecimento para dar lugar às diversas tonalidades das cores azul e vermelho, crepe com enfeites de renda, golas jabot, com laços de crepe georgette.

Aparecem também pijamas (macacões com calças amplas, que imitam saias) e tailleurs. As saias agora são franzidas ou lisas e as blusas, têm laços e flores na mesma tonalidade do vestido, tudo isso, visando dar forma e movimento ao corpo feminino, com nuances de sensualidade. Parece ser verdade que a moda, nos seus vários modos, estimula a procura para além do possível.

Como a fantasia, ela ajuda a compor personagens. É essa pulsão de moda que leva as freguesas à costureira, a cúmplice desse jogo, pois é ela que torna possíveis os sonhos impossíveis.

Em Canguçu, as revistas de moda eram vendidas da mesma forma que hoje, nas livrarias. Compravam os tecidos, as rendas, as lantejoulas, os botões e pediam à costureira para copiar o modelo do vestido da revista.

Antes do advento do prêt-à-porter é a costureira que faz a passagem ao excitante mundo da moda. Pelas suas mãos o universo do glamour torna-se real com ajuda das divas do cinema, Gloria Swanson, Greta Garbo e Joan Crawford, pó compacto que aplicado com água no rosto, fazia às vezes de base.

Os cabelos estão mais compridos que as outras décadas, à altura dos ombros, com penteados sofisticados, com cachos e os chamados “victorian rolls” no alto da cabeça, no lugar da franja.

Praticidade da moda - 1946-1960

No pós-guerra o Brasil participa do processo mundial de reconstrução industrial, há certa euforia desenvolvimentista que atinge todos os campos.

Progresso é a palavra-chave para todo o Brasil. O espírito moderno está nos móveis da classe média, nas estampas dos vestidos, nos saltos dos sapatos e nas linhas arrojadas dos automóveis.

A indústria têxtil dos anos 50 procura adequar-se à praticidade da vida moderna, criando os tecidos sintéticos, que dispensam o ferro de passar: nylon para as roupas leves, helanca para os maiôs, tergal para as saias plissadas e calças de vinco permanente.

A revolução de uma época 1960-1974

Quem nasceu a partir da geração de Ruben e a minha, vivenciou o surgimento do rock'n'roll, estilo de música e dança que rolava solta nas festas. As moças dançavam de saia rodada, blusa de ban-lon, sapatilhas baixas, lençinho no pescoço, rabo-de-cavalo. Os rapazes ajeitavam o topete com muita brilhantina, corria o cinto nos ilhoses da calça Lee, sobe a gola do blusão de couro preto e erguiam as sobancelhas, tendo como modelo os filmes de James Dean assistidos no Cine Glória da Rua General Osório em Canguçu.

Daí em diante, as roupas sobem e descem, alargam e estreitam, trocam ligeiro de canal. Moda saco, chemisiers, évasés, tubinho, correntes douradas na cintura. Os cabelos se armam e viram as pontas pra fora, tipo gatinho.

Nos olhos, muito delineador e rímel, ficam existencialistas. Pernas largas nas pantalonas, pernas finas na cigarette. O maiô perde pano na cintura e vira duas peças. O umbigo está com tudo e a calça Saint-Tropez deixa ele lá em cima.

Os anos rebeldes consomem de tudo. Todas as modas ficam logo démodés. Os hippies deixam o cabelo crescer. Moda andrógina, unisex. Todos de jeans e cabelos compridos, "caminhando contra o vento".

Mudança de cultura 1974-1990

Em 1977 explode o filme "Os embalos de sábado à noite", estrelado por John Travolta. Frequentávamos o referido cinema por varias vezes para assistir ao filme e aprender os passos da dança de discoteca para dançarmos nas reuniões dançantes no Esporte Clube Cruzeiro ou no Clube Harmonia.

Nos salões, dez entre dez mulheres vestem tailleur como mostra a fotografia abaixo com Olga e suas irmãs as quais foram damas no casamento de seu irmão Doli Paiva Duarte. Nesse mesmo dia iniciou o namoro com Ruben.



Foto: Da direita para esquerda Zeli Duarte Gruger, Olga Duarte Ferreira, Célia Duarte Pinto, Aida Duarte Tarouco e Leda Duarte Felberg. Arquivo particular do casal.

Nesta época na vida diária de maneira geral, as mulheres que acompanhavam a moda desfilavam com bumbuns rechonchudos e pós-moldados em fibras sintéticas. Os points de rock pedem jeans, camiseta e, quem sabe, um blusão de couro.

Os anos oitenta foram tempos de exposição máxima do corpo feminino. Pelas areias desfilaram asa-delta e fios-dentais sumarássimos. Já os anos 90 propõem, nestes mesmos tópicos, algo mais ardiloso: a sensualidade insinuada. Voltam os duas-peças e maiôs inteiros. Armadilhas para olhar, convite ao voyeurismo, estímulo às fantasias. As sereias se dão ao direito de duas polegadas a mais - por que não?

Adotam outro jeito de prender os cabelos, uma nova maneira de amarrar a canga sempre estampadíssima. Um adereço surpreendente: cavalos-marinhos ou estrelas do mar? Enfim, uma sandália, uma bolsa de palha, uma água-de-colônia, um batom, uma gíria nos lábios como forma de comunicação social.

E, a ciranda das saias que vêm e que passam? Nos anos 70, saias pelos calcanhares. Em meados dos 80, mostramos as pernas, e elas sobem mais, mais e mais. Elas já não se preocupam com os joelhos à vista e os comprimentos

sobem-e-descem ao sabor da individualidade, do gosto pessoal, do sentir-se bem e pronto. Imagine só: até reinventaram os vestidos floridos e rodados, um gracioso "chita look". As cores. Onde estão as cores? Tons vibrantes: rosas declarados, amarelos impulsivos, azuis profundos, coisa boa, coisa bem Brasil.

É fascinante decifrar essa moda de tabuleiro, ultra colorida, malandra. É a grife do asfalto chique do populacho, cultura da resistência. Os grandes mestres de Paris, Londres, Milão e Nova York se curvavam diante do luxo que desce o morro rumo à avenida. Brilho falso, feito de papel laminado, tinta tóxica, cola de baixa qualidade, mas que pulsa, arrebatada e explode em inimitável criatividade.

Atualmente, existem diversas formas de conceituar a moda. Parece que as pessoas conseguiram compreender a moda como o estilo próprio de cada um, seja: poéticas, românticas, científicas, psicológicas etc. é interessante considerar a moda apenas quanto à indumentária, quanto ao vestuário e ao reflexo dos demais aspectos culturais e sociais no mesmo... de forma mais independente e original.

Assim, moda é uma relação entre o vestuário, o tempo e as pessoas. Projeta o uso da roupa do cotidiano num contexto amplo, político, social, sociológico, cultural e hierárquico.

Desta forma, os estudiosos do assunto apontam a moda como nada mais sendo do que:

- a) *a voga de um gosto efêmero e limitado, um desejo momentâneo (a roupa da moda, do agora, a tendência...);*
- b) *uma forma de caracterizar papéis sociais através da roupa. (o jaleco branco da saúde, o uniforme do policial, o uniforme das escolas); como representação de pertencer a um determinado grupo social;*
- c) *uma forma de interpretar um personagem social falso (fantasiar-se, camuflar-se e usar a roupa para expressar algo que não se é na realidade);*
- d) *Uma identidade visual de preferências particulares ou de grupo (o preto dos góticos, o moicano dos punks).*

E, assim a moda vai se constituindo, se reinventando a cada ano.

Anos 90 - A influencia dos anos anteriores

Foram lançados os jeans coloridos, blusas segunda pele e os lingerie ficaram em evidencia, destacando a moda intima que passou a ficar à mostra. A década ficou marcada também pela diversidade de estilos como o “grunge”, impulsionado pelo rock, que era despojado com suas calças largas e camisa xadrez.

Também nessa época surgiu a consciência de resguardar o meio ambiente e a preocupação ecológica foi enfatizada.

O pluralismo surge também nos cabelos, curtos, médios ou longos, mechas marcadas, cabelos lisos, sem volume, com mechas marcadas em três ou mais cores.

A partir de 2000 – surgimento de novos talentos

O novo século chegou recapitulando as décadas anteriores, como um mix das várias características de cada um. Da mesma forma que na década de 2000 fomos marcados pela busca do novo, a todo momento são realizados concursos da moda, visando descobrir novos talentos.

Surgem as tops brasileiras que fazem sucesso no mundo todo como: Gisele Bündchen, Isabeli Fontana, Adriana Lima, Alessandra Ambrósio entre outras.

As modificações à cerca da moda são extremamente rápidas, influenciado também nos cortes de cabelos e penteados. Não há apenas uma moda, mas tendências, e em intervalos de tempo cada vez mais curtos, totalmente inconstante e diferenciado. Essas são as duas palavras capazes de descrever a moda nos cabelos a partir de 2000. Novas tecnologias, mais colorações, novos cortes a cada mês. Agora, a liberdade é total, o importante é sentir-se bem com o cabelo.

É claro que as tendências são ditadas pelos grandes centros, mas tudo é tão inconstante que hoje a moda pode ser cabelos compridos, lisos ou com um corte repicado, e amanhã os cabelos curtos, retos e com franja pode voltar.

Quanto aos homens, atualmente, vem sendo possível observar uma mudança de comportamento entre os jovens e adolescentes, tanto na maneira de se vestir quanto no corte de cabelo que é o que mais chama a atenção. Além de usarem cores vibrantes e chamativas eles também apostam em cortes estranhos. Existem tipos de cortes que são verdadeiras obras artísticas que encantam, só de olhar.

O objetivo dos modelos estranhos de cabelos é deixar a pessoa mais jovem e com um toque de personalidade, dependendo do desenho, podem ser feitos com navalha e com máquina de cortar cabelo.

CAPÍTULO 08 - O DESENHO DE CANGUÇU A PARTIR DA DÉCADA DE 40

O Comércio

Nas décadas de quarenta e cinquenta na visão de Ruben e seu amigo da vida inteira Adali Prestes dos Santos, havia poucas casas de moradia e de comércio, já havia a Casa Brasil e o Hotel Brasil que acabaram de fechar em 2014 com a morte da D. Candinha.

“Canguçu não era uma cidade, era uma casa só, todos eram como uma só família, todos se conheciam e se falavam no dia a dia, nas reuniões como brincadeiras dançantes. Quando faltava um companheiro o grupo todo buscava em casa”.

“Quando uma moça queria ir embora do baile ou brincadeira pedia para qualquer dos rapazes levarem-na em casa, e eles a tratavam como irmã, as amizades eram puras e verdadeiras.

Quando chegava uma pessoa estranha eram os caixeiros viajantes, algum turco mascate que de vez em quando chegava ou algum outro que não conhecia a cidade e o interior”.

Também afirmam que havia algumas lojas na cidade e o hotel Brasil onde a grande maioria dos clientes eram os caixeiros viajantes que eram abastecidos pelos mascates

Na memória dos amigos Ruben e Adali, um dos primeiros que chegou de jipe em Canguçu foi o Sr^o. Espanha, homem baixo, gordo que vendia tecidos, diferente do Gregório Zorrilho que abastecia o município de carroça por volta da década de 40. (A origem da denominação Zorrilho era devido ao fato de Gregório comprar couro de Zorrilho para vender no Uruguai e Argentina para serem confeccionados casacos. O caçador deixava alguns dias o zorrilho morto numa sanga para retirar o cheiro).

Adali conta que Gregório vendia na sua carroça de três cavalos, desde tecidos até roupas feitas. Quando chegava a notícia que Gregório Zorrilho estava chegando a gurizada corria para cortar pastos para os cavalos com a intenção de ganhar balas.

Quando chegava numa casa a vizinhança vinha fazer as ‘compras, isso acontecia na cidade como no interior. No início, o intercâmbio comercial se resumia à troca de cereais por artigos ou por animais, dada a escassez de moeda e as dificuldades de transportar os produtos.

A historiografia conta que depois começaram a surgir os carroceiros, balseiros ou simples tropeiros e mascates que foram os primeiros elos entre as colônias e delas com os mercados maiores. Puxadas por bois, mulas ou cavalos, as carroças ou carretas foram, por muito tempo, o único meio de transporte para cargas pesadas pelos caminhos difíceis da Serra.

No princípio os caixeiros viajantes também chamados de turcos, mesmo que não o fossem, andavam no lombo da mula, às vezes com um auxiliar, com bolsas pesadas na garupa, onde eram guardadas as mercadorias a serem oferecidas nos longínquos rincões do Rio Grande. Traziam dinheiro e jornais para os amigos, também eram agência noticiosa, contando as últimas, inclusive transmitindo as anedotas mais recentes. O caixeiro viajante era esperado com ansiedade, pois constituía um elemento a mais na monotonia das vilas interioranas. Os hoteleiros e fregueses se tornavam amigos, e seriam os futuros representantes da firma a ser criada pelo empregado andarilho.

Os mascates sem condições de estocar seus produtos e com dificuldade para transportá-los até os centros de consumo entregavam os excedentes aos estabelecimentos de comércio que se instalavam em pontos estratégicos, como a colônia do Caí, de onde as mercadorias podiam seguir pelo rio até Porto Alegre.

Nesse sentido Goularte (2000) descreve a atuação dos mascates em Canguçu.

Eles visitavam Cangussu com alguma freqüência e faziam bons negócios. Como as viagens eram sempre muito demoradas, esta freqüência era relativa. Rumavam para a zona da campanha e por lá vendiam em abundancia, não só para as famílias mais abastadas, mas também para as de poucos recursos, uma vez que carregavam objetos, mercadorias para todos os gostos e preços. Goularte (2000, p.22).

Outros profissionais que merecem destaque nesta época, eram os balseiros, os mesmos operavam no rio das Antas, principalmente, transportando madeira, um dos bons negócios com o crescimento dos núcleos urbanos na região alemã e em Porto Alegre.

Luz elétrica – grande passo rumo ao progresso

O jornal “O Cangussuense” no dia quinze de abril de 1932 colocou a seguinte nota:

“Sabemos já terem chegado à Pelotas volumes contendo material para a usina elétrica a construir-se nesta vila. Acreditamos que dentro de poucos dias as obras serão atacadas, ficando terminadas assim que chegue o motor encomendado. Provavelmente, não passaremos o próximo inverno as escuras como até aqui, visto que tudo esta pronto a resolução do importante tentame da iluminação local”.

Segundo dados existentes em jornais da época no Museu Capitão Henrique José Barbosa, a luz em Canguçu, foi inaugurada no dia primeiro de janeiro de 1934, sob administração do Prefeito Conrado Ernani Bento.

Segundo Ruben, a luz desligava à meia noite e era quando acabavam as festas ou tinham que sair do bar do Nede Goularte, onde conversavam e jogavam. Após a meia noite, os jogos eram com a luz da lanterna de carbureto, só que no dia seguinte ficava difícil de respirar devido à fuligem (fumaça) preta que exalava.

Ruben conta ainda que a luz só continuava ligada quando alguém da comunidade estava muito mal ou falecia. Outra situação poderia ser por motivo das brincadeiras dançantes no Clube Harmonia. Quando a dança estava boa, começando o namoro, acabava a luz, aliás, dava uma piscada e voltava mais fraca. Mais que depressa, juntavam um dinheirinho e alguém corria até a usina e pagava mais uma hora de luz para continuar a dança. A luz era gerada com água através de um motor.



Primeiro registro da usina que fornecia energia elétrica. Fonte: <http://ahistoriadeumaprincesadostapes.blogspot.com.br/>. Acesso em 13.10.2014.



Fonte: <http://ahistoriadeumaprincesadostapes.blogspot.com.br/>. Inauguração da luz elétrica em 31/12/1933 - Praça Dr. Francisco Carlos dos Santos, antiga Praça Marechal Floriano Peixoto. Acesso em 09 de dezembro de 2014.

Organização dos Clubes Sociais

Uma localidade para ganhar legitimidade deve organizar-se em diversas áreas como o lazer aos seus moradores. O Clube Harmonia foi fundado no dia quatorze de novembro de 1896, com objetivo de oferecer cultura e lazer aos moradores.



Palacete da Intendência Municipal - construído em 1879 pertencia a Horácio da Cruz Piegas. Disponível em <http://ahistoriadeumaprincesadostapes.blogspot.com.br/>. Acesso em 09 de dezembro de 2014.



Quiosque da Prefeitura - Bar da Praça Dr. Francisco Carlos dos Santos em 1933. Disponível em <http://ahistoriadeumaprincesadostapes.blogspot.com.br/>. Acesso em 09 de dezembro de 2014.

Esporte Clube Cruzeiro

No dia 06 de abril do ano de 1931, na biblioteca do Clube Harmonia, reuniram-se alguns sócios do referido Clube, juntamente com outros membros da comunidade, entre eles: Ernesto Coelho, Guilherme Nogueira, Ângelo Grana Garcia, Joaquim Aguiar, Francisco de Paula Jorge, Joaquim Valente de Oliveira, Hipócrates Santos Goulart e Firmo Moreira que secretariou a reunião fazendo o relato da fundação do Esporte Clube Cruzeiro.

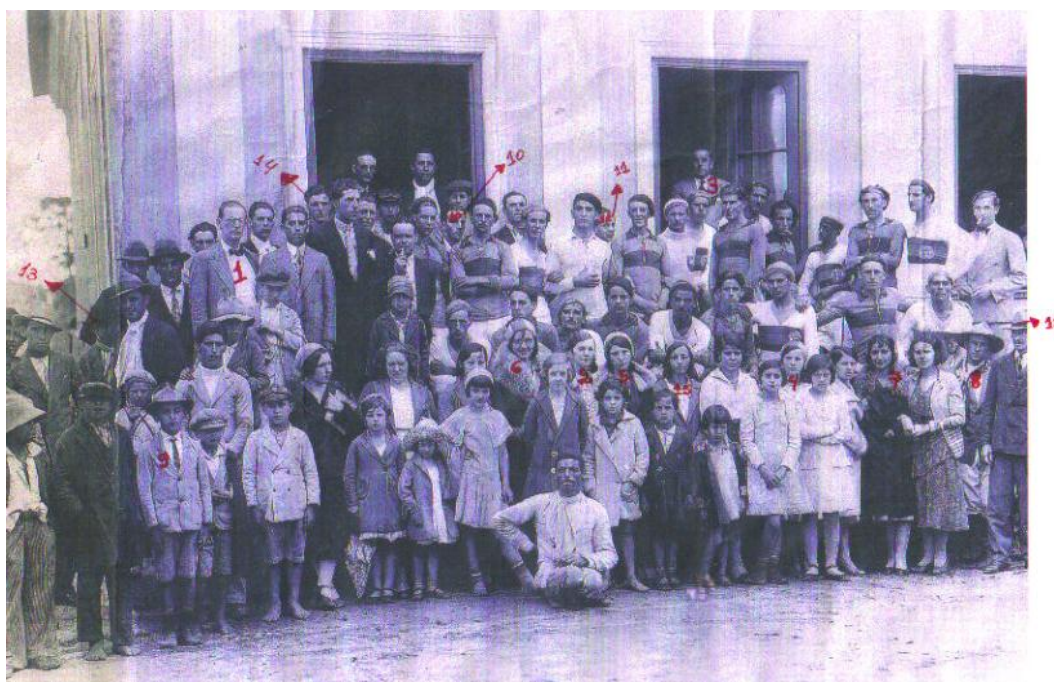


Foto de 1933 pertencente ao acervo particular de Ruben. Depois de um jogo de futebol entre Esporte Clube Cruzeiro e um time de São Lourenço do Sul foram visitar a residência do Prefeito Conrado Ernani Bento.

Segundo a legenda dos conhecidos por Ruben: 1 – Henrique de Souza Oliveira. 2 – Ana Josefina Oliveira Ferreira. 3 – Prefeito Conrado Ernani Bento. 4 – Nair Oliveira Flores. 5 – Esmeralda Barbosa Coelho. 6 – Enedina Barbosa. 7 – Claudina Barbosa Fonseca. 8 – Joaquim Coelho dos Santos (Quincas Coelho, pai da historiadora Marlene Barbosa Coelho). 9 – Eli Coelho. 10 – Dario Motta Oliveira. 11 – Doly Motta Oliveira. 12 – Sarafim de Souza Oliveira. 13 – Donar Motta Oliveira. 14 – Júlio Barbosa. 15 – Morena Motta Coelho.

Cabe comentar nesse momento sobre o registro desta fotografia, que cada um dos personagens que nela aparecem, construíram sua história em Canguçu a qual mereceria um livro. Ruben conta que o rapaz chamado de Patuá que aparece de cócoras, era deficiente físico, mas isso não o impedia de ser goleiro. Conta também que quando defendia a bola saltava bem alto e em estado normal, era como aparece na imagem.

Nesse sentido, na década de 50 o Coronel Cláudio Moreira Bento conta que seu cunhado Altair Bandarra era goleiro e jogou no Esporte Clube Cruzeiro em 1952, quando já era aluno da Escola de Cadetes em Porto Alegre e que foi convocado por Carolino Ansa Filho.

A partir de 1963 iniciam-se as obras da sede social do Esporte Clube Cruzeiro sob a presidência do Sr. Gilberto Moreira Mussi, junto ao estádio da liberdade, local onde já estava localizado o campo de futebol. Três anos mais tarde em 1966, dá-se o início dos eventos sociais por iniciativa de Mogar Gentil Telesca da Silveira e Luiz Carlos Valente da Silveira, que acabavam de retornar aos estudos fora do município. Vem desta época a tradição de bailes, jantares e reuniões festivas que caracterizam o Clube ainda hoje.

Ruben já trabalhava como barbeiro quando o Clube Cruzeiro inaugurou o salão de festas, lembra do trabalho de decoração feito com material parecido com gesso que focava luzes nas paredes para cima.

Quanto à venda das mesas para as festas, conta que agora acha interessante a forma como a diretoria fazia; o material era um tipo de mármore com o nome do comprador gravado em cima.

Irmãos da OPA

Em 1970, o amigo José Miguel Tarouco, sugeriu que fizessem um time para jogar com o Capela Futebol Clube time do interior de Piratini, localidade do mesmo nome. Então, Ruben e o amigo Mário Boemeke fundaram a OPA cujo termo foi inspirado na sua coleção de flâmulas onde havia uma que era da Sociedade Amigos da OPA de Porto Alegre, com a figura de um bêbado encostado num coqueiro, e uma garrafa de cachaça no bolso de traz da calça.

Daí surgiu os “Irmãos da OPA”, significando irmandade, sua principal característica era que os jogadores estavam fora de forma, pois, tinham uma barriguinha devido à idade. Ruben conseguiu juntar os amigos: Claro Antônio Cunha, Leão Teixeira, Beto Bachiere, Nestor Von Hausen e Valdemar Bosenbecker, Adauto Motta, o irmão Carlos Ferreira e Ruben. Depois foram aparecendo mais amigos atletas e organizando o time que era patrocinado na aquisição de uniformes pela Caninha Araçá e outras bebidas.



Acervo particular de Ruben – 1972.

Ferrovia em Canguçu

O projeto da linha férrea deveria seguir até *Santa Maria*, encurtando sobremaneira o percurso entre essa cidade e *Pelotas*. Em Canguçu chegavam trens procedentes de *Pelotas*, durante os anos 1950, e de *Rio Grande*, nos anos 1960. Como o prolongamento não saiu, o ramal durou pouco tempo. Em 1963, ele foi todo erradicado e suas estações fechadas. O prédio hoje está totalmente alterado e ocupado por uma cooperativa de laticínios (2002).



Chegada do 1º Trem em Canguçu - Trazido pelo 1º Batalhão Ferroviário
 Fonte: blog A história de uma Princesa dos Tapes, acesso em 03 de abril de 2015.

A estação de Canguçu foi inaugurada em 1952, como estação terminal do ramal do mesmo nome. Existem outras datas encontradas nos registros para a chegada dos trilhos à cidade: 16/10/1948 (arredores da cidade) e 09/07/1950 (conclusão das obras do ramal). Da mesma forma que em 12 de novembro de 1948 também aparece. Como se pode observar não existem registros oficiais. De qualquer forma, segundo os almanaques da época, somente a partir de 1952 vieram trens para a cidade. O prédio da estação dispunha de hall, armazém para bagagens e encomendas, sanitários para homens e senhoras, agência, telégrafo, quarto para telegrafista e Buffet

HISTORICO DA LINHA¹⁷: Embora algumas fontes afirmem que o tráfego regular dos trens de passageiros do ramal de Cangussu tenha sido aberto em 1951, somente encontrei o primeiro horário de trens no ramal em 1953. O ramal, que seria parte de uma linha que ligaria Pelotas a Santa Maria, num trajeto mais curto do que o existente até hoje, partia da estação de Pelotas, na linha Bagé - Rio Grande tinha 72 quilômetros e terminava na estação de Canguçu. Pelo menos no início dos anos 1960, tinha trens partindo não mais de Pelotas, mas de Rio Grande. O percurso no ramal durava 3 horas e 10 minutos. Como a linha alternativa acabou por não sair, o ramal foi fechado em 31/3/1963. Daniel Gentili, (2009).

¹⁷ Fontes: Daniel Gentili, 2009; Museu Municipal "Capitão Henrique José Barbosa", Canguçu, RS; <http://zuleicareyesbarbosa.blogspot.com>; IBGE: Enciclopédia de Municípios Brasileiros, 1959; IPHAE: Patrimônio Ferroviário do Rio Grande do Sul, 2002; Guias Levi, 1940-1981; Guia Geral das Estradas de Ferro do Brasil, 1960; Mapa - acervo R. M. Giesbrecht, disponível em http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_bage_riogrande/cangucu.htm, acesso dia 05 de novembro de 2012.

Segundo Coronel Cláudio Moreira Bento, a ferrovia Pelotas - Canguçu foi erradicada e como compensação foi construída a Estrada da Produção Canguçu – Pelotas, atualmente BR 392 que liga os principais municípios e países do Conesul ao Porto de Rio Grande.

Sanatório do Dr. João Swindt

Segundo consta na história de Canguçu, no que diz respeito à saúde, que houve uma série de nomenclaturas para se definir o local onde as pessoas eram tratadas quando adoeciam. O primeiro estabelecimento a realizar cirurgias de que se tem notícia em Canguçu, foi inaugurado pelo prefeito Conrado Ernani Bento, o Sanatório Dr. João Swindt, que funcionou na rua general Osório, na altura da divisão com o terreno do atual Hospital, até o início da 2ª Guerra. Mais tarde, foi reaberto com o nome de Casa de Saúde Cristo Rei, pelo Dr. João Mendonça.



Foto: Inauguração da casa de saúde em 23 de Julho de 1935. Disponível em <http://ahistoriadeumaprincesadostapes.blogspot.com.br/>. Acesso em 21 de abril de 2015.

Hospital de Caridade

O primeiro registro a respeito do Hospital de Caridade de Canguçu foi feito no dia três de maio de mil novecentos e quarenta e nove, quando ocorreu a primeira sessão da assembleia geral ordinária, no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Canguçu com objetivo de eleger a diretoria e o conselho fiscal para o exercício de primeiro de junho de 1949 a 14 de novembro de 1950. Este período seria de grande significado para a população de Canguçu, pois haveria a construção e inauguração do prédio da primeira instituição destinada ao tratamento de saúde.

A aquisição da área de um hectare para a construção do Hospital de Caridade de Canguçu, foi feita no dia vinte de maio de mil novecentos e quarenta e nove pelo prefeito em exercício Victor Marques Porto, cujo prédio foi construído pelo 1º Batalhão Ferroviário o qual rendeu ao Comandante Coronel Júlio Limeira o título de patrono.



Foto de 20/05/1949 pertence ao acervo particular de Géder Luis Goulart Barbosa

Importante salientar que a primeira diretoria foi composta pelos seguintes representantes da sociedade canguçuense:

Presidente: Victor Marques Porto

Vice-Presidente: Dr. Luiz de Oliveira Lessa

1º Secretário: Firmo Moreira

2º Secretário: Homero Osvaldo Nunes

1º Tesoureiro: Conrado Ernani Bento

2º Tesoureiro: Felipe Heidrich

Foram eleitos também os mordomos: Bruno José da Fonseca, Ciro Moreira, Feliz Rodrigues, Cláudio Jorge e Mário Freitas da Silveira.

O Conselho Fiscal foi composto pelos seguintes membros: Amando Augusto Coelho, Francisco de Paula Jorge e Mário Freitas da Silveira.

Atualmente está sob a administração de pessoas da comunidade, tendo como Diretoria os seguintes componentes:

Presidente - Armando Morales;

Vice Presidente – Elsie Lara Wienke Welar Soto;

Primeira Secretária – Loiva dos Santos Pinto;

Segundo Secretário – Humberto Berruti;

Primeiro Tesoureiro – Gilberto Moreira Mussi;

Segundo Tesoureiro – Renato Valente da Silveira;

Diretor Titular – Juliné Bezerra Gularte;

Diretor Titular – Antônio Valter Menezes da Rocha;

Diretor Titular – Juan Emílio Vargas Sotto

Diretor Suplente – Antônio Cleider Jacondino Pinto;

Diretor Suplente – Milton Moreira Mussi;

Diretor Suplente – Lourenço Silveira Van Gysel;

Conselho Fiscal Titular - Gilberto da Rocha Coelho;

Conselho Fiscal Titular - José Luiz Paes do Amaral;

Conselho Fiscal Titular – Airton da Silva Pereira;

Conselho Fiscal Titular – Pedro Boemeke;

Conselho Fiscal Titular – Alvina Arleti da Cunha.

Cine Teatro Glória

Segundo D. Maria Valente Moreira (2016), provavelmente o primeiro cinema mudo em Canguçu pertenceu a década de 20 localizado à rua Júlio de Castilhos nas proximidades da Praça Dr. Francisco Carlos dos Santos.



Imagem disponível em <http://ahistoriadeumaprincesadostapes.blogspot.com.br/>. Acesso em 14 de janeiro de 2016.

O Cine Theatro Glória, localizado na Rua General Osório 1080. D. Maria Valente Moreira (2016) conta que foi construído pelo seu pai Senhor Antônio Valente o qual inaugurou no dia 16 de setembro de 1939. As máquinas de projetores cinematográficos vieram da Tchecoslováquia de navio os quais levaram um mês para chegar a Canguçu.

Os primeiros funcionários foram: Vitor Petrucci e Pompílio Freitas, mais tarde Belisário Petrucci. Com o passar dos anos o estabelecimento foi passado para os irmãos Waldemar Valente e Júlio Valente que tiveram como auxiliares na projeção dos filmes os funcionários: Guilherme Soares, Otavio Almeida e Henrique, outra funcionária que trabalhou muitos anos foi Dalva. Os frequentadores mais assíduos foram Sr. Conrado Ernani Bento e o casal Raul Santos e sua esposa D. Georgina. Finalmente seu último proprietário foi Clóvis Moreira e família até o dia 08 de janeiro de 1984 fechou suas portas como cinema.

A partir de ano de 1984, o prédio foi alugado para a Emissora de Rádio Cultura, que estava instalada num pequeno prédio em frente à Praça Dr. Francisco Carlos dos Santos, Rua Júlio de Castilhos 1133. Atualmente, o prédio foi vendido para a Firma Benoit Eletrodomésticos Lda. e daquela época, possui apenas a estrutura do prédio na parte externa.

Clube Republicano Borges de Medeiros

O prédio abaixo foi o importante Clube Republicano Borges de Medeiros onde anteriormente funcionou o primeiro local do Colégio Elementar Grupo Escolar André Punte atual Escola Estadual de Ensino Fundamental Irmãos Andradas. Em 1957, foi demolido para a construção do prédio do Centenário. Hoje, abriga a Loja Sulpar ao lado do Clube Harmonia.



Foto: Clube Republicano Borges de Medeiros. Disponível em <http://ahistoriadeumaprincesadostapes.blogspot.com.br/>. Acesso em 21 de abril de 2015.

Outro local que merece destaque pela importância histórica no desenvolvimento de Canguçu, foi o Prédio do Telégrafo Nacional. Destacava-se pela arquitetura portuguesa, depois foi adquirido para servir de residência de Severino Nobre do Nascimento. Mais tarde, foi vendido para construção do prédio onde abriga o Banco Santander.



Foto do antigo prédio do Telegrafo Nacional: Disponível em <http://ahistoriadeumaprincesadostapes.blogspot.com.br/>. Acesso em 21 de abril de 2015.



Registro disponível em <http://ahistoriadeumaprincesadostapes.blogspot.com.br/>. Acesso em 21 de abril de 2015.

Antiga estação Rodoviária de Canguçu, a empresa Princesa pertencente à família Bertoldi, que transportava os passageiros na linha Canguçu/Pelotas.



Entrada pelo lado sul da Vila Canguçu - Rua General Osório. Disponível em <http://ahistoriadeumaprincesadostapes.blogspot.com.br/>. Acesso em 21 de abril de 2015.



Trecho da Rua General Osório - Lado Sul. Disponível em <http://ahistoriadeumaprincesadostapes.blogspot.com.br/>. Acesso em 21 de abril de 2015.

Como pode ser observado, o tipo de construções na sede do município de Canguçu, foi basicamente inspirada na arquitetura portuguesa devido às características de origem na formação do município.

A influência arquitetônica e as aquarelas de Nilson Prestes

Acredito que não houve ainda um canguçuense que tenha registrado em telas um acervo tão completo como Nilson Prestes, nasceu no dia 14 maio 1931 e falecendo aos 76 anos no dia 19 de maio de 2004. Nilson Prestes era

Odontólogo, Pianista, Músico, Professor de Musica, Organizador de Orquestras e um dos mais sensíveis Artista plástico do Rio Grande do Sul.

Suas memórias arquitetônicas estão registradas em dezoito telas as quais retratam os prédios e o cotidiano de um Canguçu, muito bem explicado pelo Coronel Cláudio Moreira Bento em “Canguçu - seus palacetes, sobrados e casarões do sec. XIX”. Disponível em www.ahimtb.org.br/cangconstrucoes.htm.

Como pode ser visto na tela a seguir que ficava na Rua Júlio de Castilhos na frente da Praça Dr. Francisco Carlos dos Santos. Segundo Coronel Cláudio Moreira Bento, era um estudo intitulado “*Conjunto antigo; Cinema Velho onde funcionou a Câmara de Vereadores de 1857-1906, o Colégio Elementar de Canguçu a partir de 1913 e o Cinema Mudo*”. Canguçu seus palacetes, sobrados e casarões do século XIX. (Sessão da ACANDHIS Colégio N.S Aparecida em 24 de junho de 2004).



Disponível em www.ahimtb.org.br/cangconstrucoes.htm. Acesso em 25 de abril de 2015.

Segundo ainda o historiador Cláudio Moreira Bento. “*Esta imagem pertence ao Conjunto antigo Cinema Velho, onde funcionou a Câmara de Vereadores de 1857-1906, o Colégio Elementar de Canguçu a partir de 1913 e o Cinema Mudo*”, ao lado, o sobrado que pertenceu a Zeca Albano até 1941 e, ao fundo a casa onde o referido historiador nasceu em 19 outubro 1931, reformada no início dos anos 40 e onde funciona atualmente o cartório de seu irmão José Moreira Bento.

Da mesma forma, o historiador explica que conjunto de sobrados a seguir ficava na Rua General Osório. O primeiro é o antigo Sobrado Velho que incendiou na noite de 12 de janeiro de 1952. Incêndio que o historiador ajudou a apagar quando era aluno da Escola Preparatória de Cadete.



No andar inferior foi por longos anos o local de bailes da população negra local. Local também, onde nos anos 60 do século passado, professor Antônio Joaquim Bento encenou algumas peças teatrais. Sobre as ruínas do Sobrado Velho, foi erguido o edifício da Câmara de Vereadores.

A próxima tela mostra o local onde em 1912, funcionava o Correio Telégrafo, tendo como responsável Severiano Nascimento. Depois de demolido foi erguida uma casa bancária.



Disponível em www.ahimtb.org.br/cangconstrucoes.htm. Acesso em 24 de abril de 2014.

Na última porta e janela funcionou, na década de 30, uma agência do Banco Pelotense, dirigida foi Henriquinho Morales. Foi o 1º banco em Canguçu. Na década de 40 e 50 abrigou a Estação Rodoviária de Canguçu, onde

circulavam muitas pessoas. Na porta dos fundos morava o Juiz Osvaldo Muller Barlem, já mencionado nas memórias de Ruben. Atualmente, foi construído o prédio para o Banco Santander.

A tela a seguir, foi feita pelo valor sentimental do autor. Como curiosidade importante na história de Canguçu, esse registro pertence às décadas de 30 e 40. Pertenceu a Adolfo Shoereder, primeiramente proprietário de uma marcenaria, depois por ocasião da 2ª Guerra Mundial, Francisco Meskó instalou um bar que batizou de “Nova Frente”.



Disponível em www.ahimtb.org.br/cangconstrucoes.htm. Acesso em 24 de abril de 2014.

Segundo relata o Coronel Cláudio Moreira Bento, *“era um point para se acompanhar pelo rádio o desenvolvimento da guerra a partir da frente aberta pela Rússia contra a Alemanha, daí Bar Nova Frente”*. Esse local deixou muitas saudades nos jovens da época.

CAPÍTULO 09 - CANGUÇU ATUAL

Hino

ACANGUAÇU, ACANGUAÇU,
TE CHAMARAM NOSSOS ÍNDIOS GUARANIS.
HOJE NOSSA CANGUÇU
BELA JÓIA DE NOSSO PAÍS

De rubro sangue coloreando o chão,
Muitos heróis tombaram nestas terras,
Em mil combates de cruentas guerras,
A garantir pra nós este rincão.

Agora em paz, terra da liberdade!
Aos céus se eleva o tricolor pendão;
Que nos inspira o amor, a igualdade,
A honradez, justiça e perfeição.

Tuas mulheres, teus campos em flor,
Ornamentando este gentil recanto
O louro trigo, este alimento santo,
Brindam a ti a fartura e o amor.

Letra e Música

Carlos Eugênio Meireles

Clóvis Rocha Moreira – *in memorian*

Disponível em <http://www.cangucu.rs.gov.br/>

As palavras do hino mostram que não existe delimitação dos espaços entre rural e urbano no município de Canguçu. Vasculhando na história pode-se perceber que provavelmente isso remeta para a permanência da história das primeiras cidades formadas por volta de 3.500 a.C. Entretanto, é na transição do feudalismo para o capitalismo, que isto acontece, a burguesia inicia o processo de dominação econômica, resultando a perda no rebaixamento da classe à aristocracia. Com a decadência do feudalismo é que surge a cidade como um espaço de possibilidade do trabalho livre, concentrando artesãos, pedreiros, alfaiates e comerciantes. Segundo Santos (1988):

As cidades puderam formar-se graças a um determinado avanço das técnicas de produção agrícola, o qual propiciou a formação de um excedente de produtos alimentares. Com a existência deste excedente, algumas pessoas puderam dedicar-se a outras atividades, sendo a cidade, predominantemente, lugar de atividades não-agrícolas. Santos (1988, p. 19).

Para esse autor, o que comumente se categoriza como pequenas cidades, ele prefere denominar como cidade local e acrescenta que esta deve corresponder a “[...] *aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações*”, Santos (1982, p. 71).

Neste sentido, o município de Canguçu possui particularidades específicas diferentes dos outros da região. Um deles diz respeito a sua localização e organização geográfica estando situado na região da Serra do Sudeste, entre a latitude "31° 23' 35" e longitude "52° 41' 53", com altitude de 420 m, na sede do município, com clima subtropical e semi-úmido.

Quanto à topografia, caracteriza-se por 45% de declive acentuado, 39% de afloramento de rochas ou montanhosos, 10% de terras aptas para lavouras anuais intensivas, 2% de partes alagadiças e 4% para cultivos sujeitos à erosão e solo fraco e arenoso.

Também, faz parte da região denominada de Zona Sul. Os municípios que a compõe são: Aceguá, Amaral Ferrador, Arroio do Padre, Bagé, Caçapava do Sul, Candiota, Capão do Leão, Cerrito, Chuí, Cristal, Encruzilhada do Sul, Herval, Hulha Negra, Jaguarão, Morro Redondo, Pedras Altas, Pedro Osório, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, Santana da Boa Vista, São José do Norte, São Lourenço do Sul, Tavares e Turuçu.

Da mesma forma limita-se ao norte com Encruzilhada do Sul, Amaral Ferrador e Cristal; ao sul, com Cerrito; ao leste com Morro Redondo, Pelotas e São Lourenço do Sul e, a oeste, com Piratini. É cortado pela BR 392 que o liga a Pelotas e a Santa Maria. Está distante a 310 km de Porto Alegre, 55 km de Pelotas, 110 km do Superporto de Rio Grande e 55 km da BR 116, rodovia MERCOSUL.

Quanto à extensão territorial, possui uma área¹⁸ total de 3.525,309 km² (área urbana de 7,86 km²), 05 distritos e 120 localidades. Conta com

¹⁸ IBGE - 2010

aproximadamente 8.000 km de estradas vicinais e 250 km de estradas intermunicipais.

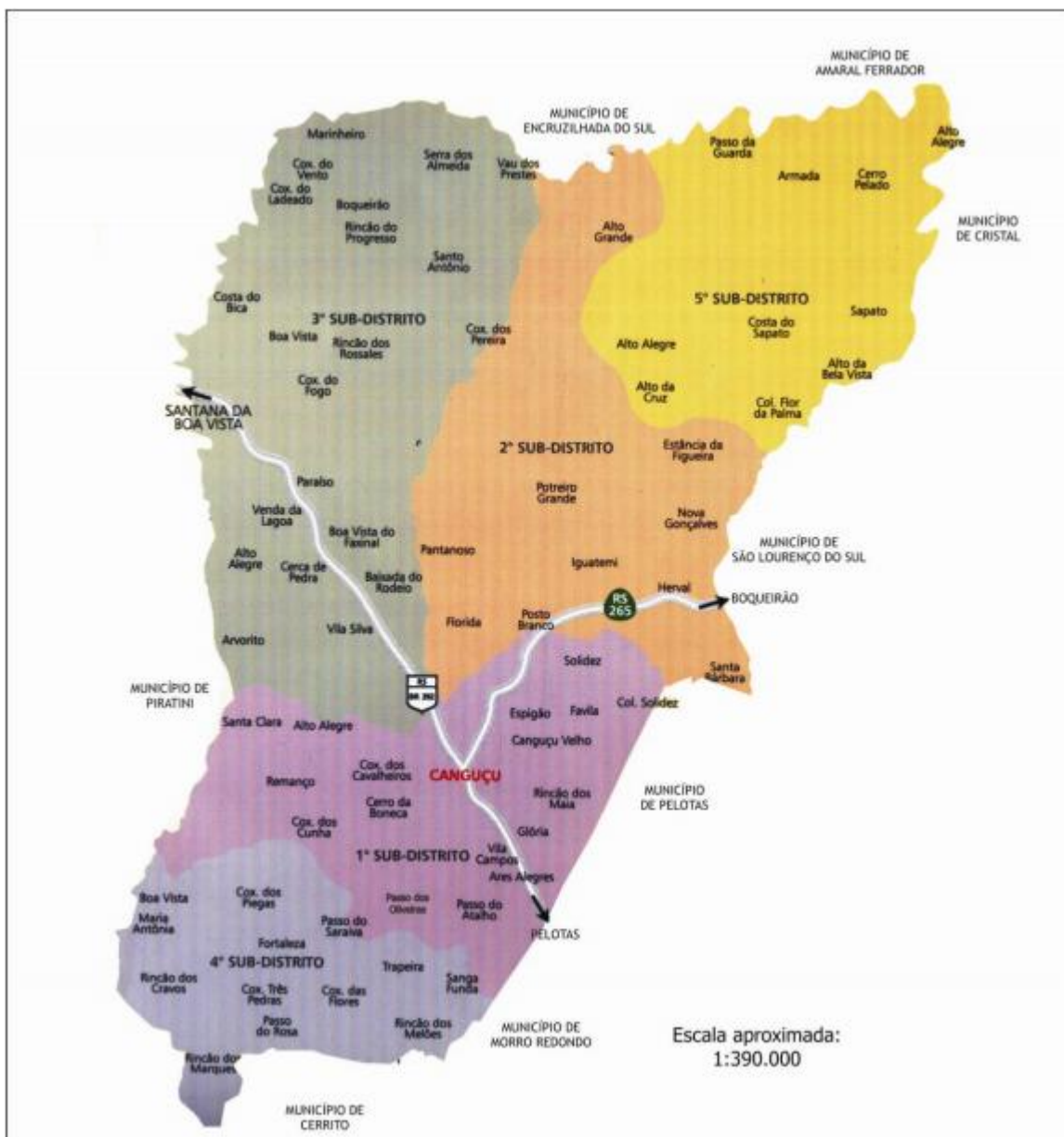
Mapa da localização do município na Região Sul do Rio Grande do Sul



Fonte: Disponível em <http://www.cangucu.rs.gov.br>. Acesso em 24 de abril de 2015.

Da mesma forma, convém destacar neste momento o mapa a seguir que mostra a divisão do município com as suas respectivas localidades.

Mapa atual da Divisão Distrital do Município de Canguçu



Fonte: Editora Publique 2000 in DUTRA, Éder Jardel da Silva. A Fumicultura no Passo dos Oliveiras, Canguçu – RS: conseqüências na reorganização do setor agrário.

Aspectos Demográficos

População

Segundo estimativa dos dados do IBGE (2014) Canguçu, atualmente, conta com a população de 55.637 mil habitantes. Destes 63% reside no campo e 37% na cidade, onde há em torno de população urbana de Canguçu: 19.696 habitantes com 6.300 residências e no interior do município, 13.463 propriedades rurais. População rural de Canguçu: 33.572 habitantes, calcula-se que existam

aproximadamente 17.175 produtores rurais distribuídos numa área territorial de 3.525,293 km.

Importante dizer também, que no censo de 2010 foi detectado que o município possui o PIB per capita a preços correntes – 11.213,34 reais.

Outro dado importante na composição dos profissionais liberais é sobre as inscrições ativas no Setor de Fiscalização da Prefeitura Municipal em 2015 encontra-se o número de 3.281. Significa dizer que entre esses números encontram-se o comércio, indústrias, farmácias e prestadores de serviços, bem como os 12 profissionais de barbeiro, 22 salões de beleza e 44 cabeleireiros autônomos.

CAPÍTULO 10 - A INVISIBILIDADE DO NEGRO

“Enganaram-se os que pensavam que o Supremo Tribunal Federal iria ter um negro submisso, subserviente.”

Joaquim Barbosa

Não tem como falar do negro sem falar em Joaquim Barbosa, o primeiro negro a assumir a presidência da mais alta Corte do país. É um homem que preza pela independência, nasceu em Paracatu, cidade do noroeste mineiro, erguida com o suor escravo.

Desde pequeno, nunca foi de baixar a cabeça. Primogênito dos oito filhos de um pedreiro e uma dona de casa. Nas décadas de 1950 e 1960, a segregação racial persistia, porém, fazia questão de ocupar os mesmos espaços dos meninos brancos.

Ele não aceitava ser barrado por causa da cor, e descontava qualquer discriminação nas notas. Deixava os filhos dos fazendeiros pra trás na escola — recorda o amigo.

Espero que o leitor não se surpreenda com o breve resumo de um assunto tão instigante a respeito de um dos períodos mais vergonhoso na História do Brasil, ligada à exploração e tirania ocorrida no período da escravidão. Claro, houve tentativas de esconder nos porões dos fatos passados, quando buscaram exaltar que a construção do Rio Grande do Sul¹⁹ foi obra exclusiva de imigrantes europeus. Isso se deu porque a história foi injusta durante muito tempo com a inestimável contribuição dos negros as quais permaneceram esquecidas até pouco tempo e agora estão sendo resgatadas por alguns pesquisadores e estudiosos do assunto.

Um exemplo disso, segundo Vargas (2007), a única homenagem ao negro existente na capital do Estado encontra-se no espaço público renomeado como Largo Zumbi dos Palmares - em homenagem recente ao maior líder da resistência antiescravista -, e um busto de João Cândido, líder dos marinheiros rebelados na Revolta da Chibata, em 1910.

¹⁹ **Fonte:** INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Praça da Alfândega: Porto Alegre-RS. Programa Monumenta. Brasília: IPHAN, 2007. Série Preservação e Desenvolvimento. p. 81-83

Provavelmente, os motivos da invisibilidade negra tenham ocorrido pelo constrangimento da literatura tradicional em registrar a condição da escravidão inegável do negro na história. Resultando que até recentemente o negro apareceu quase como um objeto sem importância na paisagem do Brasil.

Assim, a corrente negra iniciada em 1559, ano que chegaram ao Brasil; os negros foram trazidos como mercadoria pelos portugueses, que escravizavam os africanos nas ilhas do Atlântico: Madeira, São Tomé, Cabo Verde, Açores, sob os olhos inescrupulosos da igreja e das autoridades.

Uma vez no Brasil, seus descendentes estiveram em todas as expedições de conquista do território. Chegaram ao Rio Grande do Sul, quando o bandeirante Raposo Tavares no final de 1635, explorou os vales dos rios Taquari e Jacuí. Da mesma forma, em 1680, ano da fundação da Colônia de Sacramento, através da expedição que tinha por comandante Manoel Lobo, segundo registros trazia 200 militares, três padres e 60 escravos negros, dos quais 41 escravos pertenciam ao comandante.



Modelo²⁰ Germano Manoel da Motta,

Negro Liberto, retrato Bernardim Beto, fotografia de Virgílio Calegari. Fotografia de 1937.

Acevo do Museu Joaquim Felizardo/Fototeca Sioma Breitman in [http://www.antropologia.cat/files/Quaderns-e16\(1-2\)_Marocco.pdf](http://www.antropologia.cat/files/Quaderns-e16(1-2)_Marocco.pdf).

É a partir do desenvolvimento das charqueadas - que começa em 1780, com ocupação da área de Pelotas, que o tráfico negreiro começa a tomar volume. Encontravam-se concentrados em duas áreas principais. A primeira era ao longo da estrada dos tropeiros, que ligava o extremo sul do Rio Grande ao resto do

²⁰ A fotografia chegou a Porto Alegre em 1853 com o imigrante italiano Luiz Terragno, este, mais dedicado às paisagens urbanas do que aos tipos populares. Nos anos seguintes chegariam os Irmãos Ferrari, Virgílio Calegari, Colembush.

país, pelo roteiro Rio Grande-Mostardas-Porto Alegre-Gravataí-Santo Antônio da Patrulha-Vacaria, ao longo do qual se localizavam as maiores estâncias.

Durante muitos anos, esta região, distante e hostil, denominada Continente, foi utilizada para os escravos rebeldes ou preguiçosos do centro do Brasil, sendo estes enviados para este local, considerado por eles um autêntico degredo na solidão verde do pampa, isto é, pior que o inferno. Por outro lado, não impediu que se tornasse abrigo para os escravos que fugiam do cativeiro de outros estados, Uruguai e Argentina, tornando-se assim os denominados chagadores, como foi o caso de alguns índios e espanhóis vindos do Uruguai e Argentina.

Assim, deu-se o início da colonização negra no Rio Grande do Sul, estendendo-se para o Prata clandestinamente. O negro marcou sua presença, indelevelmente, na História, na Geografia, no folclore, no linguajar, nas artes, no esporte e na política. Na história, há uma notável participação dos negros durante a Guerra dos Farrapos e na Guerra do Paraguai. Nesta última, lutaram substituindo o sinhozinho branco e, após a vitória, recusaram-se a voltar para o Rio Grande.

O negro em Canguçu

Em Canguçu, os primeiros registros dão conta da presença negra no trabalho da Real Feitoria do linho cânhamo em Canguçu Velho de 1783 a 1789. Segundo Coronel Cláudio Moreira Bento (2007) quarenta e quatro escravos vieram da Fazenda Real de Santa Cruz no Rio de Janeiro, local que pertencera aos jesuítas, após, passou para a Família Real.

Os referidos escravos permaneceram em Canguçu durante cinco anos juntamente com os filhos nascidos em Canguçu Velho conforme relação a seguir:

- 1- Prudêncio de Assunção e Anna de Santana (pais de Maria e Laurina).
- 2- Ignácio Pestana e Úrsula (pais de Pedro, Joaquim e Aurea).
- 3- Severino Cordeiro e Ângela Maria (pais de Pedro).
- 4- Estanislau da Cruz e Natária da Trindade (pais de Rosa e Hipólito).
- 5- João Rodrigues e Josefa Maria (pais de Anna e Angelina).
- 6- João Honorato e Francisca da Conceição (pais de Manoel e Maria).
- 7- Bento Correia e Maria Pereira (pais de Maria e Lourenço).
- 8- Ignácio de Lima e Maria das Promessas (pais de Francisca e José).
- 9- Nicolau Teixeira e Gertrudes do Rosário.
- 10- Clemente Pereira e Ana Tavares (pais de Francisco).
- 11- Apolinário Cardoso e Elenna da Cruz (pais de Salvador e Leonor).

12. Antônio Pereira e Maria Rosa.
 13. Gordeiro Pereira e Joana Baptista (pais de Marcos e Maria).
 14. Bazilio de Andrade e Maria da Batalha (pais de Manoel e Sebastião).
 15. Florentino Cardoso e Rita Maria (pais de Francisco e Marta).
 16. José de Anchieta e Úrsula das Virgens.
 17. Felipe de Santiago e Simeana das Virgens (pais de Maria e Domingas).
 18. Thomas Gomes e Paula Francisca (pais de Ana).
 19. Manoel de Jesus Francisco (peão).
- Bento (2014).

Ainda, segundo Bento (2014), o mesmo caso aconteceu com outros 38 (trinta e oito) escravos enviados para a Real Feitoria de Canguçu, 11 (onze) escravos e 27 (vinte e sete) escravas confiscadas num contrabando da África para Rio Grande. São os seguintes: “*Lourenço Ladino, Caetano Ladino, Matheus Novo Rebolo, Manoel Canguela, Domingos Rebolo, Domingos Mukumba, Antônio Camondongo, José Mukumba, Manoel Ganguela, 1 negro e um moleque por batizar*”. Bento (2014).

Da mesma forma que as escravas apreendidas na diligencia tinham os seguintes nomes:

“Luzia Ladina, Luzia nova Benguela, Josefa Ganguela, Anna Canguela, Maria Songo, Suzana Ambaia, Dominga Canange, Ana Congo, Maria Congo, Maria Benguela(I), Joana Benguela, Maria Canguela, Maria Canguela(II), Joana Angola, Maria Benguela(II), Maria Benguela(III), Ana Benguela, Maria Benguela(VI), Tereza Angola, Francisca Benguela, Maria Canguela, Maria Benzoela, Maria Benguela(V), Joana Mukumba e Maria Canguela”.

Bento (2014).

Cabe salientar que mesmo com a transferência da Real Feitoria do Rincão do Canguçu em 1788 para Faxinal da Courita em São Leopoldo localidade conhecida atualmente como Feitoria, Canguçu, os senhores continuaram a ter escravos trabalhando nas propriedades. Dependendo do tamanho das estâncias os escravos poderiam desempenhar os mais diferentes ofícios tais como: agricultores, campeiros, bem como escravos domésticos nas residências dos senhores mais abastados.

O levantamento feito pelo Almanaque da Província do ano de 1887, constatou que Canguçu ocupava o segundo lugar em número de escravos da Província do Rio Grande do Sul por município conforme relação a seguir:

Rio Grande 844, Canguçu 839, Encruzilhada 645, Cachoeira 464, São José do Norte 408, Piratini 391, Pelotas 341, Caçapava 323, Gravataí 279, Herval 258, Santa Vitória 255, Santo Antônio da Patrulha 252, Rio Pardo 232, São Jerônimo 225, São Francisco

de Paula 225, Osório 220, Santo Amato 109, São Martinho 157, São Sepé 153, Jaguarão 142, Soledade 140, Cruz Alta 131, Dom Pedrito 117, Pinheiro Machado 112, Lagoa Vermelha 93, Bagé 82, Arroio Grande 73 e Porto Alegre 58.

FONTE: Revista do Centenário de Pelotas e Arquivo Nº 2- Museu Histórico Municipal Capitão Henrique José Barbosa.

Uma curiosidade ocorrida em Canguçu no tempo da escravidão é que havia dois cemitérios, um para os estancieiros e familiares e outro para os escravos conforme fotografia a seguir do 4º distrito de Canguçu.



Créditos de Juliano M. Aguiar – 07 de outubro de 2011.

Torna-se desnecessário dizer que a palavra Liberdade significa muito para o povo negro. Também foi o nome dado a um cerro que ficava ao lado do Esporte Clube Cruzeiro, onde em 1870, foi formada uma comissão municipal para festejar o fim da Guerra do Paraguai. Nela muitos canguçuenses participaram sob o comando de Teófilo de Souza Matos. Os dirigentes da época quiseram simbolicamente antecipar a Lei do Ventre Livre, libertaram duas escravas que contavam com a idade de 7 e 9 anos chamadas de Elvira e Maria da Conceição. Para dar mais ênfase ao ato impuseram o nome de Cerro da Libertada, mesmo sem a aprovação de muitos canguçuenses.

O cerro da liberdade foi demolido em nome do progresso, provavelmente ao final da década de setenta e início dos anos oitenta, servindo para aterrizar o Superporto do Rio Grande. Podem ter retirado suas matas, vegetação e o excelente saibro.

É conveniente destacar o interesse dos pesquisadores a respeito da condição do negro no Brasil e em Canguçu; um dos trabalhos surgidos nos últimos tempos foi de Ubirajara Soares Monteiro intitulado: *As Experiências da Escravidão e Alforrias na Cidade de Canguçu/Rs (1800-1888)*. UFPel. O autor destaca que o negro chegou a Canguçu antes das charqueadas, mostra também que o negro participava na cidade em igualdade com o liberto.



Procissão na Freguesia de Canguçu - 31 de janeiro de 1912.

Embora exista uma distância de vinte e quatro anos entre os estudos de Monteiro e a foto acima, pode se notar a integração étnica da comunidade canguçuense, bem como a participação do negro no culto católico, apontada também por Neves sobre os primeiros habitantes de Canguçu.

Os negros e as Comunidades Quilombolas Rurais

Não se constitui em coincidência que Canguçu possui um número expressivo de concentração de comunidades quilombolas, já que como foi visto, no passado foi um dos municípios com maior número de população escrava.

Atualmente pode-se dizer que uma das principais dificuldades enfrentadas pelas comunidades quilombolas rurais no município são de ordem

socioeconômica, a dimensão reduzida das terras ocupadas e a falta de alternativas para a geração de renda.

A regularização dos seus territórios é, sem dúvida, uma etapa importante para reverter esse quadro de dificuldades, conforme pode ser verificado a seguir onde mostra as 438 famílias, que vivem nas comunidades quilombolas, devidamente registrados pelas legislações vigentes.

FAMÍLIAS QUILOMBOLAS EM CANGUÇU

Nº	Nome da Comunidade	Localização Distrito	Nº de Famílias
01	Armada	5º	54
02	Cerro da Boneca	1º	41
03	Cerro das Velhas	5º	58
04	Cerro da Vigília	3º	44
05	Estância da Figueira	2º	11
06	Favila	1º	36
07	Iguatemi	2º	18
08	Manoel do Rego	1º	25
09	Moçambique	3º	53
10	Passo do Lourenço	4º	44
11	Potreiro Grande	2º	30
12	Faxinal	3º	24

Fonte: Secretaria Municipal da Cultura de Canguçu, 2013.

Diante do exposto, as comunidades remanescentes de quilombos no município, caracterizam-se por serem de predominância negra, rurais, com atividades sócio-econômicas que integram a agricultura de subsistência, pecuária tradicional (pequena quantidade de animais de pequeno, médio e grande porte), de uso local, posto que os arranjos dos sistemas produtivos tradicionais de cada uma dessas comunidades dependem principalmente das potencialidades produtivas do meio ambiente onde estão inseridas.

Negros e Pomeranos – uma história diferente

Um dos trabalhos que retratam o contexto dos negros e pomeranos da atualidade diz respeito à dissertação de mestrado intitulado “A memória na

construção de identidades étnicas: Um estudo sobre as relações entre “alemães” e “negros” em Canguçu”, mais especificamente na localidade de Solidez, 1º distrito, cujo estudo teve como resultado do trabalho de Dilza Porto em 2008, onde trata das relações existentes entre os dois grupos étnicos tão diferentes na cultura, mas ligados por fortes laços de amizade evidenciados nas manifestações religiosas Luterana e na língua, isto é, os negros sabem falar o dialeto pomerano.

Fato que também chamou atenção do Jornal Folha de São Paulo, que publicou uma matéria intitulada “Luteranos mantem igreja só para negros há 85 anos no Sul”, no dia 28 de janeiro de 2014, considerando o fato uma raridade por não haver registros de outro grupo com as mesmas características.

No quarto domingo da Quaresma, em março, a **Folha** visitou um culto da congregação Manoel do Rego, fundada em 1927. A maioria dos 28 presentes, de sobrenomes Silva, Borges e Souza, era negros quilombolas.

Perto dali, andando por uma estrada de terra margeada por casas simples do distrito de Solidez, chega-se à congregação Redentora, dos alemães. O pastor de ambas as igrejas é Edgar Quandt, 62, descendente de europeus. Jornal Folha de São Paulo (2014).

O Jornal consultou o professor Ricardo Rieth, da Universidade Luterana do Brasil, o qual considerou o caso de Canguçu um fato isolado, pois as igrejas luteranas não permitiam a entrada de negros. O fato que acontece atualmente é que as duas congregações realizam festas e outras atividades conjuntas. Um exemplo é o coral masculino da congregação Redentora onde participam integrantes das duas comunidades.

CAPÍTULO 11- OS POMERANOS

Embora a história não aponte contribuições efetivas dos pomeranos em Canguçu, povo havia se erradicado na Colônia de São Lourenço, fundada em 15 de janeiro de 1857, por Jacob Rheingantz somente treze dias antes da criação dos municípios gêmeos de Canguçu e Passo Fundo. À medida que foram se adaptando ao Brasil, foram se expandindo e adquirindo terras principalmente no segundo distrito de Canguçu.

Quanto à característica dos pomeranos assim como o caso dos alemães haja visto que fique claro que Pomerano não é Alemão. Sua diferença principal está na língua onde segundo os estudos de Ismael Tessmann da Faculdade da Região Serrana, o Pomerano pertence a uma língua baixo-saxônica, isto é, uma língua saxônica das terras baixas da região do Mar Báltico.

O mesmo autor diz que da mesma forma integram o grupo das línguas baixo-saxônicas o Vestfaliano, o Platt Menonita, o Saxônio, o Neerlandês, entre outras. O Inglês e o Escocês são, por sua vez, línguas anglo-saxônicas, também aparentadas com o Pomerano.

Já o Alemão pertence a outro grupo de línguas; descende do Alto-Alemão (das regiões altas, montanhosas da Alemanha e da Suíça). As variedades linguísticas do Pomerano que mais se firmaram no Espírito Santo e em Canguçu foram as provenientes da Pomerânia Oriental, trazidas pelos imigrantes procedentes daquela região a partir da segunda metade do século XIX.



Fonte: <http://cguemquestao.blogspot.com.br/2010/07/aula-no-herval-em-1929.html>,
 acesso em 02 de março de 2015.

O intitulado Professor Alemão - Português Erico, oitenta e seis anos atrás, mais precisamente no dia 16 de março de 1929, conta que foi inaugurada na localidade do Herval, 2º distrito de Canguçu uma aula subvencionada estadual, escola improvisada. Nota-se na foto que o primeiro quadro está escrito em alemão e o quadro abaixo, em português. Atualmente, a referida escola chama-se Escola Estadual de Ensino Médio Alberto Wienke.

No Brasil, os alemães e os pomeranos eram vistos como frios, embora fossem apontados como alemães, só que de origem mais simples, pobres, e de menor nível cultural, na maioria exercendo a profissão de agricultores, com destaque na produção de batatas, onde por diversas vezes Canguçu ocupou a posição de maior produtor de batata e milho do Rio Grande do Sul. Entre outras culturas: sua atividade, no momento, está muito diversificada e nos últimos anos tem sido um pouco melhor remunerada desde que começaram a plantar fumo.

A histórica Pomerânia era de região rica e variada, por ter permanecido sob o domínio de diferentes potências ao longo dos séculos. Compreendia uma faixa de terra que se estendia ao norte da Polônia, ao longo do Mar Báltico e se prolongava Alemanha adentro na região de Mecklenburgo; teve suas condições políticas diversas vezes alteradas durante a formação do Estado Alemão.

No período compreendido entre 1186 a 1806. Alemanha esteve sob o domínio do Sacro Império Romano-Germânico. Com a dissolução deste império em 1806 por Napoleão Bonaparte, a Pomerânia tornou-se parte da Prússia.

Na tentativa de russificar à força os poloneses e os demais povos que estavam no território, a Prússia forçaram a emigração de centenas de milhares de pomeranos. Alguns se refugiaram na Alemanha e muitos procuraram outros países. Os que ficaram se miscigenaram rapidamente a fim de evitar as perseguições. Assim, pode-se dizer que não existem pomeranos em suas áreas de origem. Perseguidos por todos os lados, os que ficaram na Europa perderam todos seus traços culturais, inclusive o dialeto que é considerado oficialmente morto.

Em 1919, a Pomerânia foi anexada pela Polônia e assim permaneceu até 1939, no início da Segunda Guerra Mundial, quando foi tomada pela Alemanha. Com o fim da Segunda Guerra, seu território foi dividido entre a Alemanha e a Polônia.

Alguns historiadores dizem que depois da derrota alemã na Segunda Guerra Mundial, a fronteira polonesa-alemã foi deslocada para oeste linha Oder-Neisse e toda a Pomerânia ficou sob controle militar soviético. Outros dizem que a população alemã dos territórios a leste da nova linha de fronteira foram expulsos e a área foi repovoada primariamente com poloneses (alguns anteriormente expulsos de Kresy) e ucranianos.

O certo é que a maior parte da Pomerânia Ocidental (*Vorpommern*) permaneceu em território da Alemanha e atualmente forma parte do estado de Mecklenburg-Vorpommern, enquanto a parte polonesa da região é dividida entre West Pomeranian Voivodeship e Pomeranian Voivodeship, com suas capitais em Estetino (em alemão *Stettin*, em polonês *Szczecin*) e Gdańsk (Danzig em alemão), respectivamente. Durante os anos 1980, o movimento Solidarnosc e Die Wende derrotaram o regime comunista implantado durante a época da Guerra Fria e atualmente a Pomerânia é governada democraticamente.

Esses fatos aqui citados são importantes para se compreender que os Pomeranos residentes nos estados de Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul não são alemães, uma das diferenças vivas atualmente diz respeito à língua.

Existem duas línguas não aparentadas chamadas de pomerano, originalmente faladas na região da Pomerânia, dividida atualmente entre a Alemanha e a Polônia:

- O *Pommersch*, língua germânica;
- O cassubiano, língua eslava.

A forma germânica está praticamente extinta na Europa, porém viva no Brasil, principalmente nos estados do Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Pomeranos Brasileiros

Muitas razões fizeram os pomeranos imigrarem para o Brasil. Além das perseguições sofridas pelo regime czarista que ocupava a Prússia a pobreza e a falta de terras, problema agravado devido ao *morgatio*, uma lei que estipulava que a distribuição de terras por herança teria como beneficiário apenas o filho mais velho. Aos outros filhos restava a possibilidade de se empregar em grandes propriedades ou emigrar, opção adotada pela maioria. Porto (2008).

Perseguidos por todos os lados, os que ficaram na Europa, perderam todos seus traços culturais, inclusive o dialeto que é considerado oficialmente, morto. Recentemente existe um movimento para recuperar o idioma.

O pomerano é falado apenas no Brasil, e uma das colônias mais importantes está no Rio Grande do Sul, em Harmonia localizada entre São Lourenço do Sul e Canguçu considerada a região mais “Pomerana” do Estado. Outras estão em Santa Catarina e Espírito Santo. Mas, se falamos o dialeto, os pomeranos não podem escrevê-lo corretamente. Desconhece-se a grafia do pomerano. Algumas pessoas apenas conseguem reproduzir os sons, e quando isso acontece somente outro pomerano pode entender alguma coisa. Entre as crianças, nem todas conseguem falar a língua dos pais.

Percebe-se que além de falar a língua portuguesa, há muitos habitantes que utilizam a língua pomerana no município. Segundo os estudos de Porto (2008), existem estimativa de existirem 20.738 luteranos integrantes de aproximadamente 70 comunidades, o que significa um número próximo aos 40% da população do município, possui alguma veia da cultura pomerana.

Pode-se perceber também que, atualmente, em Canguçu a região urbana também está se beneficiando desta etnia. Podem ser observadas no comércio local, hotéis, restaurantes, lojas de confecções, decoração, consultórios médicos e dentistas, oficinas mecânicas, supermercados e outros estabelecimentos ligados ao comércio e prestação de serviços.

Cabe ressaltar que a mistura racial fez com que, entre os pomeranos, não predominem os louros. Predominam homens e mulheres com cabelos pretos. Com pouco tempo para a diversão, a vida comunitária não é tão rica quanto a dos alemães: não se festeja o kerb (a festa mais importante dos alemães, ocorrida em cada comunidade no aniversário da inauguração da igreja, seja ela católica ou protestante) e não há o tiro-rei (festival de tiro, ao final do qual se escolhe o rei do torneio, fazendo-se um desfile pela cidade, seguido de grande festa). O canto coral é menos disseminado, embora seja importante.

Pomerânia: cultura, costumes e trajes típicos

A Artista Plástica e professora de história da arte é estudiosa do folclore brasileiro, Patrícia Pacheco Campos (2011), mostra por meio de esculturas modelada em argila, queimadas em alta temperatura e pintadas à mão os Grupos Folclóricos de Santa Catarina e Espírito Santo, a cultura Pomerana através dos costumes, trajes típicos representados nas belezas vistas nas apresentações e desfiles das festas típicas, os trajes provenientes da costa do Mar Báltico, interior da Pomerânia, Alemanha.

Malwee - Regenwalde Tanzgruppe



O traje pomerano acima é de uma região próxima ao rio Rega onde os camponeses adoravam um deus branco chamado “Bialabog”, considerado um deus da benevolência, com espírito branco.



Malwee - Regenwalde Tanzgruppe

Este modelo é um “Oberschlesientracht”, um traje de Oppeln, região norte da Alemanha, próxima à Antiga Pomerânia. É um traje festivo e o bordado no corpete feminino significa a árvore da vida, pois germina, cresce e morre.

Noiva Pomerana



O traje preto considerado de extrema elegância, foi influência das aristocracias espanhola, inglesa e irlandesa. O vestido era usado em dias solenes (advento, natal, páscoa, batizado e enterro). As mulheres pomeranas, no seu dia

de bodas, vestiam-se como princesas. A fita verde na cintura simboliza a fertilidade e devoção ao paganismo.



Malwee - Regenwalde Tanzgruppe

Modelo utilizado pela categoria infantil do Pyritzer Weizacker, um traje pomerano. Este traje demonstra a riqueza dos colonos que o possuíam. Quanto mais rico o colono era, mais rico era seu traje em detalhes e o da sua esposa também.



Dirndl – Traje do dia-a-dia

O modelo acima é um “dirndl”, usado principalmente na Áustria e Baviera. Ele é usado como um vestido de dia-a-dia, principalmente por mulheres mais velhas em áreas rurais. Mulheres jovens podem usá-lo em ocasiões formais e

durante eventos tradicionais como a Oktoberfest e festivais semelhantes no sul da Alemanha, Áustria, Brasil, Canadá e Estados Unidos.

Camponesa Pomerana



Os pomeranos como eram agricultores, a maioria sem terras, trabalhando nas lavouras dos nobres e cheios de filhos, não possuíam bens. Não restava senão fazer das sacarias suas roupas. Como não havia cores claras e nem coloridas, como conhecemos, as tinturas eram sempre marrom claro, escuro e um azul escuro opaco.

Camponesa Pomerana





Noivo Pomerano

O noivo usava terno preto com colete, chapéu de feltro, lenço branco no bolso e um ramalhete de alecrim no paletó.

CAPÍTULO 12 – RUBEN E SEUS AFETOS

"Aquele que conhece verdadeiramente os animais é por isso mesmo capaz de compreender plenamente o caráter único do homem." (Konrad Lorenz).

Atualmente, os interesses em estudar a relação entre os seres humanos e os animais domésticos são maiores. Entre os interessados pode-se citar os estudos da Psicanalista e Psicoterapeuta Silvana Lance (2013), que defende a ideia de que houve mudança na família pela maior aproximação e entendimento do homem com seu animal de estimação.

Segundo a mesma autora, pesquisas mostram que a prática de domesticar animais segundo os restos encontrados no sudoeste da Ásia, na China e na América do Norte existe desde que o homem aprendeu a cultivar vegetais cerca de 12.000 mil anos. A história conta também, que os lobos asiáticos foram os primeiros animais a serem domesticados e que os mesmos sofreram modificações no físico ao longo do tempo e hoje são animais muito selvagens para viver ao lado de seres humanos e foram substituídos por cachorros, cavalos, porcos, ovelhas, galinhas entre muitos outros.

Ruben é proprietário de um sítio há poucos quilômetros da cidade onde passa as férias e finais de semana com a esposa Olga, local em que sempre procurou acolher animais de estimação e dividir com eles momentos de cumplicidade e afetos, como foi o caso de Safira e seu filhotes – Uma perdigueira que o auxiliava nas caçadas, antes de ser proibido pela Lei Federal nº 9.605 de 02 de fevereiro de 1998.



Foto que pertence ao acervo particular de Ruben.

Como pode ser observado a foto a seguir, Ruben e Olga sempre trataram seus animais de estimação como verdadeiros membros da família, com direito a muitas regalias como era o caso de Gisele que residia na área de lazer do casal.



A mula Gisele no Sítio tomando chimarrão. Foto que pertence ao acervo particular de Ruben.

Quando o apego é mútuo, o desenvolvimento de ambos é percebido, Ruben e seus animais de estimação, vivem numa surpreendente relação que encontra diversas formas de comunicação e demonstrações de afeto que se traduzem no entendimento da linguagem do amor universal.



Foto que pertence ao acervo particular de Ruben.



Foto que pertence ao acervo particular de Ruben.

Estudos dizem que a convivência do homem com seus animais de estimação estimula o bom humor, a diversão, combate a depressão, alivia a tensão e traz benefícios para a saúde física e psicológica na visão de Silvana Lance. Também diz que o contato com seu animal de estimação resulta num agradável relaxamento ao corpo e à mente, contribuindo para uma melhor qualidade de vida. No "diálogo" com o bichinho de estimação, a autenticidade de sentimentos também é exercida sem o perigo de magoar ou ser mal interpretado.



Foto do acervo particular do casal: Olga conversando e acariciando a ovelha criada por ela e o Ruben desde pequena.

Diante do exposto podemos dizer que o sentimento de que somos responsáveis e necessários para um ser vivo que depende de nós, cria um forte e duradouro vínculo que pode funcionar como uma terapia.



Foto do acervo particular do casal: Olga se despedindo da ovelha.

Estes seres tão especiais conseguem ser genuinamente solidários com seus donos, numa troca de carinho e devoção sem julgamento que se constitui numa amizade inocente e sincera e não raro, se tornam protagonistas de histórias emocionantes e surpreendentes, dignas de maravilhosas lembranças.



Acervo particular do casal: Animais se despedindo do casal. Foto batida de dentro do carro quando o casal veio do sítio para cidade

Para os animais o amor, respeito e responsabilidade são essenciais, pois apesar de nada pedirem, eles precisam de cuidados incluindo atenção e carinho, eles também possuem afetos, inteligência e receptividade, não respondendo apenas a instintos.



Foto do acervo particular de Ruben.

O vínculo do homem com a natureza torna-se mais forte à medida que usufruímos deste contato tão benéfico que sempre comove com a entusiasmante recepção, lições de afeto, paciência demonstrada nas manifestações de solidariedade de convivência pacífica também com outras espécies.



Foto do acervo particular de Ruben, mostra uma galinha que adotou dois gatinhos rejeitados pela mãe.

Ruben representa um símbolo da responsabilidade que devemos demonstrar na relação de respeito para com todas as espécies, principalmente com os animais de estimação os quais escolhemos proteger, cuidar e amar.



Foto do acervo particular de Rubren: vários Pica paus dormem na área da entrada principal da casa no sítio, quando chegam à noite, da cidade, Ruben e Olga entram pela porta dos fundos para não atrapalhar os “inquilinos”.

CAPÍTULO 13 – CONVERSA COM O ESPELHO

Tua caminhada ainda não terminou...
A realidade te acolhe
dizendo que pela frente
o horizonte da vida necessita
de tuas palavras
e do teu silêncio.

Se amanhã sentires saudades,
lembra-te da fantasia e
sonha com tua próxima vitória.
Vitória que todas as armas do mundo
jamais conseguirão obter,
porque é uma vitória que surge da paz
e não do ressentimento.

É certo que irás encontrar situações
tempestuosas novamente,
mas haverá de ver sempre
o lado bom da chuva que cai
e não a faceta do raio que destrói.

Tu és jovem.
Atender a quem te chama é belo,
lutar por quem te rejeita
é quase chegar à perfeição.
A juventude precisa de sonhos
e se nutrir de lembranças,
assim como o leito dos rios
precisa da água que rola
e o coração necessita de afeto.

Não faças do amanhã
o sinônimo de nunca,
nem o ontem te seja o mesmo
que nunca mais.
Teus passos ficaram.
Olhes para trás...
mas vá em frente
pois há muitos que precisam
que chegues para poderem seguir-te.

Charles Chaplin

Ao utilizar a metáfora do espelho para contar um pouco a história de vida de Ruben, significa colocar-se diante da visão de um profissional que atua há mais de cinquenta anos em Canguçu na mesma profissão. Assim é, como descreve Charles Chaplin quando diz que: “Se amanhã sentires saudades, lembra-te da fantasia e sonha com tua próxima vitória”. Ruben brinca com a possibilidade de observar a cidade, crescer e modificar-se através da porta de sua Barbearia, tendo como parceiros seus dois “macaquinhos” e as lembranças dos

momentos mais importantes testemunhados através de fotografias nas paredes de seu estabelecimento.

Cuida dos cabelos através das gerações de homens que sentaram na cadeira que assim como ele atravessam a história com o mesmo vigor de outrora. Cabelos daqueles que um dia foram criança, desde seu primeiro corte de cabelo, depois acrescentados pelos filhos e hoje pelos netos, do mesmo modo como se repetissem os mesmos cortes de cabelos.

Que força é essa capaz de atravessar o tempo, o mesmo cirandar do vai e vem na moda? Cabelos curtos estilo militar, longos influenciados pelos Beatles, pelo movimento hippies, jovem guarda. A explosão da diversidade a partir dos anos 2000 nos estilos apresentados na Copa do Mundo de 2002, representou uma das mais notadas no caso do “moicano” que persiste até hoje, embora às vezes se apresentem com outras leituras. Não importa o gosto do barbeiro – quem manda é a vontade do freguês.

Segundo informações de moda em 2015, as tendências. Tem tudo a ver com os homens que preferem um cabelo tradicional e clássico. Isto porque a principal tendência é o corte curto. A partir daí, as variações estão no Razor Part, aquele com a divisão lateral marcada com a navalha e outra parte o cabelo clássico dos anos 50, partido de lado e bem comportado, coisas que os jovens adoram experimentar nos cabelos.

Por falar em jovens, Ruben e Olga não tiveram filhos, ou melhor, seus filhos são incontáveis meninos que cresceram ouvindo seus conselhos, normalmente apresentados em forma de histórias que sempre tem um lado cativante de ensinamentos. Isso faz com que mulheres e homens freqüentem a Barbearia se sintam à vontade, sem constrangimentos, sem preconceito de gênero. Diria que é o local mais democrático da cidade porque tanto as mulheres como os homens e as crianças são tratados da mesma forma de alguém que aprendeu a grande lição da vida que é fraternidade.

Os grandes momentos da história da vida de Ruben estão registrados nas paredes da barbearia, onde a todo momento pode olhar para as marcas de momentos por ele vividos com os amigos. Assim, evidenciar os diferentes momentos registrados na música pela Orquestra Sinfônica do avô e sua participação na Típica, tocando máquina de plantar grãos e a afirmação do futebol

pela criação da OPA, é como compreender e transmitir sua vida e sua história contada pela linguagem do povo.

No amor todos os seres são iguais. Ruben compreende bem isso quando demonstra esse sentimento para com os animais que ele e Olga compartilharam durante a vida. É emoção. Quando vemos seus registros fotográficos e quando ouvimos suas histórias com os parceiros que conquistaram pelo afeto, experimentamos estes mesmos sentimentos.

A força do espelho de Ruben se concentra em toda essa capacidade que faz parte da sua essência que é o poder de valorizar elementos sutis como exercitar a nossa capacidade de parar na sua barbearia para um dedo de prosa.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ASSIS, Machado. **O espelho**. Obras Completas de Machado de Assis: Papéis avulsos (Vol. XII), Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson, 1952.

ASSUNÇÃO, Fernando Octavio. **El gaúcho**. Montevideo: Imprensa Nacional, 1963.

BENTO, Cláudio Moreira. **Respingos e Arremates**. In: BENTO, Cláudio Moreira (org.). Revista dos 200 anos de Canguçu. Canguçu. ACANDHIS. 2000.

_____. **Canguçu reencontro com a História: um exemplo de reconstituição de memória comunitária**. Barra Mansa-RJ. 2007.

_____. **O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul. (1635 – 1975)**. Porto Alegre, Grafosul, Instituto Estadual do Livro, 1976.

_____. **Em Canguçu Velho – RS a Sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu 1783-89, Resende – RJ, Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), 2009.**

CONI, Emílio. **Historia de lasvaquerias de Rio de la Plata**. Buenos Aires: Editorial DEVENIR, 1956.

CUNHA, E. Salles. **História da Odontologia no Brazil**. Rio de Janeiro, 1921.

DUTRA, Éder Jardel da Silva. **A Fumicultura no Passo dos Oliveiras, Canguçu – RS: conseqüências na reorganização do setor agrário**. Universidade Federal de Rio Grande/FURG. 2010. (Dissertação de Mestrado).

FARIAS Bruno Martins. **GeoglifosGauchos Um estudo sobre o tropeirismo e as cercas e currais de terra, pedra e plantas do sudoeste do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina**. Pelotas, Gráfica Sem Rival, 2013.

FERREIRA, Aurélio. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba. Positivo, 2004.

GONÇALVES, Dilza Pôrto. **A memória na construção de identidade étnicas: um estudo sobre as relações entre “alemães” e “negros” em Canguçu**. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008, (Dissertação de Mestrado).

GOULARTE, Ceres da Rosa. **PálidosTraços da História de Cangussu**. Pelotas. Editora Livraria Mundial. 2000.

NEVES, Ilka. **Canguçu – RS: Primitivos Moradores, Primeiros Batismos**. Pelotas: Universitária/UFPel, 1998. 390 p.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Praça da Alfândega: Porto Alegre-RS. Programa Monumenta. Brasília: IPHAN, 2007. Série Preservação e Desenvolvimento.

LEITE, Miriam Moreira. (org.) **A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros.** São Paulo: HUCITEC; Editora da Universidade de São Paulo: Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984 (Estudos Históricos, 4).

MEYER, Augusto. **Gaúcho, história de uma palavra.** Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1957.

OLIVEIRA, Auta Sirlei Barbosa de. **Reflexos no Espelho: Gênero Masculino no Magistério.** Pelotas: Faculdade de Educação/UFPel, 2002, (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, Vínicius Pereira de, CARVALHO, Daniela Vallandro de. **Os lanceiros Francisco Cabinda, João aleijado, preto Antonio e outros personagens negros da Guerra dos Farrapos** in

PESSOA, Fernando. Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Organização e introdução de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RHEINGANTZ, Carlos. **Povoamento do Rio Grande de São Pedro: A Contribuição da Colônia do Sacramento. In: Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande (1776- 1976).** Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/Instituto de História e Geografia Militar do Brasil, 1979. v.2.

RÖLKE, Helmar Reinhard. **Descobrimos raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia.** Vitória: UFES. Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1996.

SANTOS, André F. dos; EICHOLZ, Eberon Diedrich & NEVES, Everton. **Agricultura Familiar Semente da Esperança.** Canguçu: Menestrel Editora, 2006. 140 p.

SANTOS, Filho, Licurgo de Castro. **História geral da medicina brasileira.** São Paulo: HUCITEC; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. 436p.

SALLES CUNHA, E. **“A profissão de dentista no séc. XVIII”** in História da Odontologia no Brasil, Rio de Janeiro, Impresso em. Fernandes &Rohe, 1931, p 27.

VARGAS, Pedro Rubens. **RS Negro Cartografia O Percurso da Memória.** Praça da Alfândega: Porto Alegre - RS. Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2007.

Eletrônicas

BOND, Rosana. O Massacre de Porongos faz 164 anos. Disponível em <http://www.anovademocracia.com.br/no-48/1916-o-massacre-de-porongos-faz-164-anos>. acesso dia 10 de fevereiro de 2014.

Estações Ferroviárias do Brasil. Canguçu (1952-1963). Disponível em http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_bage_riogrande/cangucu.htm. Acesso em 19 de abril de 2014.

CASSOL, Daniel. Luteranos mantêm igreja só para negros há 85 anos no Sul. Jornal Folha de São Paulo – 28 de janeiro de 2014.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/> acesso em 13 de fevereiro de 2015.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Praça da Alfândega: Porto Alegre-RS. Programa Monumenta. Brasília: IPHAN, 2007. Série Preservação e Desenvolvimento. p. 81-83

RS negro [recurso eletrônico]: **cartografias sobre a produção do conhecimento**. Organizadores SILVA Gilberto Ferreira da, SANTOS José Antônio dos. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

JC Francez. Mundo da Beleza. Origens da profissão de cabeleireiro. 2009. Disponível em <http://www.francez.com.br/2009/04/origens-da-profissao-de-cabeleireiro.html> acesso dia 01.02.2012. Acesso em 10 de fevereiro de 2013.

Jornal Vicentino. A profissão de barbeiro resiste ao tempo. Setembro, 7. 2006. Disponível em <http://www.jornalvicentino.com.br/home/2006/09/07/profissao-de-barbeiro-resiste-ao-tempo>. Acesso em 17 de fevereiro de 2013.

História da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Disponível em <http://genealogia.prati.com.br/Genealogia/imigracao2.htm> acesso dia 18 de abril de 2014.

LANCE, Silvana. Afetividade homem & Animais de Estimação. Disponível em www.clinicapsicabc.com.br Acesso em 10 de fevereiro de 2014.

PINHEIRO, Cairo Moreira. Canguçu por Cairo Moreira Pinheiro. Disponível em http://cairopinheiro.blogspot.com.br/2008_01_01_archive.html, acesso em 18 de abril de 2014.

PINTO Joaquim. Os barbeiros e suas histórias. Disponível em <http://joaquim-pinto.blogspot.com.br/2009/12/os-barbeiros-e-sua-historia-no-seculo.html>. acesso em 28 de janeiro de 2015.

RECCO. Cláudio. O Tropeirismo no Brasil. A Atividade dos Tropeiros. Disponível em <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=496>. Acesso em 09 de dezembro de 2014.

SOARES, Tiago. Canguçu, A História de uma Princesa dos Tapes. Galeria de Imagens. Disponível em <http://ahistoriadeumaprincesadostapes.blogspot.com.br/>, acesso em 09 de dezembro de 2013.

SOUZA, Paulo. Digo Buenas e me Espalho, Trajes fundamentais da indumentária gaúcha. Disponível em <http://www.jornaltradicao.com.br/site/content/colunistas/index.php?post=282> acesso dia 18 de fevereiro de 2013.